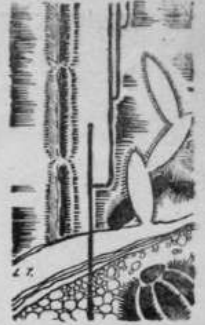




# NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

## Lembrança de JOSÉ MINDELO

Luiz Delgado

MINHA aproximação maior de José Mindelo ocorreu quando eu tinha quinze e dezesseis anos de idade. Luto, por isso, agora, com a imprecisão de lembranças quase infantis, quando procuro dar um depoimento sobre esse companheiro de muitas horas ingênuas, para sempre perdidas. Quantos conheçô-ram, hoje, o seu nome e quantos, dentre os que o conheceram, ainda o recordam? Mas, eu me sinto, um pouco no dever de prestar um testemunho sobre o seu coração.

Entre os rapazes de seu círculo, em Olinda, José Mindelo tinha fama de exquísito. Sua absorvente preocupação de literatura, o contraste entre o erotismo de aparência bilagueana dos seus primeiros versos — que não cheguei a conhecer — e o tímido ascetismo de sua conduta cotidiana, e certo amor, de que o acusaram, aos termos difíceis, — isolavam-n'o de intimidades maiores. Louvavam-lhe, em regra, os sonetos que achavam bonitos, mas não lhe faziam companhia. Foi, então, que o encontrei, não sei por que intermédio ou em que circunstâncias. E como eu vivia, por meu lado, distante dos companheiros de colégio e agarrado só às minhas leituras, nossa ligação cresceu, apesar de ser ele mais velho do que eu, uns dez anos.

Depois, matriculando-me na Faculdade de Direito e obrigado a vir para o Recife não só para as aulas senão tam-

bém para os empregos, fui perdendo contacto com o poeta.

Surgiram, aliás, outras influências: apegado exclusivamente ao soneto, Mindelo não se deu bem com a simpatia que dediquei a certos modernismos, dentre os que floresciam então. Não sei até onde, levado por inquietações espirituais, aderiu a esoterismos ou panteísmos lidos em livros que eu antipatizava. Mas, sobretudo, um noivado ou paixão amara-se que o enervava e magoava, enchia-lhe o tempo e o ser.

Acabavam-se os nossos longos passeios nas praias ou no alto da Sé, nossas longas demoras no Carmo, como se acabaram também as reuniões do "Ateneu Olavo Bilac", com Raimundo Diniz, os irmãos Toscano Barreto, Alcindo Pedrosa e outros. Passei a ver somente de longe em longe o amigo que me levava à casa de Lucilo Varejão — o primeiro escritor de nome feito a quem conheci de perto e que me trouxe, aliás, para a vida de imprensa. E confesso que, ao encontrá-lo, Mindelo, às vezes, constrangia-me: estava cada vez mais atribulado, mais melancólico; alguns movimentos de revolta faziam-no parecer agressivo. Fechado demais nas suas angústias ou procurando saídas fáceis que ainda mais lhe abalavam o corpo frágil e o espírito triste. E eu não tinha a maturidade nem tive a caridade necessárias para entender essas coisas.



Vista geral do Museu de Arte Sacra da cidade de Goiana, organizado pelo sr. Lauro Raposo, atual prefeito daquela antiga cidade pernambucana

Até que, um dia, veio-me, creio que retardada, a notícia de sua morte.

Faltaram-me entendimentos com a sua família humilde, esquivada ao meu trato bisonho. A lembrança de nossa amizade trouxe, porém, até mim, algumas vezes, uma irmã sua. E a ela devo ter-me confiado o caderno em que Mindelo colava as poesias de sua lavra, publicadas em jornais e revistas, principalmente A Serra, de Timbaúba. Os manuscritos, os papéis em que ele deixara os poemas que fazia quase incessantemente, de dia e de noite, — estavam perdidos. Creio que tudo quanto resta do lírico sonhador é esse volume maltratado que olho agora e sua irmã me deu indagando:

— Que é que eu posso fazer com isso?

Haverá, por certo, numa ou noutra estante, o poemeto A Sombra das Árvores que ele publicou aí por 1924. Mas, os ventos da penúria e da doença dispersaram a quantidade realmente enorme dos versos de Mindelo, deixando-me como legatário do quinhão remanescente das folhas secas do seu sonho.

Mesmo a minha memória traiu-o, de certa maneira.

Guardei de cór durante muito tempo um soneto que achei dos mais expressivos da arte e do espírito de Mindelo. Ante o meu aplauso ao ouvi-lo pela primeira vez, o poeta dedicou-o a mim. Não sei se chegou a ser publicado pois não o encontro no caderno que possuo. E

debalde tento reconstruir a segunda estrofe do soneto que, com essa falha, é o seguinte:

"Eu vi cair a tarde e a noite en-  
[cher o espaço,  
daqui, sem movimento, inerte, ab-  
[sorto assim...  
E, envolvendo-me o ser extranha-  
[mente lasso,  
uma sombra desceu, piedosa, só-  
[bre mim".

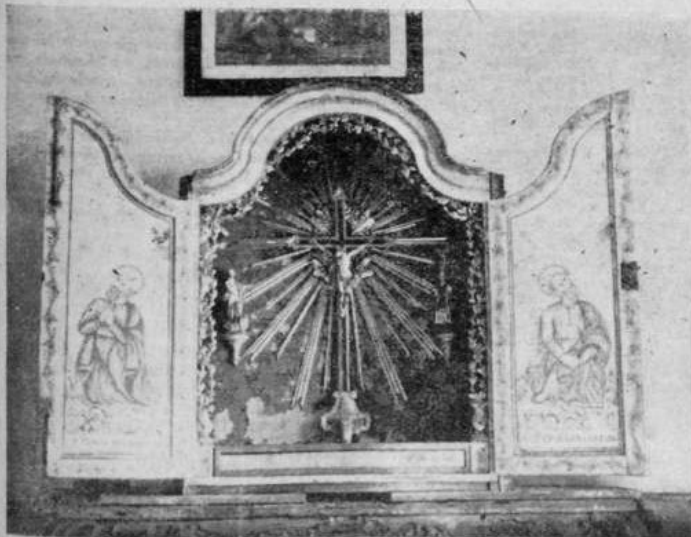
Aqui, os versos de que não me lembro. Sei apenas que o poeta afirmava ter abençoado o silêncio e o tédio, ao sentir que:

"... passo  
a vida, sem saber aonde vou, de  
[onde vim.

Desbaratando o ser em ânsias de  
[conquista,  
deixo-me envelhecer, no desdém  
[idealista  
de quem sorri de mofa ao mundo  
[material.

E vi que a tarde tinha, a cair mau-  
[samente,  
a tristeza de mais um dia que se  
[sente  
inútil para o Bem e inútil para o  
Grande prática dera-lhe a habilida-  
[Mal".

(Continua na pag. 4)



Santuário do Museu de Arte Sacra, de Goiana, internamente dorado, apresentando as figuras de São Pedro arrependido e São Paulo convertido

# TÓPICOS

Jorge de Lima no Recife

Muito grato ao Recife foi receber a visita do poeta, romancista e pintor Jorge de Lima, irmão do poeta Mateus de Lima, que há tantos anos reside nesta capital. Nome nacionalmente conhecido, o poeta alagoano Jorge de Lima tem sido muito visitado pelos intelectuais pernambucanos e pelos seus leitores.

Realizou também uma hora de poesia, no salão de conferências da D.D.C. e anunciou uma exposição de pintura que esta revista vai ter a honra de patrociná-la. 20 anos faziam que Jorge de Lima não viesse ao Recife e encontramos o exuberante de vivacidade com esta volta à terra nordestina.

O seu último livro que acaba de aparecer é um romance sob o título "Guerra Dentro do Bêco".



### Próximo livro de poesias

O poeta pernambucano Edson Regis, autor de um livro de poemas muito bem recebido pela crítica brasileira, "O deserto e os números", anuncia para este ano a saída de novo livro, agora sob o título de "As condições ambientais", em edição reduzida de cem exemplares fora do comércio.

Trata-se de um poeta que não faz verso de encomenda e que já tem o seu lugar garantido no panorama da poesia nova do nordeste.



### I Semana de Estudos Jurídicos

Fielis à velha e respeitável tradição cultural da Faculdade de Direito do Recife, os seus estudantes promoverão em agosto corrente a I Semana de Estudos Jurídicos com um grande e substancioso programa. Conferências, reuniões, excursões estão programadas para a I Semana de Estudos Jurídicos que irá despertar vulgar interesse em todo o país.

### Poetas da novíssima geração

Um grupo de poetas da novíssima geração vai lançar uma plaqueta de poemas minigrafada no Instituto Joaquim Nabuco. Dentre eles se destacam Carlos Pena Filho, Evaldo Cabral de Melo, Edmir Regis e outros.



### TRES HOMENS NA NEVE

Que é falha a nossa visão da moderna literatura européia não é segredo para ninguém. Ali está o curioso livro de um quase desconhecido para os brasileiros, Erich Kastner, a confirmar essa afirmativa.

Andaram portanto acertadamente as Edições Melhoramentos dando-o a conhecer ao nosso público leitor através de sua obra mais difundida "Três Homens na Neve". Trata-se de um

romancista leve, irônico, maneja dor vivaz das farpas contudentes da melhor sátira, conduzindo com rara agilidade e rápida sucessão de inesperadas a trama em que se envolvem personagens bem caracterizados. Kastner conquistará de pronto o nosso público, grande apreciador dessa modalidade literária em que as filigranas de uma construção límpida e esmerada se fundem e harmonizam com a efervescência de um bom humor habilmente dosado e sagazmente disposto ao longo de páginas trabalhadas com esmero.

"Três Homens na Neve" é uma sátira, um convite e um brado de alerta. Conta a história de um milionário que, prevenido sobre a visão falsa da vida em que o deixavam os constantes bajuladores, de viagem para suntuoso hotel-balsário troca de nome, de posição e de funções com seu criado. E percebe então a base de convencionalismo e de fraudes sociais em que se ergue e movimenta a vida nesses centros artificiais. Convicto e bem humorado, prepara um desfecho que corresponde plenamente ao texto inteiro da obra original, curioso.

Mas há também no livro um lição: todo temura a amoldurar um amor invulgar. Quando Frederico e Hilda discorrem sobre o amor, suas causas, posições e consequências, um ineditismo construtivo pontilha e valoriza essas páginas com verdadeiras máximas lapidadas.

### PEQUENAS INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Vivaldo Conracy foi o tradutor escolhido pelas Edições Melhoramentos para a tradução da versão portuguesa, já em preparo, de "A Casa dos Corações Partidos", de Bernard Shaw.

Com o volume do próximo aparecimento "Bibliografia Gothiana Brasileira", as Edições Melhoramentos concluirão a sua série de livros sobre Goethe, em comemoração ao seu recente centenário.

Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, ambos já desaparecidos, revisaram e anotaram integralmente a famosa obra de Varnhagen, "História Geral do Brasil" de que a Melhoramentos lança nova edição em cinco volumes.

Três volumes do Visconde de Taunay, anteriormente publicados separadamente, foram reunidos pela Melhoramentos em um só livro sob o título "Céus e Terras do Brasil". Os dois outros são: "Viagens de Ourora" e "Paisagens Brasileiras".

Se esse culto, que alguns qualificaram de idolatria ou adoração, envolveu por parte do poeta outras experiências que não as de ordem puramente estética, é questão que não interessa investigar ou debater aqui, e a respeito da qual cada um poderá, querendo, formar juízo próprio pela leitura das peças e pelo juízo, livre ou inibido, de suas especulações pessoais.

Em todo o caso, a sinceridade e profundidade do que se poderia chamar o sentimento de admiração objetiva do poeta, e a transcendência cósmica ou social desse sentimento, parecem indicativas em face do grupo inicial de sonetos que, verdadeiro prelúdio nupcial de incomparável fascino, constituem ardente e urgente exortação à criatura adormecida e, segundo as aparências, um tanto recalcitrante, para que ela, dentro da normalidade biológica, reproduza e perpetue as qualidades de que é portadora.

Quaisquer que sejam, aliás, as implicações que se vislumbram nestes poemas, eles representam, no original e em conjunto, um dos mais impressionantes monumentos literários da universal e imparcial beleza, é, por outro lado, o único documento que nos traz, viva e palpante, alguma coisa da personalidade íntima de um dos maiores gênios da Humanidade. Se estas transcrições conseguirem, na plenitude grata do termo, comunicar a alguém um reflexo daquela beleza ou um frêmito dessa personalidade, o seu autor se dará por bem pago.

Em apêndice, incluem-se onze transcrições de poemas ingleses e franceses, de várias épocas, referentes, directa ou indirectamente, à pessoa de Shakespeare ou a obra sua.

Este livro, com que as Edições Melhoramentos nos apresentam um personagem famoso do mundo infantil europeu, é realmente um livro original. Original em tudo: na história, na apresentação, no método seguido para o desmontar das deliciosas histórias, que enchem suas quase cento e cinquenta páginas de um colorido vivo e atraente.

Não admira portanto que esta primeira edição brasileira tenha sido traduzida da 197a. edição inglesa publicada em janeiro de 1945. O livro merece esse sucesso verdadeiramente digno de registar.

Um prodígio de fantasia no melhor sentido pontilha de graça, com o ursinho Dudu, o menino Crispim Serafim, o Bribão e o Eflalampa (quem sabe o que é e como é um Eflalampa?), a dona Gangy e o Bebê Ru, alegres moradores da floresta.

As ilustrações, tão numerosas quanto graciosas, de Ernest H. descortinando aos olhos e aos Shapard, não ficam atrás, em originalidades e mérito artístico ao texto curioso e alegre.

## Pequena Sequência Shakespeareana

A revista "Nordeste" pretende editar, ainda este ano, sob o título acima, uma porção de sonetos de Shakespeare, traduzidos pelo prof. Samuel Mac Dowell Filho. Trata-se de uma admirável coletânea shakespeariana que pela primeira vez aparece em conjunto na língua portuguesa. A edição será ilustrada por Ladjane que já concluiu o seu trabalho artístico, inclusive vinhetas e letras iniciais dos sonetos.

A "Pequena Sequência Shakespeareana", além de notas explicativas do autor, traz, de início, as seguintes palavras:

Compõe-se este trabalho de 61 peças tiradas dos 154 sonetos que, sob o nome de Shakespeare e em vida deste, posto que possivelmente sem seu consentimento, foram, pela primeira vez, impressos e publicados em Londres no ano de 1609.

Não se trata propriamente de tradução, e, muito menos, literal. É antes uma transcrição no sentido técnico-musical de adaptação de um texto a instrumento diferente daquele para que fora primitivamente elaborado. Mais explicitamente, é a tentativa de sujeitar a outra disciplina idiomática e, de certo modo, rítmica, conteúdo e efusão emocional a que deu Shakespeare o revestimento da língua e da poética inglesa.

No processo, talvez, em razão da inhabilidade de quem o aplicou, alteraram-se algumas fórmulas de expressão e diversificou-se o esquema ou estrutura de algumas imagens, e dele adeveu, inevitável, o empobrecimento da extraordinária densidade de concepção e riqueza de colorido que assinalam o original, onde esses caracteres se fundem, como que magicamente, numa tonalidade contínua, ou pelo menos dominante, de ao mesmo tempo etérea e coloquial doçura.

A pesar-de taes senões, espera-se que o resultado obtido não deixе de corresponder, em parte, ao fim colimado. Tãdas estas peças, com efeito, só por aí algo exibindo da sua prestigiosa cunhagem original, são vasadas no molde peculiar do soneto shakespeariano, três quadras ou quarteto de rimas desiguais e entrelaçadas e um distico ou parêntese final, e tôdas valem-se, na métrica portuguesa, de verso equivalente ao que utilizou Shakespeare. Além disso, e quicã capitalmente, tôdas se atêm, com intransigente fidelidade, ao tema fundamental do correlativo soneto de Shakespeare, cuja linha inaugural e tradicional número de seriação estão, nas páginas deste livro, apostos em epigrafe a cada uma delas.

Desta aderência rigorosa à intenção artística e ao impulso humano que as animam, decorre que estas peças, em sua grande maioria, têm, por objeto ou motivo de inspiração, um individuo do sexo masculino, isto é do mesmo sexo do poeta. É um jovem ou, como diriam os helenistas, um efebo, de identidade até hoje enigmática, a despeito de algumas conjecturas mais ou menos plausíveis, e em quem viu e cultuou o poeta um autêntico ideal de beleza ou tipo de perfeição, sem dúvida precipuamente plástica, mas sem contudo, por isto, desatender-lhe os aspectos espirituais ou morais.

Se esse culto, que alguns qualificaram de idolatria ou adoração, envolveu por parte do poeta outras experiências que não as de ordem puramente estética, é questão que não interessa investigar ou debater aqui, e a respeito da qual cada um poderá, querendo, formar juízo próprio pela leitura das peças e pelo juízo, livre ou inibido, de suas especulações pessoais.

Em todo o caso, a sinceridade e profundidade do que se poderia chamar o sentimento de admiração objetiva do poeta, e a transcendência cósmica ou social desse sentimento, parecem indicativas em face do grupo inicial de sonetos que, verdadeiro prelúdio nupcial de incomparável fascino, constituem ardente e urgente exortação à criatura adormecida e, segundo as aparências, um tanto recalcitrante, para que ela, dentro da normalidade biológica, reproduza e perpetue as qualidades de que é portadora.

Quaisquer que sejam, aliás, as implicações que se vislumbram nestes poemas, eles representam, no original e em conjunto, um dos mais impressionantes monumentos literários da universal e imparcial beleza, é, por outro lado, o único documento que nos traz, viva e palpante, alguma coisa da personalidade íntima de um dos maiores gênios da Humanidade. Se estas transcrições conseguirem, na plenitude grata do termo, comunicar a alguém um reflexo daquela beleza ou um frêmito dessa personalidade, o seu autor se dará por bem pago.

Em apêndice, incluem-se onze transcrições de poemas ingleses e franceses, de várias épocas, referentes, directa ou indirectamente, à pessoa de Shakespeare ou a obra sua.

S. M. D. F.

### O reaparecimento desta revista

Depois de um ano de inatividade, volta "Nordeste" a circular numa tentativa de por-se em dia com os seus leitores e com os de outros estados. Somentes os que lidam com revistas, desta natureza podem avaliar as dificuldades que surgem, passo a passo, na sua confecção. Sendo "Nordeste" uma revista de uma região e já com cinco anos de existência, não poderia desaparecer. Daí o nosso esforço no sentido de reeditá-la este ano com o bom propósito de torná-la mais pontual nas suas edições.

Outras revistas que circularam durante estes cinco últimos anos desapareceram por completo e não há esperanças de que ressurgam, a não ser a "Revista do Norte" que o bom gosto tipográfico de José Maria de Albuquerque Melo promete para breve com um número dedicado ao pintor Manoel Bandeira, anunciado há cerca de um ano.

Ao lado de sua ação cultural, "Nordeste", como editora já tem três livros lançados nas livrarias e, ainda este ano, editará o livro de contos de Francisco Julião, "Cachaca" e a 2a. série de crítica — "Provincianas", de Aderbal Jurema.

Aos nossos leitores fiéis pedimos desculpas pelo largo período em que estivemos inativos.

### Silvino Lopes



O calor deixado por Silvino Lopes no jornalismo do Recife ainda não foi preenchido. Ainda hoje ecoa em nossos ouvidos aquela voz mansa do autor da secção "Devagar e Sempre", com aquela cara sempre aberta a tôdas as manifestações da inteligência. Jornalista do batente, nem por isso Silvino Lopes chegou a esquecer a sua vocação de escritor. E daí os livros que deixou, desde as peças de teatros aos de crônicas e de contos. Desfilam pela nossa memória "A Ladra", "A Esfinge", "O homem bom", "Sombras que tiveram nomes", "Maconha" e a inacabada história das "Memórias de Um Sargento de Malícias" que publicamos um capítulo inédito neste número.

Como José Gonçalves de Medeiros, Silvino era um dos nossos mais afetuosos amigos e dos mais assíduos colaboradores. Em "Nordeste" o seu nome será sempre lembrado pela sua fidelidade à província que tanto amou e que tanto engrandeceu com o seu trabalho honesto e persistente. Humorista que não fazia "graça", destacou-se sempre pela mordacidade amena com que tratava os homens e as coisas do seu tempo.

### José Gonçalves de Medeiros

"Nordeste" tinha em José Gonçalves de Medeiros, tragicamente roubado à vida em junho último, um amigo dedicado e um colaborador dos mais eficientes na sua divulgação no Rio Grande do Norte, onde era seu representante.

Foi, assim, um claro enorme que se abriu em nossas fileiras e, sobretudo, para os jovens escritores norte-riograndenses que tinham em José Gonçalves um animador sincero e puro.

Poeta, com um senso lírico da vida admirável, o norte-riograndense que desapareceu num desastre de avião publicou um ensaio sobre Castro Alves que havia merecido um prêmio da D. D. C. da Prefeitura do Recife.

Colaborador dos mais vigorosos dos nossos suplementos, principalmente do "Diário de Pernambuco", José Gonçalves de Medeiros, sem falar na sua atuação política nos duros tempos de 43-45, fazia parte integrante do movimento cultural pernambucano, dividindo o tempo entre Recife e Natal, cidades que tanto amava.

Morto aos vinte e poucos anos, José Gonçalves é um exemplo e um estímulo para as novas gerações literárias da província.



Gilberto Freyre no estrangeiro

Com várias missões na Europa e uma viagem à África e à Ásia, seguiu este mês para o estrangeiro, o nosso colaborador, Gilberto Freyre, acompanhado de sua família. Gilberto Freyre visitará as capitais do velho mundo, de morando-se em Paris, Londres e Lisboa, onde pronunciará conferências. Em Paris assistirá o lançamento da edição francesa de "Casa Grande & Senzala" e realizará conferências na Sorbonne.

De volta, atendendo a um convite do Ministro do Ultramar português, trã as possessões portuguesas de África e da Ásia.

Recentemente, em reedições, apareceram os seus livros "Nordeste" e "Sobrados & Mocambos", editados pela José Olympio e ilustrados pelo pintor pernambucano Lula Cardoso Ayres.



### Pelos suplementos

Os suplementos literários da cidade continuam movimentados, ora melhores, ora piores, como todos os suplementos domingueiros que não podem estar somente publicando coisas ótimas. De qualquer forma eles vêm prestando um grande serviço à literatura da província, ora lançando poetas novos, ora nos seus artigos de crítica e de pensamento.



# NORDESTE

REVISTA DE CULTURA  
Editada pela Empresa JORNAL DO COMERCIO S. A.  
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463  
1.º andar — Recife — Pernambuco

Diretor: Esmaragdo Marroquim  
Redator-chefe: Aderbal Jurema  
Secretário: Yvonildo de Souza  
— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.  
— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.  
Número avulso . . . . . Cr\$ 4,00  
Número atrasado . . . . . Cr\$ 6,00  
Nos Estados . . . . . 5,00

REPRESENTANTES — João Cabral de Melo Neto, (Barcelona-Espanha) \* Cleóris Dias (Paris-França) \* Artur Coelho (New York-E. U.) \* José Gondê (Rio de Janeiro-D. F.) \* Alcântara Silveira (São Paulo) \* Sêlvio de Macedo (Maceió-Alagoas) \* Jota Soares (Salvador-Bahia) \* Gambarra Filho (João Pessoa-Paraíba) \* Sêlvio Dacan (Pôrto Alegre R. G. S.) \* Hélio Galvão (Natal-Rio G. do Norte) \* Alphonus Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) \* Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) \* Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) \* Antônio Girão Bartolomeu (Fortaleza-Ceará) \* J. Pedrosa (Campina Grande-Paraíba) \* Lyelo Neves (Caruarú-Pernambuco).



# Memórias de um Sargento de Malícias

Publicação Póztyma Silvíno Lopes

TRAGO para estas páginas a intenção de falar de mim mesmo, porém não sendo tão fácil, como possivelmente se supõe, realizar esta viagem interior, sem recorrer a figuras e paisagens, fui obrigado a falar também de lugares por onde andei e de pessoas que pisaram comigo os mesmos caminhos.

Assim, às vezes, interrompo o fio da narrativa ou da confissão e faço desenho e caricatura, com o cuidado de não me exceder nos traços.

A meu favor tenho esta muito minha inabalável convicção de que tudo, dentro da esfera humana, só merece piedade e ironia. Apiedo-me de mim próprio e me ironizo, principalmente quando acredito haver praticado bons atos e me digo sem medo de que a velhice brade, recriminando-me de ações más.

Deve esta parte, porém, ficar entregue à minha consciência íntima.

\* \*

Donatila, de quem não pretendo ocultar o menor segredo, dos poucos que tive na vida, vendo-me a escrever estas minhas memórias, perguntou-me se eu tinha mesmo o propósito de contar tudo... tudo... Dificilmente resposta veio-me, então, à boca e só lhe pude dizer que, se assim não fosse, não valeria a pena bater no peito recitando: "Eu peccador", etc.

Teria dito tudo, tudo, Jean Jacques Rousseau nas suas Confissões? Não descredito na sinceridade dos memorialistas, o que não posso admitir como coisa definitiva, é uma imparcialidade irrestrita, quando se julga os outros ou a si mesmo. Vá lá que o homem seja sincero, porém, não fica por isto obrigado a pôr sinceridade em forma e estilo. Vestindo-se a verdade com a preocupação de parecer aos leitores como bom no colorido e no recorte, dá-se forçosamente outro aspecto a coisa nua. Seria grosseira a apresentação, sem ocultar nada. Assim deixa-se alguma coisa nas entrelinhas à mercê das inteligências maldosas. Ninguém sabe o que é, nem tem lembrança exata do que foi, pois se a tivesse fácil seria a certeza do que será.

Então, provado deve estar que todo livro de memórias representa uma traição feita pelo homem ao seu espírito.

De resto, tudo é traição. Bom seria registrar os apertes da consciência, sempre a dizer na sua mudez fria e absoluta: "Não foi assim". O geito é absorver a impertuna e prosseguir. Não aparecerá um puro para arremear a primeira pedra. Não há mais pedra...

## Primeira parte

Quanto a mim é mais do que indiferente que o meu nome seja Roque ou Tor

quato. Adeanta, porém, dizer que nasci no ano de 1892, numa cidade do Norte e que fui batizado com as exigências do ato: presença dos padrinhos e pagamento ao vigário. Se faltassem os padrinhos, tudo teria sido arranjado, contando que o vigário não tivesse massada ou prejuízo. Madrinha teria sido Nossa Senhora e o padrinho o sacristão, na melhor ou pior das hipóteses. O necessário era tornar o "parvulho", como diz o livro de lançamentos, às fôlhas 132 e 138, um cristão.

Adeanta também dizer que o meu pai chamava-se José e não era carpinteiro. A mulher de José não se chamava Maria. Tinha o mais doce e o mais suave dos nomes. Constituiu até pelo nome uma consolação para os filhos. Chamava-se Clemência.

Graças à Princesa Isabel, José recebia dos cofres da nação duzentos e quarenta mil réis por mês, quantia que representava os vencimentos de um oficial do Exército que fora companheiro de Caxias lá pelos pântanos paraguaios. Entretanto, pouco se orgulhava o simples oficial desse companheirismo, pois, a sua coragem fora igual a dos sertanejos recrutados para a guerra, uns pobres homens que não sabiam porque os arrastavam à morte, sentindo-se dentro de uma farda tão conscientes do seu dever como se já estivessem dentro de uma mortalha. Os dois figurinos dariam muito bem para o que lhes estava reservado — a morte.

Contava José que fora uma luta para conseguir a sua promoção. Para ser alferes teve que ir à presença da Princesa. Pediu, rogo, e Isabel pareceu aos seus olhos mais Redentora.

Andou por todas as guarnições, de região em região, e os chefes davam-lhe sempre o mesmo título: turbulento. Era apesar disso, um disciplinado e foi essa qualidade que o ajudou na vida. Casando aos vinte

anos de idade com a menina Clemência que tinha, apenas, treze anos, veio-lhe dessa união onze filhos. Eu fui o último e estou sendo o primeiro a encadear as recordações que dos dois me ficaram.

Cumpriu-se a sentença: "Os últimos serão os primeiros".

Hoje, quando me levanto contra a guerra, odiando-a como odeio aos seus fomentadores, suspendo um pouco a onda da minha indignação, e bendigo o motivo que levou o Brasil à sanguinosa do Paraguai. Sem esse feito estupidamente glorioso para as nossas armas rudimentaríssimas, naquele tempo, José não teria ido à terra de Lopez, nem teria visto, em Vila Rica, a filha mais moça de Don Tomás que perdeu filhos e haveres na luta. Tudo terminou com a vitória, um tanto discutível, das forças brasileiras, com o assassinio do ditador. E José voltou ao Brasil, trazendo o melhor troféu de batalha — a moça de Vila Rica, com quem casara, no mesmo dia em que duas das suas irmãs se fizeram esposas de dois coronéis brasileiros. É possível que Don Tomás preferisse ver as suas filhas casadas com simples soldados paraguaios, porém, elas não pensaram assim. O certo é que não se arrependiam, nem mesmo a última que não chegou ao coronelato. Viu o seu marido de cadete passar a alferes, depois a tenente e reformar-se como capitão.

Fica, assim, mais do que provado, que sou 50 por cento paraguaio. Lamento, apenas, que minha mãe não fosse guaraní legítima. Don Tomás era ramo da árvore dos Estigarribia. Assim, quando me falavam das grandes vitórias brasileiras, na batalha do Riachuelo, em Tuyuty, Humaytá, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas e Angostura, meu pensamento ia até Urugaiana, onde foi derrotado o mais graúdo dos meus parentes. Don Tomás, de qualquer maneira, foi

guerreiro, porém o meu avô paterno, de tão pacifista, terminou os seus longos dias como administrador do Cemitério do Senhor da Boa Sentença — Parahyba, onde os seus anos se acabaram e as suas cinzas desapareceram.

Foi esse o cargo mais importante que ocupou numa vida que se prolongou a 92 anos. Velhinho como era já à sua repartição, se é que se pode dar esse nome a um terreno murado, onde tudo é regido sob a lei fatal do transformismo. Era um autêntico caboclo nordestino. Quando ele morreu, lembro-me bem, eu tinha nove anos de idade.

Durante os dias que passo doente, todas as manhãs eu ia à sua casa saber como havia passado a noite. Muito cedo minha mãe queria ter notícia. Queria muito bem ao velhinho.

Diga que vai no mesmo — dizia a tia Noca, que era minha madrinha.

E eu ficava por lá até passar a hora de ir para a escola.

O velho passou 14 dias de cama, de olhos abertos, sem pronunciar uma palavra, sem ter um movimento. Durante esses dias a professora não me viu. Não perdi nada com a ausência da escola. A professora diria a mesma coisa. O pagamento era mensal. Sou capaz de acreditar que a tal mestra desejaria que a doença do meu avô se prolongasse por um ano.

Lembro-me também do enterro que teve a presença de inúmeros oficiais do Exército e do representante do presidente da província.

Na casa lutuosa ficaram três moças solteironas. Estas tinham quatro irmãos, todos oficiais: um capitão reformado e três majores ativos.

Mas, foi o capitão quem ficou com a obrigação de manter as irmãs. E o capitão era o único que tinha família numerosa. Dos onze filhos que tivera, três morreram. Um deles, que

era aspirante do Exército, recebeu uma bala no coração. Metera-se num levante na Escola Militar. Os outros dois mortos foram duas meninas. Um dos que ficaram casou aos 16 anos de idade e já era sargento. Pouco tempo depois foi para Canudos. Um outro foi para o Amazonas e nunca mais se soube dele. As três filhas casaram-se, uma delas com um tio major. Nem o sangue pôde uni-los.

Somente dois ficaram em casa. O mais velho inventou que daria para padre. Foi para o Seminário. O último, o menino, vivia de escola em escola, rebelde à qualquer disciplina. Foi por isso parar também no Seminário, de onde saiu por mau comportamento. Tinha tanta raiva dos livros que os inutilizava, arrancando-lhes as páginas, pouco a pouco.

Um dos seus professores chamado Chico Cruz chegou a dizer que se o seu aluno pretendia ir para o Exército ficasse logo sabendo que não chegaria a cabo de esquadra. Mas, para não perder o aluno, ao pai dizia que o menino iria longe.

\* \*

Da minha família, foi o único que teve a felicidade de ser sempre fraqueza. Não tinha vocação para força nem mesmo desarmada.

O meu irmão que se dizia com alma de padre deixou o Seminário, porém não querendo se desligar por completo da igreja, casou com a filha do sacristão da Catedral. Antes, porém, quando tinha licença para passar um dia em casa, mesmo de batina, não saía do fundo do quintal, conversando, na cerca, com a vizinha, moça religiosa, porém, um pouco ladina.

\* \*

Um dia encontrei um cidadão interessado por conhecer a minha biografia. Era demais! Isso é exi-

gir muito de quem nada exige. E' querer mergulhar num poço, para matar uma curiosidade.

Mas, acontece que não tenho biografia. Nunca fui nada, continuo no mesmo pósto e espero não ser exonerado, porque me considero com o direito da vitalidade.

Também nunca fiz força por uma promoção. E como o cargo rende pouco, isto é, nada rende, não houve ainda quem tentasse arrancá-lo das minhas mãos que nunca fizeram força para mantê-lo.

Sei bem que sou um homem que sai às 6 e 30 de casa, e que deve voltar ao meio-dia, e sair novamente, e outra vez apanhar um ônibus, com a obrigação um tanto agradável, de fazer ainda duas viagens, prá lá, prá cá. Dormir, se tiver sono e acordar quer tenha ou não tenha disposição.

Nesse vai-ven está toda a minha biografia.

Não acredito, que haja outra pessoa curiosa da minha vida e do meu mau humor. Sabem todos que vou passando, passando sempre, sem o menor interesse pela vida alheia.

Sou amigo de muita gente, por mil classificada como boa. E não exijo que essas pessoas me considerem, no máximo, um pouco sofrível.

Defeitos devo armazenar em quantidade, mas, não em número tão pomposo como o que me é atribuído por duas ou mais pessoas que, sabendo ser o meu capital muito pequeno, procuram, nesse particular, fazer de mim um indivíduo rico.

Qualidades não as carregou, pois se as descobrisse em mim sentir-me-ia parecido com muitos sujeitos que as têm em quantidade, sem que a carga evite sejam eles refinadíssimos tratantes. Não tenho casos, nem ódio. Tenho amor aos que, acredito sinceramente, sabem corresponder ao ardor do meu afeto. Não sendo católico prático, levo a vantagem de não praticar o que os práticos praticam.

Quisera que todos os homens fossem como cachorros, como os gatos, leais, dedicados, ou como os ratos que lutam somente para viver. Roem o queijo que se deixa no guarda-comida, porém, nunca a cabeça de outro rato. Isto quer dizer que há sempre um bicho que não explora a cabeça alheia.

Quisera que as mulheres fossem como os pássaros engaiolados. Voassem porém, reconhecendo as fronteiras. Nunca sobrevoassem o território das outras.

Acharia bom que os velhos e, principalmente as velhas, não se ofendessem quando, assim, são tratados: que os ignorantes fossem os primeiros a proclamarem essa sua qualidade.

Para mim mesmo meu nome não vale nada, desde que a escolha não foi minha.

## USINA SERRO AZUL

Inscrição n. 54 — (PALMARES)

JOSÉ PIAUHYLINO GOMES DE MELLO

Escritório:

Rua da Assembléia n. 67 - Térreo - Ed. São Gabriel

Fone 9322 - RECIFE - PERNAMBUCO

# AS FORMULAS LÓGICAS DO PENSAMENTO E DA SOCIOLOGIA

GLAUCIO VEIGA

I

**S**ÃO PAULO — janeiro — Não resta dúvida que a Sociologia não pode mais ficar ajojada à canga da lógica aristotélica. Causou estranheza a certas pessoas, havidas como sociólogos, que na minha tese "Preconceitos de Casta na Educação das Classes", tivesse tentado abdicar do sistema aristotélico.

Houve mesmo alguém que se arripiou, apavorou-se com as ausências de definições. De fato, há na tese "o horror pelas definições". Disse então, e repito, agora, que em Sociologia "definir implica numa aventura". A advertência não prima pela novidade. Usado e abusado é o brocardo romano: toda definição é perigosa em direito civil. Nele escudado, Yves Guyot, num livresco, de bolso, furtou-se a dizer o que entendia por Economia Política. Do aforismo Condillac utilizou-se, por seu turno, para glosar em páginas primorosas de sua Lógica a inocuidade das definições.

Roger Bastide, nos seus "Elements de Sociologie Religieuse" — Armand Collin, 1935 — advertia que ele se utilizaria de definições tendenciais. Definições que não tinham por objeto apertar, circunscrever porém uma definição plástica, se assim podemos dizer. Excludente se torna o adjetivo plástico em relação à definição, é claro. Mas, definição tendencial foi uma fórmula cômoda, única e exclusiva que se apresentava ao sociólogo francês para penetrar no "flou" do fenômeno religioso. O livrinho de Bastide está à mão de qualquer escolástico vaidoso. Por sinal, enquadrada-se numa coleção famosa da livreria Collin cujo título — Vulgariser sans s'abaisser — vale por qualquer comentário a posteriori.

A agonia de Max Weber — agonia que todo o sociólogo honesto sente e sentirá — saltando aos olhos de quem lê a monumental "Wirtschaft und Gesellschaft" era provocada por essa ânsia de fixar o fato social que lhe escapava como sabão nas mãos inhábéis de lavadeira neófitas. Daí, surgir uma "sociologia compreensiva", uma sociologia alógica porém, não lógica.

Alinhou Weber, ao lado de condutas ditas racionais, comportamentos outros, chamados de irracionais mas, que tinham influência e se faziam sentir e se objetivavam como fenômenos sociais. Seguindo os seus passos, Sombart, ao lançar o seu "Der Moderne Kapitalismus", preocupou-se em não identificar a compreensão noética com a compreensão genética. Apon-tou Sombart certos fatores irracionais, voláteis a qualquer lógica. Como exemplo o insigne economista e sociólogo cita a instabilidade do mercado em relação às invenções de meios de produção. (Cfr. "Wirtschaftsleben des Hochkapitalismus", cap. VII, § III, pg. 94, vol. I).

Tortura igual amassara o marquês de Wilfredo Pareto. Quando ele tentava, numa ampla esquematização, dividir as ações humanas em lógicas e não-lógicas estava bancando o tatú, um imenso tatú, fuçando a espessa e dispar camada do social na inútil e inocua tarefa de topar o filão principal. As subdivisões das ações lógicas e não lógicas espraíram-se, derramaram-se por um quadro imenso, num relaxamento de cheia amazônica, inflando dois alentados volumes. E quando se termina a travessia, isto é, a leitura cansativa, temos a mesma sensação do caipira que grimou o Corcovado a pé, quando era desejo seu alçar-se ao Pão de Açúcar, em

bonde aéreo. Assim, Pareto. Da mesma maneira que o tabareu desfez a caminhada antes ascensional, agora, descensional, baixando ao vale novamente para depois ir de verdade ao Pão de Açúcar, nós atramos Pareto à estante convencido, definitivamente, que fizemos uma inútil e áspera escalada. Todavia, o Karl Marx da burguesia apresentaria que, com a ferramenta da lógica aristotélica, as ciências sociais não progrediriam. Como também não avançaram com o esquematismo-matemático do seu método.

Quando Condillac, mal passado fora o vendaval da Revolução Francesa, na sua Lógica, investia contra a lógica do estagirita preconizando uma "linguagem do cálculo", título depois de uma obra sua, antecipava-se com quase duzentos anos a muito professor de filosofia.

Se Descartes, tão citado, tivesse realmente sido compulsado, não se surpreenderiam aqueles que estremecem ante a idéia de substituir o sistema lógico aristotélico. Porque ninguém mais anti-Aristotélico que Cartesius. Custa muito pouco consultar as "Regulae". Não vem a pélo discutir se Descartes voltou-se contra a lógica tradicional pela natureza do seu sistema filosófico ou, se pela contingência do momento histórico, tema objeto de precioso ensaio de P. Schrecker — La Methode Cartésienne et la Logique" (Cfr. Revue Philosophique — Maio — Agosto — 1937 — pgs. 336 e sgts.). O certo é que Descartes propugnava por uma simbologia, simbologia que Leibnitz chamou de "machinae spirituali".

E, finalmente, para deixar patente que não é invenção da Nova Escola do Recife o combate à lógica aristotélica rememore-

se, aqui, aquela obra de Kant, do período pré-critico onde o filósofo de Koenigsberg fala da "falsa sutileza das quatro figuras do silogismo".

II

— A Lógica aristotélica é uma lógica que parte da essência das coisas. O que não fosse essência seria acidente. E, sendo acidente estava fora de cogitação. Corresponde à qualidade, a essência. Com o acidente identifica-se a quantidade. Portanto, a quantidade estava também fora do campo da lógica aristotélica.

Ora, não se pode, em Sociologia, desprezar a quantidade. E o problema do número, dentro dos grupamentos sociais, recebeu de Platão, as atenções, na "República". Em imortal ensaio que com tantos outros se incorporariam, depois, na "Sociologia", Simmel demonstra à sociedade o valor do número nas sociedades e as modificações nos fenômenos e no comportamento social, quando esse número se elastece ou se comprime. Onde a essência do grupo social? Como captá-la? Posso determinar a sua existência, apontar-lhe o sentido mas, onde está a essência? Como determino e delimito (aproximadamente, é claro) a posição, no espaço social, da classe e da casta senão acompanhando-o na sua historicidade, na sua compreensão genética? E quem poderá dizer, abstraída a historicidade, aqui termina uma casta e aqui começa uma classe?

Não se precisa voltar a debater uma "vexata questão" escolástica do primado da essência ou do primado da existência. Seria retornar à prioridade do ovo ou da galinha sutilezas, muito ao gosto de notadores avulsos...

Essência e existência são indecomponíveis. Mas, queiram ou não os tomistas, chegamos a essência

(se é que chegamos...) através da existência. Sem o existir, como anterioridade lógica, não captaríamos a essência.

Existir supõe "estar no mundo" para utilizarmos a terminologia heideggeriana. E "estar no mundo" implica "estar no mundo com outros que também estão no mundo", isto é, relações.

A nova lógica é, antes de tudo, relacional porque não pode estruturar um raciocínio sobre o "ser", tomado como abstração de abstração.

Bem verdade é que o conceito de relação não foi totalmente desconhecido do sistema aristotélico, pois figura ele como uma das dez categorias.

Mas, relação na lógica clássica surge como acidente porque ela pressupõe existência. Surgiu, pois, como disse acima, essência e existência são indecomponíveis. Apareceu como aparece nossa imagem no espelho: para haver reprodução da imagem faz-se mister o espelho...

A lógica aristotélica é uma lógica de atribuições, uma lógica de substancialização. A nova lógica é uma lógica de "relativização".

A Sociologia, mais que qualquer outra ciência, estrutura-se como uma ciência de relações.

A sociedade é dinâmica. Um "mobile", disse Sorokin ao iniciar a "Social Mobility". Se estabelecermos um esquema-tipo para um certo número de fenômenos este esquema-tipo falha, in totum, para uma centena de outros fenômenos semelhantes. O fenômeno social não detém qualidades ontologicamente imutáveis. Hoje, com a "teoria de campo", a "field-theory" dos americanos, não se torna mais precipua essa substancialização do objeto e, na hipótese, do fenômeno social. O campo — definiu Mário Lins em agudo livro recentemente publi-

cado — é "um lógico "construct" espaço-temporalizado". Nele determinadas relações se acham ligadas por uma conexão, que lhe dá uma coerência interna de certo modo própria.

A teoria do campo veio proporcionar a solução do fenômeno indeterminado, em Sociologia, solução que já havia preocupado Weber (Cfr. W. und G., parte I) e Pareto (Traité, vol I — cap. II e III).

Pela lógica tradicional pertencia a certa classe aquilo que ocorresse com regularidade, participando da essência dessa mesma classe. Qualquer fenômeno que se não enquadrasse numa das classes não era um fenômeno científico, nem digno de atenção.

A nova lógica superou esses conceitos de universal e particular. O fenômeno indeterminado está também sujeito a leis. Acarreta, por conseguinte, a nova lógica uma substancial alteração no conceito de lei como aliás demonstrou magnificamente alhures, Kurt Lewin. Porém, isto já é outra história.

Uma coisa porém ninguém poderá nos negar: cabe a "Nova Escola do Recife" o desenvolvimento de uma nova série de estudos no campo da Sociologia. E o que nos devanece é sentirmos de perto aqui em São Paulo o calor e o estímulo não somente de professores nacionais como até de estrangeiros que acompanham de perto o nosso esforço honesto.

Outro dia conversava com o prof. Fernando de Azevedo e ao referir para alguns professores as peripécias do meu concurso de Sociologia Educacional, o ilustre sociólogo sentenciou:

— No Brasil não se estuda. Cheiramos idéias. Cheiramos as idéias de Fulano ou de Beltrano. Cheiramos para sabermos se elas são comunistas ou socialistas...



## LEMBRANÇA DE JOSÉ MINDELO

(Continuação da 1.ª pag.)

Esse era bem um retrato de José Mindelo, tal como ele se via em sua existência e em sua alma. Contemplativo, olhou para a vida, sem achar um meio de realizá-la. Culpa dele ou dela? Que-dou sofredor e impotente. Sorriu-me sempre com superioridade quando eu lhe falava de religião ou discorria sobre o heroísmo que, em certa época, aprendera tanto em Carlyle quanto em Tasso da Silveira... E confundiu essas coisas com tolices que eu devia andar a dizer-lhe.

Tudo quanto fez foi transfundir em sonetos um coração que estava exposto aos ventos do mundo e tremia de frio e de desconforto.

Relendo agora seus versos, vejo que não traziam nenhuma mensagem especial, nem possuíam qualquer profundidade marcante. Mas, é impossível deixar de sentir a sincera angústia dessa alma. É impossível, também, deixar de sentir como ele veio dominando a feitura do verso e abandonando artificios iniciais para chegar a uma simplicidade honesta e, como tal, expressiva e eloquente.

Por último, quase que só falava de amor dolorido e ultrajado. Só de raro

em raro elevava-se a temas um tanto mais impessoais e genéricos, limitandose, aliás, então, a um suspiro de pena e fraqueza. Do seu amor falava assim:

Dizer mal deste amor que encheu  
[meus dias  
de sonho, de ternura, de ilusão,  
enchendo-os, hoje, de melancolias,  
de tédio, de amargura, de aflu-  
[ção...]

Maldizer este amor!... oh! tenho  
[frias  
as mãos, o olhar nevoento, o co-  
[ração  
minguando-se, estorcendo-se (não  
[rias!]  
nas malhas de uma atroz desilu-  
[ção.]

Sim, renegar este passado lindo  
onde o teu beijo e o teu olhar sor-  
[riudo

polarizavam meu supremo ideal...

E' como quem matasse o próprio  
[filho  
e, ao vê-lo agonizante, o olhar sem  
[brilho,  
no coração cravasse outro punhal.

Num verso ou noutro, nesta ou na-  
quela procura de uma rima, pode-se ver,  
em muitos dos sonetos de José Mindelo,  
que a inspiração geral declina e dilui-se,  
substituída por algum oscilante arranjo  
técnico. Mas, o que interessa ao poeta  
— e deve interessar ao leitor — é me-  
nos uma perfeição de forma do que uma  
depressão de sentimento. E nesse cam-  
po José Mindelo, expando um sentir não  
requetado mas humano e comum che-  
gava a fazer-se auto-biográfico:

Andam dizendo por aí que eu te-  
[no  
uns modos rudes de falar de amor,

que sou violento, às vèzes, e ferre-  
[nho,  
que sou irredutível, destruidor.

Pois, digam lá o que quiserem. Ve-  
[nho  
agora, apenas confirmar e expor  
tudo quanto disseram. Não me em-  
[penho  
em negar a verdade deste horror.

Sou revoltado contra o Amor hu-  
[mano!  
Ele é sempre a razão do maior da-  
[no,  
a causa da maior desilusão.

Por êle os homens batem-se no  
[mundo.  
— ... Ah! que ventura se êste  
[Amor profundo  
não existisse no meu coração...

Não posso deixar de ligar a leitura  
desses versos a episódios, que sei, dos  
derradeiros anos da vida de José Minde-  
lo, e isso lhes acrescenta valor, como se

(Continua na pg. 18)



# Ceará-Mirim-Fausto e Decadência

NILO PEREIRA

Ceará-Mirim é uma dessas cidades que não contam logo a sua história. À primeira vista, o espetáculo de decadência parece marcá-la com um triste destino — o de ter nascido pobre, pobre continuando, pobre vivendo, pobre morrendo, numa solidão romântica, quase de claustro.

Quem lhe penetrar a história verá que uma grandeza semi-feudal lhe assinalou o passado, num surto de aristocracia econômica e social ligada ao ciclo da cana do açúcar. É a história de sempre: espécie de barões feudais surgindo com a prosperidade do açúcar e fazendo de suas casas — grandes núcleos de riqueza e centros aristocráticos, na intuição plena da sociabilidade rural, criadora de interesses econômicos.

Ceará-Mirim é o vale na sua fertilidade, na sua beleza, na sua sugestão permanente de trabalho fecundo. Forma-se com o crescimento dos banguês, rapidamente, uma sociedade, uma aristocracia, uma civilização; as chaminés dos engenhos põem no mistério do vale, na sua doçura bucólica, a nota de uma economia nascente, sem vertigens nem utilitarismos; e o homem une-se à terra, num amor invencível, plantando suas raízes emocionais no solo generoso. Esse cenário deslumbrado de nova Promissão mostra o futuro da sociedade rural, que não seria apenas um aglomerado de famílias, numa luta pela fixação na terra e por sua exploração, mas uma unidade espiritual e sentimental, que se reforçaria pelos tempos em fora à medida que o ciclo da cana do açúcar crisesse uma civilização específica — a da aristocracia dos senhores de engenho. As famílias logo se reuniram pelos mesmos vínculos morais e não raro pelos laços do matrimônio, na compreensão de uma tarefa comum — a de representarem as mesmas raízes psicológicas, a mesma alma e as mesmas energias, vinculadas à terra numa expressão fecunda de vida, cujo centro de interesse era a casa-grande, com o seu velho regime patriarcal e escravocrata.

Essa história é que ainda não está escrita nem fixada; e, todavia, tem uma beleza nobre, mostrando o que é o homem dentro da sua paisagem, dando ao vale riquíssimo não apenas uma função ecológica, mas a emoção de uma luta incansável pela conquista da terra, no anseio de renovação da monocultura privilegiada. Os engenhos pontilhavam o vale, povoam a sua solidão com o ruído da industrialização ainda primária e enchem de mistério e de encantamento o amplo cenário verde com os seus nomes poéticos: Outeiro, Verde Nasce, Ilha Bela, Cumbe, Olho d'Água. Outros serão mais representativos da aristocracia rural — o São Francisco e o Guaporé, por exemplo — onde os barões do Ceará-Mirim e Vicente Inácio Pereira, respectivamente, assinalaram, com os marcos do progresso econômico e político, o destino da terra pródiga.

É esse destino que, hoje, exaltamos nas reminiscências das casas-grandes, marcos da unidade social, onde tantas famílias se fundiram no idealismo moral que sempre os animou e vivificou.

Os senhores de engenho compreendem que sua missão não é apenas o trato da terra, o lucro econômico e a grandeza material. Formam uma sociedade, cuja vitalidade não está apenas na produção do açúcar, mas na contribuição do seu trabalho ao progresso mesmo do Estado, educando os filhos na Europa ou nos melhores estabelecimentos de ensino do país, de preferência no Rio, Salvador, Recife, Itú. Eles próprios são expressões de uma aristocracia política, como foi Vicente Inácio Pereira, o segundo norte-riograndense formado em Medicina, jornalista de campanhas árduas, vice-presidente da Província em exercício, governando-a no difícil período da seca de 77, e de cuja administração traçou Luiz da Câmara Cascudo o seguinte perfil: "Vicente Inácio revirou os métodos da época. Enfrentou o comodismo, a afilhagem, o desperdício, demitindo inúteis, cortando despesas, dispensando comissões, fiscalizando, direta e dez de suas decisões estreitava a lentidão

do tempo. De pronto multiplicou os recursos alimentares, enviando socorros para as regiões assoladas, exigindo a caridade pessoal, todos os serviços. A rapidez produtiva, fazendo trabalhar a massa dos retirantes em vez de fornecer viveres, iniciando o reinado da indolência remunerada — "(Acta Diurna, na "A República", de Natal, de 19 de fevereiro de 1943).

Homem austero, figura autêntica do político disciplinado e consciente do Segundo Império, "inflexível, tenaz, destemeroso", como acentua Luiz da Câmara Cascudo, seu nome representaria, por si só, a tradição aristocrática do Ceará-Mirim, se tantos outros não se juntassem a ele numa afirmação do sentimento comum da terra, fazendo dos senhores de engenho uma nobreza que o trabalho cada vez mais unia e exaltava.

Era o período já agora tão longínquo do fausto, quando Victor José de Castro Barroca, bacharel formado em Olinda, mandava educar os filhos na Inglaterra e na França e recebia no seu engenho "Verde Nasce", fidalgamente, ao Presidente da Província Tarquínio Bráulio de Sousa Amarante. No "Outeiro", José Antunes dava o exemplo da operosidade dinâmica, realizando milagres, numa verdadeira marcha batida do idealismo construtor, que salta por cima dos embaraços iniciais, vitoriosos na arrancada da coragem e da fé. Na "Ilha Bela" José Xavier Varela é a vocação do patriarca na simplicidade ingênua do homem terra-a-terra, arrebatado de entusiasmo e lirismo ante o trabalho persistente e incansável. E são tantos outros — os Meiras, geração ilustre de bacharéis e de poetas; os Pachecos; os Carilhos; os Leopoldos, uma progênie nobre, engrandecida pelo amor à terra, pela ação generosa, pela emoção do pequeno mundo que souberam formar à sua imagem e semelhança. Tem-se a impressão de que todo esse mundo, com as suas raízes rurais, seus interesses econômicos, sua sedução pela prodigalidade da terra, gira em torno dos verdadeiros fundadores dessa aristocracia — a dos barões do Ceará-Mirim, senhores do engenho São Francisco, hoje usina, e onde um dos seus mais ilustres descendentes — o bacharel Manuel de Gouveia Varela — criou as normas da fidalguia autêntica, da elegância e do cavalheirismo.

Ceará-Mirim é, então, essa grandeza viva, esse esplendor que se alimentava da riqueza inexaurível do vale. Em 1882, por exemplo, quando o bispo dom José Pereira da Silva Barros visitou a cidade, o livro em que o médico e jornalista Luiz Carlos Vanderlei nos dá conta dessa visita é um documentário do fausto que fazia, então, do Ceará-Mirim um núcleo de vida privilegiada e uma expressão marcante da distinção social. As grandes famílias estão unidas para a recepção, numa solidariedade que era o melhor sinal do seu conteúdo aristocrático e humano.

A cidade está no auge do seu esplendor e da sua glória. Corria aquele ano próspero de 1882, na florescência plena da semi-burguesia feudal. Luiz Carlos, jornalista e poeta, diz: "A cidade do Ceará-Mirim estava imponente, luxuosa, fauceira. As casas estavam com suas testadas limpas, as ruas embandeiradas, e de permeio erguiam-se arcos triunfais, palanques e coretos enfeitados. As portas e janelas, decoradas com colchas de vivas côres, deleitavam a vista, dando à cidade do Ceará-Mirim um aspecto novo e agradável".

Quem esperava o bispo à entrada da cidade? Os drs. José Inácio Fernandes Barros e Vicente Inácio Pereira, genros ambos dos barões do Ceará-Mirim. O que foi a recepção ao príncipe da Igreja, di-lo Luiz Carlos fixando não já um cenário de festas religiosas e profanas, mas a própria sociedade do tempo, com os seus requintes, seus luxos, suas grandezas. O bispo ficou hospedado no palacete do dr. Barros. Esse palacete, acentua o cronista, é de arquitetura e gosto toscano. Suas características são as seguintes: "Fachada ampla, relevos delicados, janelas peque-

nas, entaladas em quadrados, claros côres de rosa, limitados por cimalha côr de pérola, ao lado um jardim gradeado com portão de ferro no centro; eis aqui o exterior do palacete". O banquete que foi aí servido mereceu o qualificativo de "princípio". Os brindes tinham o fino gosto aristocrático de uma sociedade que se mostrava na riqueza e na variedade dos seus requintes; e naquele velho Ceará-Mirim do ano da graça de 1882, sete anos antes de ser proclamada a República, estando a Europa tão fortemente agitada pela questão social, o bispo D. José Pereira da Silva Barros erguia a sua taça em homenagem a S. M. o Imperador do Brasil e ao Papa Leão XIII que, com a "Rerum Novarum", havia de indicar à incompreensão humana, agitada pela luta de classe, o remédio do humanismo cristão.

Mas, a visita ao Ceará-Mirim não estaria completa se o bispo não houvesse tomado contacto com o Guaporé, onde Vicente Inácio Pereira traçava os rumos de uma civilização rural e de onde saíra para governar a Província, na qualidade de vice-presidente.

Dessa velha casa de engenho, que é um solar autêntico, disse Luiz Carlos que é uma "esplendida casa". Faz-lhe a descrição cuidada, ao estilo do tempo, com uma viva tonalidade romântica e impressionista. No dia da visita do bispo de Pernambuco, então toda a paisagem era uma festa. O visitante ilustre atravessou com o seu "coupe" por sob arcos, não faltando a música "com suas harmonias e girândolas". Os arcos eram de canas colossais, "como só o vale do Ceará-Mirim sabe produzir". E do dono da casa o cronista traça um perfil rápido, mas acabado: "O sr. dr. Vicente é um fidalgo no trato. Leva o seu gosto e o seu gênio às minúcias da etiqueta".

O almoço servido ao bispo não demerrece o banquete oferecido pelo dr. Barros. Vêm os brindes. Vicente Inácio salienta as "virtudes apostólicas do seu ilustre hóspede": e o bispo saúda a família Varela do Ceará-Mirim.

Parece que não há um retrato mais fiel, mais expressivo da velha cidade meio feudal do que o dessa visita de um prelado ilustre, que uniu todas as forças e energias da sociedade local para uma recepção que ficou sendo a grande demonstração da coesão aristocrática para receber a um príncipe da Igreja. Ali estavam as famílias no esplendor de sua economia próspera, refletindo a grandeza da terra que reverdescia, num milagre contínuo, ostentando sua fisionomia irresistível de nova Terra da Promissão.

Era assim o Ceará-Mirim nos derradeiros anos do Império, quando a economia tinha o seu melhor apóio na escravidão, quando os senhores de engenho eram autênticos barões feudais, quando toda a política, conservadora ou liberal, plantava na terra as suas raízes fundamentais. Naquela época ninguém, de certo, se lembraria de assinalar à cidade rica e exuberante a decadência que lhe corroeu, depois, as entranhas, inexoravelmente. A visita do bispo foi, porém, o canto de cisne da cidade aristocrática, às vésperas de se republicar, de perder muitas de suas figuras marcantes e de sentir os efeitos da crise que decorreu da ausência do braço escravo.

Hoje, o Ceará-Mirim é uma vaga lembrança desse passado, desse glorioso passado, que se espalha, numa melancolia de ocaço, nas suas velhas casas, nas suas velhas ruas, nos seus velhos engenhos.

Pouco mais de meio século se bateu sobre a cidade para reduzi-la à tradição das grandezas desaparecidas. Tem-se a impressão que a cidade parou, conservando-se numa espécie de meditação mística a que não falta, inclusive, a beleza do templo, dominando o cenário como um vasto claustro de saudades e de recordações.

Mas, a que se deve essa decadência, tão rápida, tão vizinha ainda do fausto? Por que motivo uma grandeza morre tão depressa? Veio a crise do açúcar, o preço ínfimo, gerando o desequilíbrio rápido

das finanças das casas-grandes. O braço trabalhador emigrou; por um momento, o senhor de engenho se sentiu desamparado dentro do seu próprio "habitat". Mas, não cruzou os braços. Resistiu à crise, lutou heroicamente e não se pode dizer que tenha sido vencido. A cidade, vendo fenececer, como que por encanto, o brilho da civilização rural, sofrendo as consequências desse drama de ressurreição, refletia as ansiedades da débaiche e amodorrava-se na quietude, esperando que do vale fecundo viessem as novas e salvadoras energias. Desapareciam os tradicionais chefes de família, que eram também políticos influentes do Segundo Império; e com eles se ia o próprio sentido da aristocracia rural, cujos fundamentos estavam profundamente abalados. Famílias economicamente esgotadas provocavam a decadência da cidade; e o que foi grandeza passou a ser uma vaga melancolia a imprimir ao Ceará-Mirim, na sua aparente morte, o aspecto de um burgo medieval, silencioso, taciturno e claustro.

No momento em que esta nota é escrita, que se pode dizer dessa decadência? Todos nós que deixamos a cidade amortecida nas suas energias, mergulhada no seu sonho romântico, calma como uma ruína, imaginamo-la a descer os degraus de um abismo a que parece querer atirá-la uma fatalidade histórica. Vem-la encolhida dentro de si mesma, triste e meditativa, numa atitude lírica. Sua fisionomia comodora tem a beleza da ancestralidade forte e expressiva, do passado glorioso e imortal. E os seus engenhos? E as suas casas-grandes? E o seu vale? Que será feito da terra generosa? Exauriu-se essa terra, ou ainda é a mesma seara inesgotável?

Neste momento, enquanto a cidade dorme o seu sono abismal, o vale parece ser mais rico, mais abundante e mais belo do que nunca. Luiz Varela transformou o São Francisco numa usina, irradiando pelos engenhos, o Guaporé inclusive, os tentáculos que asfixiam os banguês românticos e que prometem reduzi-los à condição de simples afluentes de um grande rio. Ubaldo Bezerra fez de Ilha Bela uma usina. Rui Pereira, no Outeiro, continua a tradição de José Antunes, mantendo o fogo sagrado com um admirável sentido da civilização rural. E outros trabalham e prosperam, enquanto a crise do preço do açúcar é apenas uma longínqua lembrança.

E por que a cidade não renasce? Por que não é a mesma cidade rica, progressista e feliz de outros tempos? Por um motivo muito compreensivo: perdeu-se o sentido da aristocracia local. Os senhores de engenho têm, hoje, uma atividade econômica muito mais intensa; mas, já não possuem a noção do agrupamento e da solidariedade, que fazia a beleza da sociedade aristocrática desaparecida. Construem casas em Natal, quase que moram lá, realizando um êxodo financeiro que empobrece cada vez mais a cidade desprezada. Há, assim, uma riqueza racionalmente explorada, mas desviada da própria terra que, antigamente, era o centro de toda a vida e de toda a atração. O Ceará-Mirim agoniza à beira da riqueza renascente, num paradoxo atroz. É um fenômeno típico da dissociação entre o econômico e o social.

Por enquanto, o que nos interessa é a fixação desses dois aspectos tão diversos — o fausto e a decadência, fazendo do Ceará-Mirim uma cidade irresistível pelo seu passado e pela contribuição histórica à vida do Rio Grande do Norte. Se os seus usineiros e seus senhores de engenho quiserem, o velho burgo renascerá; mas, para isso é preciso que a solidariedade e a compreensão estendam o progresso econômico à cidade adormecida e parada. Enquanto isso não acontecer, o Ceará-Mirim viverá de suas tradições, sob uma auréola poética de reminiscências amáveis, ao clarão romântico de suas evocações grandiosas.

# Tomou Posse O Novo Agente Do Lloyd Brasileiro Em Pernambuco

## PRESENTES AO ATO AUTORIDADES, INDUSTRIAIS, MEMBRAS DAS CLASSES CONSERVADORAS E AMIGOS DO INDUSTRIAL JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ — CONTENTAMENTO EM TODOS OS CIRCULOS — DECLARAÇÕES DO COMANDANTE ROBERTO PAQUET - EXPRESSIVOS DISCURSOS PRONUNCIADOS NO BANQUETE REALIZADO NO CLUBE INTERNACIONAL-NOTAS

O ato do governo federal, pelo qual a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco foi nomeada agente do Lloyd Brasileiro, neste Estado, obteve a mais ampla repercussão favorável em todas as camadas sociais locais, justamente porque a frente da Cooperativa se encontra o industrial José Pessoa de Queiroz, na qualidade de seu presidente atual e uma das figuras mais destacadas das classes conservadoras do país.

Conhecida a decisão do governo, nomeando a Cooperativa dos Usineiros para a agência de nossa maior empresa autárquica de navegação marítima, no Recife, foram feitas as maiores demonstrações de júbilo pelo acontecimento, de vez que, desse modo, os negócios do Lloyd Brasileiro em Pernambuco tomarão novo impulso. Aliás, outro não foi o pensamento do governo ao nomear a Cooperativa para agente da autarquia, entre nós.

No dia 30 de agosto último, viajando num "Constellation" da Panair do Brasil, retornou a esta cidade o sr. José Pessoa de Queiroz, que se fez acompanhar de sua esposa, srta. Tereza Cordeiro Pessoa de Queiroz, do sr. comandante Roberto Paquet, secretário geral do Lloyd Brasileiro, e do jornalista Clodomir Leite.

Após desembarque do Ilustre pernambucano e das pessoas que o acompanharam, estiveram presentes destacadas figuras de nossa sociedade e dos círculos comerciais e industriais.

Conforme estava programado, no dia 31, às 16 horas, realizou-se a solenidade da posse do novo agente do Lloyd nesta capital, assumindo as funções o industrial José Pessoa de Queiroz em nome da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco.

O ato, que foi solene, contou com a presença de grande número de pessoas, autoridades, industriais, comerciantes e amigos do sr. José Pessoa de Queiroz.

Como se sabe, o comandante Roberto Paquet veio ao Recife especialmente para transmitir ao novo agente aquelas funções, exercidas até então pelo comandante Pinheiro de Andrade, que se encontra na capital do país.

Lido o termo de transferência, falou inicialmente o comandante Roberto Paquet, que disse dos objetivos do governo federal, ao nomear a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco agente do Lloyd no Recife.

Constatou-se com os presentes, desejando à nova gestão um futuro promissor e brilhante em prol do engrandecimento da autarquia e do desenvolvimento de Pernambuco.

Usou da palavra, logo a seguir, o industrial José Pessoa de Queiroz, que, em nome da Cooperativa, de que é presidente, assumiu as funções com o propósito único de servir a Per-



Aspectos do banquete oferecido ao Comandante Paquet, no Clube Internacional

nambuco e à sua economia, procurando corresponder à confiança depositada na entidade, que preside, pelo governo federal. Iria envidar todos os esforços no sentido de bem servir.

O último orador foi o jornalista Clodomir Leite, que exaltou a personalidade do industrial pernambucano, cuja gestão à frente da Agência do Lloyd Brasileiro já estava vitoriosa, graças ao conhecido espírito dinâmico e trabalhador do sr. José Pessoa de Queiroz.

### PESSOAS PRESENTES

Dentre as pessoas presentes nossa reportagem pôde anotar as seguintes: prefeito Antônio Pereira, secretários de Estado Gomes Maranhão, da Agricultura, e Roberto de Pessoa, da Segurança Pública; senador Novas Filho; ans. Beraldo Melo, Armando Monteiro, Diocórides Santos, Milton Lopes, Arnaldo Fonseca, João Pessoa de Queiroz, Napoleão Gonçari, Tomaz Lobo, dr. F. Pessoa de Queiroz, Alfredo Bandeira, Ademar Xavier, Cláudio Carvalho, José Lopes de Siqueira Santos, Cleo Correia, Esquiel Siqueira Campos, Joaquim Bandeira, Esmaragd Marroquin, Manuel Maroja, Vicente Gouveia, altos funcionários da agência do Lloyd nesta capital, industriais, comerciantes, banqueteiros e pessoas gradas, cujos nomes, dentro da multidão que superlotou todas as dependências do edifício da rua da Moeda, escaparam à anotação da reportagem.

### DECLARAÇÕES DO CMTE. PAQUET

Ouvindo pela reportagem sobre a nomeação do novo agente do Lloyd, nesta capital, o comandante Roberto Paquet declarou o seguinte: — A nomeação da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco

co, para a direção da agência do Lloyd Brasileiro no Recife, resulta de uma resolução do diretor da autarquia, visando, antes de tudo, o maior desenvolvimento das nossas atividades. Quando tomou essa atitude, estava certo de que o Lloyd muito lucraria com a gestão sã e a orientação decidida que será dada nesta Cooperativa, na figura de seu presidente — industrial José Pessoa de Queiroz — nos serviços do Lloyd Brasileiro no porto do Recife.

### PAULO AFONSO E O RECIFE

Dando prosseguimento à sua palestra com a reportagem, o comandante Paquet acentuou: — Naturalmente, esse porto tende a desenvolver-se de maneira vertiginosa, com o aproveitamento do potencial hidro-elétrico de Paulo Afonso, que virá dar um grande impulso à economia do Nordeste. Desse modo, era do nosso interesse entregar os negócios do Lloyd a uma potência econômica, quanto a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, que tem grandes possibilidades em todos os setores e poderá deter para o Lloyd grande parte da carga de exportação e importação do Estado.

### O BANQUETE NO INTERNACIONAL

À noite, no Clube Internacional do Recife, realizou-se o banquete com que as classes produtoras do Estado homenagearam o comandante Carlos Alberto Paquet.

Estiveram presentes representantes das altas autoridades cíveis e militares e as figuras mais representativas do comércio, indústria e lavoura pernambucanas.

Oferencendo o saque, discursou o industrial Armando de Quei-

roz Monteiro, que foi vivamente aplaudido.

### O AGRADECIMENTO DO HOMENAGEADO

Agradecendo a saudação recebida, disse, inicialmente, o cmte. Carlos Roberto Paquet: — Esta acolhida generosa e amigável, não me surpreendeu. Eu já a conhecia desde há muito tempo, pois, como oficial de Marinha de Guerra, que me orgulho de ser, tive várias oportunidades, o-

recida do almirante Lemos Bastos, atento aos superiores interesses da economia privada, revelou as recentes providências tomadas no sentido de que fosse suspensa a adoção de uma taxa adicional de 15%, que seria justificada por congestionamento, nos fretes para o porto do Recife, sobre cargas provenientes do norte da Europa e de 10% de cargas oriundas dos EE. UU., medida de grande alcance, cujo êxito se deve aos bons ofícios do representante do Lloyd junto ao



O sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, ao preferir breve alocação no momento em que assumia o cargo de agente do Lloyd Brasileiro, em Pernambuco

portunidades de que me recordei com saudade, de conhecer, de sentir essa boa e franca hospitalidade pernambucana, tão espontânea e sincera, constituindo mesmo a mais simpática característica da gente desta terra.

Adiante, continuou: — Mas, quero salientar que esta oportunidade que a generosidade de v. v. ss. me proporciona, além dos momentos de agradável convívio que ora desfruto, oferece-me ainda o feliz ensejo de dar aos senhores, como legítimos representantes das classes produtoras de Pernambuco, uma breve idéia da situação atual do Lloyd Brasileiro e do que a diretoria vem realizando para que ele possa cumprir sua finalidade de maneira cada vez mais, para o desenvolvimento da economia nacional.

Abordando, em seguida, os pontos básicos do programa administrativo da atual direção de nossa maior empresa de navegação, ocupou-se, inicialmente, da dupla condição que subordina o Lloyd, isto é, como organização de comércio marítimo, com seus naturais aspectos eminentemente comerciais e, de empresa de navegação, obrigada, por isso, às linhas deficitárias com fim exclusivo de dar escoamento à produção nacional, nos mais longínquos pontos de nossa costa.

Numa demonstração do modo como está a empresa do patrimônio nacional, sob a direção escla-

Outward Freight Conference in Brazil-Rio da Prata.

— Mas, acentuou, não ficaram aí as atividades da empresa, em defender a economia nacional, uma vez que ainda através de um dos seus diretores, conseguimos a adoção do pagamento em cruzeiros, dos fretes de importação proveniente dos EE. UU. Tal medida, como se depreenda, evita a evasão das divisas, além de possibilitar comodidade e economia, decorrente do não pagamento antecipado dos fretes, como ocorria anteriormente.

Ocupando-se da situação financeira da empresa, informou dos primeiros resultados obtidos com as normas administrativas em execução, que asseguraram o fechamento do primeiro semestre, sem a ocorrência de deficits, em contraste animador, a igual período dos exercícios anteriores, todos eles, com deficits de certo vulto.

De passagem, deu conhecimento ainda, de alterações no organismo administrativo da empresa, onde novos departamentos foram criados, sem aumento de gastos para maior simplificação e melhor controle dos serviços.

Falando do papel importante que cabe à Superintendência técnica, aludiu à dificuldade de manter em tráfego, grande parte da frota, composta, em sua maioria, de navios obsoletos, de difícil e onerosa manutenção, ainda no tráfego, por força da neces-

sidade de garantir o pleno escoamento da nossa produção, embora acarretando deficits sistêmicos, que são aceitos pela empresa, no elevado intuito de, dentro do programa do governo, atender às prementes necessidades de transportes que nos assaetam.

Adiante afirmou ser do programa administrativo da empresa, a aquisição de unidades que venham, não só substituir as antiquadas em uso atualmente, como também dar maior expressão e tonelagem às nossas linhas no Exterior.

Nessa altura, declarou:

— Como vêem os senhores, está o Lloyd Brasileiro envidando seus melhores esforços para obter, através de um serviço regular, rápido e eficiente, a indispensável confiança de que carece dos embarcadores, capazes de assegurar-lhe a preferência que, na atual conjuntura econômica do país chega a ser um imperativo nacional, pois, permitirá graças a um esperado aumento na exportação, um considerável acúmulo de divisas, resultando em melhores condições para o desenvolvimento econômico nacional, no seu âmbito aqui presentes, a ele se unirão, conjugando seus esforços a fim de que possa o Lloyd Brasileiro dar cabal desempenho à sua missão, de incentivar o fomento à economia nacional, no seu mister de pugnar a prosperidade nacional.



### FALA O SECRETARIO DE VIACAO

Discursou, por último, o engenheiro Armando Monteiro Filho que, após fazer um apelo à direção do Lloyd Brasileiro, para que coopere com o governo, classes produtoras e povo pernambucano, no reaparelhamento do porto do Recife, argruou o brinde de honra ao sr. presidente da República.

Todos os discursos foram transmitidos pelo Rádio JORNAL DO COMMERCIO.

Tocou, durante o banquete, o Conjunto Boite da grande Emissora.

### \* \* \* FOGO VERDE \* \* \*

Será lançado ainda este ano o novo romance do escritor paraibano Perimino Asfora, autor de "Sapé" e "Noite Grande". Nesse novo romance, o sr. Perimino Asfora, continuando à sua linha de romances rurais, fixa aspectos curiosos da nossa evolução econômica e das lutas sociais que se travam no "hinterland" nordestino. "Fogo Verde", editado no sul, está sob o esguardo no Recife nos primeiros dias de novembro.

"ZONA DE SILÊNCIO" O nosso colaborador, "conteur" Gastão de Holanda acaba de publicar o seu primeiro livro de contos sob o título de "Zona de Silêncio", em uma agradável edição do Teatro do Estudante de Pernambuco.



O comandante Renato Paquet, secretário geral do "Lloyd Brasileiro", quando discursava, ontem, à tarde, nas solenidades da posse do industrial José Pessoa de Queiroz, nas funções de agente daquela companhia em Pernambuco



# Mato, ferro e homem

## Conferência pronunciada no Instituto Joaquim Nabuco

Nelson Chaves

É COM grande honra que venho fazer esta conferência no Instituto Joaquim Nabuco e é com grande satisfação que vejo o seu florescimento.

O trabalho de Gilberto Freyre no sentido de dotar Pernambuco e o Nordeste de um Instituto destinado ao estudo e às pesquisas no campo da Antropologia, Geografia Humana e Sociologia, foi realmente de grande alcance. Veio preencher uma lacuna na vida universitária e cultural que tão promissoramente vem florescendo na cidade do Recife.

O Instituto realiza o estudo dos problemas dentro de rigorosos métodos científicos. Cada dia mais se afirma a necessidade da ciência no estudo e na solução das questões que envolvem o homem.

Sem partir da investigação científica, desde a Física à Sociologia, jamais é possível esclarecer e estudar os problemas da vida humana.

O grande mestre Bernardo Houssay diz com muito acerto: «Investigação científica é o índice mais seguro do meio físico e da saúde de um povo; dá poder e assegura independência às nações.»

O título de um trabalho nem sempre precisa exatamente seu conteúdo. Talvez muitos dos que aqui estão pensem que vou estudar a constituição do solo, a vegetação tropical e a etnografia do homem no Nordeste.

Seria trabalho inacessível aos limites de uma conferência de certo acima das possibilidades do autor.

Nesta palestra, procurarei demonstrar a extensão e a profundidade da ação do meio físico sobre a estruturação e sedimentação do Nordeste do ponto de vista econômico-social e médico-social.

O fenotipo resulta da interrelação de dois grupos de fatores: genético e meio físico. A evolução, a seleção natural, o transformismo, etc., se processaram dentro deste binômio.

A influência do meio é de grande importância, capaz de trazer profundas modificações ao indivíduo, às espécies e aos agrupamentos humanos.

Max Sorre (Les Fondements Biologiques de la Géographie Humaine, Paris, 1947) diz que não podemos conceber o homem num meio inerte. Pelo contrário, a todo o instante, o meio lhe penetra e onde a influência do meio se exerce mais diretamente e limita com mais evidência a expansão da espécie é nas regiões quentes e úmidas inter-tropicais dominadas pela floresta verde.

O matas condensadas das regiões úmidas facilitam o desenvolvimento de insetos, vermes e germes nocivos ao homem.

A importância do clima no estímulo e nas limitações e na constituição de complexos patogênicos é indiscutível. Não deve ser porém, exagerado, nem considerado como barreiras insuperáveis como admitem alguns.

O clima tropical tem sido muito calunioso, mas seus inconvenientes e seus elementos de limitação não devem ser postos à margem. A análise das civilizações que desenvolveram nas regiões quentes e úmidas dos trópicos não pode ser desprezado.

O meio não é só o clima e sim o conjunto de fatores que o influenciam e que tanto dependem dele. O complexo solo, vegetal e animal é indissociável e deve ser tomado em conjunto. Nenhuma civilização escapa ao determinismo do solo e do vegetal, nem mesmo na era da energia atômica.

Os elementos minerais, a água e o pH do solo, constituem bases de agrupamentos humanos, de sociedades e de civilizações.

Dominava antigamente o conceito da hierarquia das raças, mas os conhecimentos científicos atuais levaram a considerar a desmoronamento dos castelos de areia.

Muitos geneticistas e antropologistas negam a superioridade racial. Franz Boas, o grande antropologista americano, se opõe à hierarquia das raças e dá grande valor à influência do meio.

Neuschloss (Ciência e Cultura, Buenos Ayres, 1944), grande biólogo diz que os criadores procuram tomar uma propriedade isolada de animal puro para considerá-lo superior: produção de leite das vacas, velocidade dos cavalos de corrida, degeneração

gorda do fígado do ganso, e acrescenta: os seres humanos não são criados para determinados fins, devendo ser tomados em toda sua amplitude. Mais adiante afirma: «A medida que uma população limitada se isola da humanidade, procriando-se com exclusão de elementos alheios, sua vitalidade diminui e sua capacidade de defender-se na luta pela existência decré.»

Montagu (The Fallacy of the Race, New York, 1945), embora considerado muito imaginoso e audacioso nas suas afirmações, ressaltando a importância do meio físico, afirma que novas raças humanas tem sido e estão sendo rapidamente sintetizadas e que raça é um puro mito e o mais trágico mito de nossa trágica era.

Montagu Freyre (Casa Grande & Senzala, Rio, 1934) escreve: «Já se tenta hoje retificar a antropogeografia dos que, esquecendo os regimes alimentares, atribuem aos fatores de clima; esse movimento deve ser incluído a sociedade brasileira, exemplo de que tanto se servem os alarmistas das misturas de raças, ou malignidade dos trópicos, a favor de sua tese de degeneração do homem por efeito do clima e da miscegenação. É uma sociedade, a brasileira, que a investigação histórica revela ter sido em larga fase de seu desenvolvimento, de verdadeiros esquemas abastados, um dos povos modernos mais desprestigiados na sua eugenia e mais condenados a uma capacidade econômica pela deficiência de alimentos.»

O meio intervém muito decisivamente em todas as formas de vida, das mais simples às mais complexas. Os processos de malignidade dos trópicos, constituídos de nucleoproteínas e responsáveis pela transmissão de caracteres hereditários não são dos físicos como também dos funcionais, de verdadeiros esquemas de reações químicas, não escapam à sua contínua interferência. E graças a fatores do meio tem se verificado mutações de caracteres, as quais são transmitidas a descendentes. Estabelece-se hoje estreita relação entre os genes e os vírus filtráveis ou vírus proteínicos.

Também nestes, que são considerados formas elementares da vida e a ponte entre os corpos brutos e os seres vivos, pelos partidários da teoria mecanicista, ou puramente físico-química da vida, os agentes do meio produzem grandes modificações.

Tem sido possível obter artificialmente mudanças de um vírus em outro pela interferência de agentes físicos ou químicos.

Ora, se o meio físico tem ação tão evidente sobre partículas tão pequenas como os genes e os vírus-proteínas, muito mais influenciada se torna nos organismos mais complexos e entre eles, o homem.

Dos fatores do meio, os alimentos ocupam o primeiro plano, uma vez que são eles que fornecem material para a construção e restauração dos tecidos e são responsáveis por todas as formas de energias que se observam nos seres vivos.

Em trabalhos anteriormente publicados, estudei detalhadamente a ação do clima e da alimentação sobre o homem do Nordeste e sua repercussão nos problemas médicos sociais ocorridos na região. (Revista Brasileira de Medicina Pública, números 12, 13 e 15 — 1947).

Ruy Coutinho (Clima e Proteínas, Rio de Janeiro, 1951) referindo-se à dieta das populações tropicais confirma sua pobreza em proteínas, especialmente de primeira classe e sua deficiência.

Outros autores chegaram à conclusão de que o povo brasileiro é sub-alimentado: Silva Melo (Alimentação no Brasil, Rio 1946), Pompei do Anaral (São Paulo 1945), José de Castro (Geografia da Fome, 1946), Marcos Suseuza (Recife, 1948), Coelha Couto (Rio de Janeiro), Orlando Fathaly estudou especialmente a região sertaneja (Problema Alimentar do Sertão, Recife, 1940).

Nos trópicos predominam as proteínas vegetais de modo geral. Os alimentos animais e os regimes ricos em hidratos de carbono.

Henri Labouret (Paysans d'Afrique Occidentale, 1941) estudando as condições ali-

mentares das colônias francesas da África Ocidental constatou a deficiência alimentar e irregularidades correlacionadas às estações do ano. Verificou ainda que os nativos daquelas regiões tropicais têm regimes pobres em proteínas animais, ricos em hidratos de carbono e ingerem frequentemente alimentos tóxicos responsáveis por gastro-enterites. Observou no Sudão que nos meses de março, abril, maio e junho há aumento de trabalhos e diminuição de recursos alimentares, o regime se compõe quase exclusivamente de mandioca e bananas. Consumem pouca carne, quase exclusivamente em três grandes festas anuais, porém em grandes proporções em tais ocasiões. Cita o autor o seguinte fato ocorrido com ele na Guiné: um chefe ofendeu um chefe de um camponês, um carneiro gordo do qual azeitaram apenas uma perna. O resto foi comido por 3 nativos à tarde e à noite.

Há estreita correlação entre a alimentação, morbidade, crescimento demográfico e capacidade de produção. As proteínas estão interferem de maneira destacada no crescimento, na imunidade, na produção de trabalho, na transmissão de caracteres hereditários. Em todas as crises de proteínas, especialmente de proteínas animal, verifica-se decadência física do homem, aumento da mortalidade, redução de crescimento, etc.

Richert e Delbarre (Insuficiência Alimentar, Paris, 1950) afirmam: «Histórias de fome que forme e epidemias são dois flagelos sempre intimamente ligados. No primeiro tempo sobrevém o cataclisma político social ou cósmico, depois instala-se a fome, a fome é o primeiro e o mais importante e que se desenvolve nas epidemias. Acrescentam ainda que, «Segundo as observações de Knud Faber, o aumento da morbidade e da mortalidade, o aumento da mortalidade em época de fome está em relação com a carência de proteínas.»

### O CICLO DO CARBONO E DO NITROGÊNIO

Dois grandes ciclos da natureza — o do carbono e o do nitrogênio, constituem o fundamento da vida animal. É através destes que o homem consegue adquirir os alimentos indispensáveis à constituição de seus tecidos e à produção de energia, e por isso, são eles base da civilização.

A fixação de carbono se faz por três mecanismos: um sob a ação da luz solar e outro na obscuridade. O primeiro é a fotossíntese. Os vegetais verdes possuem pigmentos verdes denominados clorofila *a* e *b*, e amarelos, chamados carotenos e xantofilas. A luz solar atuando sobre os pigmentos verdes, promove a fixação do carbono que se encontra no ar atmosférico sob a forma química de anidrido carbônico (CO<sub>2</sub>) e deixa livre o oxigênio para os animais, e em menor parte para os próprios vegetais. O carbono fixado por esse mecanismo completo vai reunir-se à água retirada do solo pelos vegetais e constituir o formaldeído. As moléculas deste último, se reúnem e formam o hidrato de carbono. Estes por sua vez se transformam em grande parte em gorduras e recebendo o nitrogênio do solo e do ar atmosférico se transformam também em proteínas. Estas assim formadas pelos vegetais, em presença do sol, os hidratos de carbono, proteínas e gorduras. As fases destas reações químicas são complexas e só se ocupam ao objetivo desta conferência, deixarão de ser detalhadas.

Poi demonstrado que os mesmos vegetais verdes, fixam também o carbono na obscuridade e a quantidade incomparavelmente inferiores a que se processa através da fotossíntese. Esta fixação no escuro chama-se reação de Blackman.

Os vegetais retiram do solo os elementos minerais como cálcio, fósforo, ferro, manganês, etc., necessários ao seu crescimento, desenvolvimento e reprodução. Se o solo é rico em tais elementos, os vegetais se desenvolvem bem; e se desenvolvem mal.

Outro ciclo importante é o do nitrogênio. Os resíduos animais, urina, fezes, corpos

em decomposição, e vegetais, flores, folhas, frutos, caules, etc., fornecem ao solo compostos orgânicos contendo nitrogênio.

«E, em virtude das bactérias do solo, estas se transformam em nitratos e nitritos, os quais, por sua vez, libertam o nitrogênio, o qual vai fixar-se no hidrato de carbono para constituir a molécula da proteína. Outra fonte de nitrogênio é o ar atmosférico. Bactérias existentes no solo, e fixam para transformado em nitratos e nitritos. Há vegetais verdes especialmente as leguminosas que contêm estas bactérias fixadoras de nitrogênio. Por isso são elas empregadas como tubos, verde para fertilizar a terra e estimular as culturas.»

Vemos assim, os dois ciclos, do carbono e do nitrogênio encontram-se para a formação de princípios nutritivos indispensáveis aos animais. Os herbívoros ingerem os alimentos vegetais e os transformam em alimentos animais. É comum a expressão «vender milho em carne de porco, de galinha e ovos; recuperar o capim e o milho através do leite. O homem que é onívoro nutre-se destes vegetais e dos animais.»

Toda vez que o homem interrompe o ciclo do carbono e do nitrogênio impede a formação de alimentos que seriam por ele ingeridos. Sempre que isto ocorre é inevitável a crise de alimentos, o que compromete profundamente a vida do homem. São os alimentos que fornecem o material para a estruturação dos tecidos, para a elaboração de substâncias reguladoras e estimuladoras de funções, para a defesa do organismo contra germes patogênicos, e para a produção de energia, etc. A carência de alimentos faz retardar o duto do crescimento, diminui a natalidade e a mortalidade, e acarreta a diminuição da capacidade de trabalho.

«E por esse motivo que se considera a fixação do carbono e especialmente a fotossíntese, a reação química de maior importância da natureza. As plantas produzem outros alimentos, além dos carboidratos, gorduras e proteínas, como vitaminas e proteínas. Assim os carotenóides e entre eles os que são precursores da vitamina A são sintetizados nas plantas e de preferência nas folhas sob a ação da luz solar. Admite-se que as raízes também sintetizam essas vitaminas na obscuridade (Rosemberg, Chemistry and Physiology of the Vitamins, New York, 1942).»

A vitamina B1 e também pelas plantas superiores e inferiores e de preferência sob a ação da luz solar. As plantas que crescem ao sol contêm maior porção dessa vitamina do que as que se desenvolvem no escuro.

Nos países tropicais a maior irradiação solar torna mais intensa a fotossíntese o que compensa em grande parte a pobreza do solo. Mas a destruição da cortina vegetal a-

nula completamente ação compensadora tão providencial.»

O ciclo do carbono não é só indispensável à produção de alimento, mas desempenha também papel de grande importância na produção do carvão e do petróleo. Gaffron, (Current in Biochemical Research, New York, 1946) num magnífico trabalho sobre fotossíntese diz poder testemunhar a maneira pela qual os antigos egípcios usavam suas fontes de madeira, referindo-se às montanhas da Pérsia, da Síria, Grécia, Itália e Trópolitas, atualmente transformadas em extensas regiões estériles. Considerando o petróleo e o carvão, diz o autor que os Estados Unidos dispõem atualmente de reservas reduzidas e constitui uma séria preocupação a maneira de recuperar o carbono para a reconstrução do combustível. Houve nos Estados Unidos destruição de florestas em desproporção com o reforestamento. Acrescenta o autor que algumas espécies de árvores estão prestes a desaparecer. Diz ainda, que, a não se que haja um permanente reforestamento em toda parte, a supância de óleo e de madeira será suficiente apenas para 70 anos. Por isso os cientistas estão estudando um meio de obter produtos da fotossíntese, através de plantas no mar, não somente visando o problema alimentar futuro como também o de energia.

«Considerando a importância econômica do carvão e do petróleo, verifica-se o grande perigo da interrupção do ciclo do carbono pela destruição das árvores.»

As árvores protegem ainda o solo da erosão, a qual é muito acentuada nos trópicos onde as chuvas são torrenciais. Além disso, os solos nus destituídos de suas árvores, ficam expostos à irradiação solar e por consequência, tornam-se muito mais quentes. As bactérias responsáveis pela nitrificação e pela fixação do nitrogênio do ar atmosférico são facilmente destruídas o que constitui um perigo para o ciclo do nitrogênio. Também os restos dos vegetais vão fornecer o húmus indispensável à fertilidade do solo e à realização do ciclo biológico.

Os elementos minerais do solo conferem-lhe riqueza ou pobreza e condicionam a vida vegetal. A falta ou deficiência de certos deles retarda ou impede o crescimento das plantas.

Os estudos realizados por Bishop em Alabama, revelaram que a percentagem de cálcio e fósforo de um mesmo vegetal varia grandemente e às vezes em direção oposta, nos diferentes tipos de solo. Nos solos ricos em manganês os tomates contêm muito mais vitamina C de que nos pobres. Na Nova-Zelândia, Austrália, Flórida e em outras regiões existe uma doença do gado bovino chamada «doença da costa» ou emal dos boques, caracterizada por emagrecimento e anemia, devida à carência de cobalto no solo e nos vegetais.

«O solo é de primordial importância em biologia. Para Walter Kubiena (Suolo — Instituto Espanhol de Edafologia, 1944) «Uma biologia que considere a vida em conjunto não se concebe sem uma estreita relação com o solo. Sem o conhecimento do solo, formação tão importante na economia dos seres vivos, nossa imagem do mundo é imperfeita. Entre o solo e o habitat biologia existem as mais estreitas relações recíprocas, de modo que pode se dizer do solo que não se trata somente de um fator do habitat, senão que é um reflexo de suas particularidades.»

«E o solo não é estável, fixo. Ele depende muito dos vegetais, dos germes que desintegram as rochas, dos resíduos animais, do clima, dos minerais. Modifica-se em consequência do desequilíbrio do complexo no qual intervem diversos fatores. Não é somente uma fonte de vida e sim resulta em grande parte da própria vida. Sua riqueza em microorganismos o integra nos ciclos biológicos, entrelaçando-a à biologia. E sem dúvida, alcece de civilizações. É a ponte entre a vida e o inanimado. É, segundo o professor Kubiena, um ciclo eterno de desenvolvimento e perecimento, de morte, decomposição e renascimento. Sem o conhecimento do solo não é possível interpretar os fenômenos biológicos nem as grandezas e fraquezas dos povos e das civilizações.»

### SOLOS TROPICAIS

A lenda de que o «Brasil é um país rico onde tudo dá desde que se plante», tem sido grandemente prejudicial. Quase todo o território do Brasil está situado na região tropical e subtropical. Luiz Amaral em seu livro «Outro Brasil» (São Paulo, 1950) chama muito a atenção para esse fato e diz que apenas dois Estados, Rio Grande do Sul e Santa Catarina escapam inteiramente à essa gênica necessária à agricultura; através com ela regiões desérticas e vai depositadas na parte extra-tropical, dência do Equit; manamento, pacientemente, carrela da caieira distante a matéria orgânica necessária à agricultura; através com ela regiões desérticas e vai depositadas na parte extra-tropical, tornada assim de proverbial uberdade.

Já o Amazonas, correndo para a litoral deprimido, eslavava a terra-não e diratamente projeta toneladas e toneladas do Brasil no Golfo do México.»

Referindo-se às secas do Nordeste diz o autor: «Quando a seca nordestina, que começou a afligir o Ceará em 1905, envolve hoje territórios de 16 Estados, inclusive grande parte de Minas Gerais. Além disso, há por aí semirregião Nordeste, ficando por Minas e São Paulo, enormes regiões desérticas boas apenas para encumprir distâncias. Em parte, porque as águas envelhecem e porque as terras

(Continua na pg. 8)

## CASAS FERREIRA

### Sempre As Primeiras

\* \* \*

**Matriz: Av. Marquês de Olinda, 111**

**FILIAL: DUQUE DE CAXIAS, 210**

\* \* \*

**A VISTA OU PELO PRAZIÁRIO**

**Tanto Faz Como Tanto Fez!**

(Continuação da pg. 7)

Rendimento médio 1943/47

Kg-ha

	Pernambuco	São Paulo
Algodão	305	605
Cana de Açúcar	33.370	41.366
Mandioca	13.151	16.090
Milho	843	1.325

Luiz Amaral confirma que as terras brasileiras são fracas em elementos nutritivos quer para o homem quer para os animais: Se na Argentina ou no sul do Brasil vemos rebanhos de carne desde o casco, na região intertropical, perambulam em pastagens ordinárias, bois de barriga enorme com a pele prurada nos ombros, e os melhores cultivados para plantio do algodão 147.317 hectares em 1944 e 244.602 em 1946. Em 1944 colheram 54.481 toneladas de algodão e em 1946, 57.114 de algodão e 29.113 de pluma.

Embora a área cultivada tenha sido quase o dobro, o rendimento foi que o mesmo, o que revela esgotamento do solo.

Bois ou cavalos da mesma raça criada na Argentina ou no Rio Grande do Sul, têm crescimento e peso muito superiores aos criados nos campos do Nordeste.

Que se observa no Nordeste senão a luta do homem contra a natureza?

Desde o período colonial até nossos dias, as matas vêm sendo destruídas de maneira louca e inconsequente. Estamos na era da energia atômica, mas consumindo energia calorífica dos vegetais.

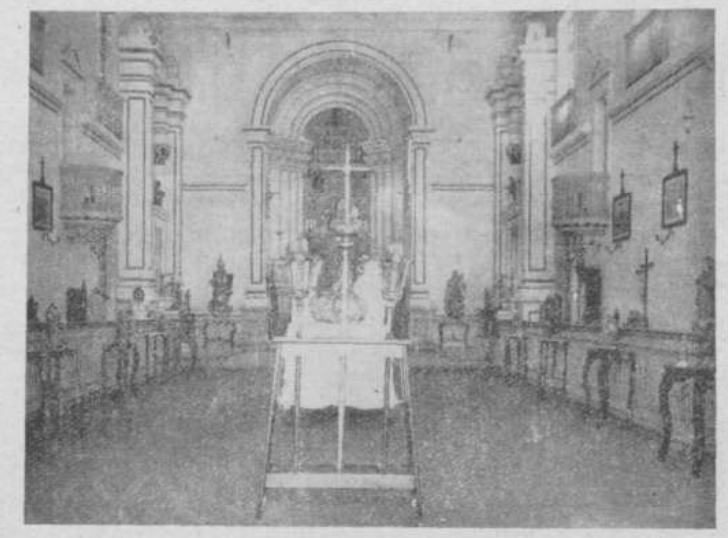
Nossas fábricas, estradas, de ferro, na sua grande maioria são movidas pela energia calorífica da lenha. Quem viaja de avião fica pasmado ante o deserto que observa. Após 40 minutos de voo, não se vê animal nem vegetal. A terra parece uma interminável extensão de campos de ténis. Não se vê mais o gado, a pecuária quase desapareceu. Na própria zona da mata, existem árvores apenas no cimo dos morros. Afastando-se do coto, os rios e os riachos começam a escassar e desaparecem. Apenas a vista do observador o São Francisco, até aqui ainda não aproveitado.

Todos os que têm estudado o Nordeste Brasileiro, advertiram o perigo decorrente da destruição das matas. Em trabalhos publicados anteriormente (Problema Alimentar do Nordeste, 1946 e Sub-Alimentação no Nordeste, Recife, 1948) estudei o assunto sob algum detalhe. Se esta é melhor consultar a opinião de autoridades.

Vasconcelos Sobrinho (Regiões Naturais de Pernambuco, 1949), escreve: "a fina camada vital tem a sua origem em 20 em plantas de alto crescimento sustentáculo de toda civilização. Desnuda desta leve camada de solo agrícola, a superfície terrestre é apenas uma crosta racha, absolutamente incapaz de abrigar a vida, a do simples vegetal ou a do homem. Entretanto esta fina camada vital tem a sua origem na ação do mundo das plantas e do mundo das plantas que garante sua permanência. Daí ser, a devastação da cortina vegetal que a protege, um crime de lesa-humanidade. Se esta afirmativa foi tantas vezes provada, como verdadeira em todas as regiões do mundo, muito mais para Pernambuco como para o Nordeste, o crime recente de uma natureza alarmante. Segundo o autor, só no Recife foram destruídas nos últimos 20 anos, 350.000 cauleiros, 195.000 árvores, 3.200 algarobos, 20.000 bananeiras e 70.000 coqueiros. A destruição de cauleiros merece especial atenção, pois tanto a cáscara como a castanha são alimento de valor. O cajú é uma magnífica fonte de vitamina C e a castanha possui proteínas de alto valor biológico. Os estudos de Moura e Vazquez em Faculdade de Medicina do São Paulo, publicados em 1940 e 1949, revelam o grande valor das proteínas da castanha aproximadas das proteínas animais.

Luiz Amaral, abordando o mesmo assunto diz: "Se na Escandinávia a tradição é plantar o avô para o neto colher, aqui a prática tem sido outra: cada geração estraga a natureza e o máximo, passando à seguinte, um Brasil cada vez mais depauperado e inservível."

Gilberto Freyre em seu livro "Nordeste", Rio de Janeiro, 1937, diz: "O canalvil desvirtuou todo esse mato grosso do modo mais cruel pela queima e fiação. E foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendeu o canalvil civilizador, mas no mesmo tempo devastados os Reinos da mata. O Nordeste, em 1950, faz uma comparação das solos de Pernambuco com os de São Paulo.



Outro aspecto do Museu de Arte Sacra de Goiana, iniciativa do sr. Lauro Raposo

mata, portanto na destruição da vida animal e é possível que em alterações do clima, de temperatura e certamente regimes de águas.

Os fatos discutidos permitem compreender o progressivo depovoamento do Nordeste, especialmente da zona sertaneja e interpretar a precariedade das condições biológicas, econômicas e sociais observadas na região. Eles fornecem elementos necessários ao estudo da correlação entre o homem e o meio e permitem avaliar a luta, apesar das restrições que o clima impôs ao desenvolvimento econômico-social do Nordeste.

O depovoamento do sertão, em consequência de correntes migratórias para o sul do país é crescente e cada vez mais reduz as possibilidades de produção agrícola dos Estados do Nordeste. A carência de recursos, mesmo para uma agricultura e uma pecuária rudimentares, a luta pela água e as secas periódicas empurram o homem para regiões distantes, de maiores possibilidades.

A vida de cada sertanejo é uma história de lutas e heroísmos. As migrações e a precária situação fundamentalmente são principalmente na luta heróica do homem contra o meio hostil. Por isso o sertanejo enfrenta a luta pela água e as dificuldades na defesa de seus minguados rebanhos e de suas lavouras, tornou-se o indivíduo altamente temperado para a luta, dotado de grande sagacidade e facilidade de adaptação.

O exame da densidade de população das três zonas do Nordeste, bem identificadas em Pernambuco, revela maior concentração no litoral-mata.

Agnaldo Costa (Apontamentos para uma Reforma Agrária, São Paulo, 1945) referindo-se ao Estado de Pernambuco, apresenta os seguintes dados — litoral mata... 1.297.805 habitantes; agregados — castinga e sertão 19.062. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rio de Janeiro, 1949) dá as seguintes percentagens de habitantes por quilômetro quadrado em Pernambuco — mata... 104,7; agreste 96,7 e sertão 6,5.

As migrações e as concentrações humanas não se fazem aleatoriamente. A água, os alimentos, a temperatura, o clima, as facilidades de comunicação e os ventos são fatores de distribuição humana.

Vidal de la Blache (Princípios de Geografia Humana, 1948) salienta que os homens não se espalham como uma mancha de óleo: reúnem-se primitivamente à maneira dos corais, e mais adiante acrescenta: "A civilização se resume na luta contra obstáculos, o homem é um fator geográfico ativo e passivo e às vezes as duas coisas."

Por sua vez, Castro Barreto (Estudos Brasileiros de População, Rio de Janeiro, 1947) afirma claramente: "Concorrentes da migração são as populações rurais e especialmente para a torrente rural-urbana, as condições ecológicas de certas regiões são empobrecidas e secam de ano para ano numa inconsciente devastação das matas, que alerta sempre as autoridades. E foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendeu o canalvil civilizador, mas no mesmo tempo devastados os Reinos da mata. O Nordeste, em 1950, faz uma comparação das solos de Pernambuco com os de São Paulo.

ma, embora tenha desempenhado papel importante do ponto de vista social. Contribuiu para o regime da pequena e média propriedade, se não foi a principal causa. Os vaqueiros das pequenas propriedades recebiam em regra 1/4 das crias, o que lhes possibilitava adquirir pequenas áreas onde estabeleceram suas pequenas fazendas. (Caio Prado Junior, Formação do Brasil Contemporâneo, S. Paulo, 1943).

Barbosa Lima Sobrinho (Problemas Econômicos e Sociais da Lavoura Canavieira, Rio de Janeiro, 1943) referindo-se ao assunto escreve: "Do ponto de vista social e político, não há dúvida quanto à influência pacificadora da pequena propriedade como demonstram os autores e os fatos relacionados no capítulo anterior".

Erão os sertanejos homens fixados à terra apesar das restrições que o clima lhes impunha, afastando-se apenas nas grandes secas para regressarem às primeiras chuvas. A pequena propriedade foi, sem dúvida, um fator de resistência contra as restrições do clima e falta de meios que levavam o sertanejo a procurar outras paragens. Mas a deficiência de elementos minerais do solo, a escassez de vegetação e de água, a redução da fixação de carbono e do nitrogênio, o desmatamento progressivo e a inevitável consequência de erosões foram empobrecendo o solo de tal maneira que aniquilaram as possibilidades de subsistência da pecuária e da agricultura. O homem acabou estendido quase vencido na luta. O sertão não pôde competir com outros centros de criação onde pastagens altamente nutritivas se converteriam em abundância de carne e de leite.

No litoral-mata, especialmente em Pernambuco, já existem cabos estendidos cada vez mais foi se ampliando a monocultura da cana.

A agricultura de subsistência desapareceu, acartando-se a monocultura alimentar. Escassearam os cereais e até a farinha de mandioca se reduziu a um mínimo insuficiente para as necessidades da zona. A pecuária reduziu-se a um mínimo indispensável ao trabalho agrícola. Somente nestes últimos anos é que as grandes usinas reavivaram a criação de bovinos e uma delas iniciou a organização da agricultura de subsistência.

Em consequência das vastas extensões territoriais de cada usina, do empobrecimento do solo, das dificuldades de transporte a cultura e a indústria canavieira tornaram-se muito onerosas. Há usinas que gastam anualmente 3 a 5 milhões de cruzeiros com adubo em busca de melhores rendimentos econômicos. E o adubo ou medicamento indispensável à terra empobrecida.

Que esperar de tudo isso senão o empobrecimento progressivo e o desequilíbrio econômico-social? O homem não destruiu, num país tropical, com suas próprias mãos, as fontes de proteínas, hidratos de carbono e gorduras? Não interrompeu o ciclo do carbono e do nitrogênio? Não utilizou quase exclusivamente energia calorífica de origem vegetal na era da energia atômica? Que quer senão o deserto?

Observam-se no Nordeste as quatro fases já verificadas em outras regiões tropicais: a mata, a agricultura, os campos de pastagem e o deserto.

Estão assim explicados os depósitos deficientes de mortalidade e morbidade verificados na região e o crescimento de maneira sempre crescente o Serviço de Saúde. Compreende-se porque o movimento do Serviço de Promovimento do Sertão do Recife superou, no ano passado, o de São Paulo, e andou aproximado ao do Rio de Janeiro. Isso demonstra que o Recife, com cerca de 550.000 habitantes, considerada a terceira capital do país, é uma cidade paupérrima, onde maior parte da população vive miseravelmente. A duração média de vida no Recife (Instituto Brasileiro de Estatística, 1948, dados de 1939 até 1941, era de 28,14 anos para o homem e 22,47 para a mulher, e muito inferior a de Salvador, Belém, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Nessa última cidade o homem vive em média 46,71 anos e a mulher 51,77. (Dados referentes a 1939 e 1941).

Se a encantadora cidade do Recife, com suas pontes, seus rios, suas tradições, sua Universidade, é a metrópole cultural do Nordeste, é também o centro para onde afluem pobres e desajustados do interior de Pernambuco e de outros Estados.

Há exemplos na História, de empobrecimento de solo e decadência de países e civilizações em consequência de secas que continuam a ser cometidos em região tropical onde se tornam cada vez mais necessárias a inteligência, os conhecimentos científicos e os recursos técnicos doado por outras civilizações.

A ilha de Madagascar é um exemplo do esgotamento do solo. Possui 550.000 quilômetros quadrados, mas, em consequência da destruição das florestas tornou-se uma região litorânea na qual, em 500.000 quilômetros quadrados, há apenas um número de 20.000 habitantes. Os restantes são utilizados na agricultura.

No entanto, o exemplo que deve servir como seria advertência é o desmoronamento da civilização Maya, reduzida atualmente a um eco do passado, que caiu de Waldo Rivera, em 1925, pertencendo a ser grande, foi sem dúvida a maior importância do período precolumbiano. Admite-se que tenham sido os Maya os precursores da agricultura no Novo Mundo, como cultivadores do milho ou de um ancestral dente. Sua arquitetura, sua escultura, a escrita hieroglífica e a descoberta do zero, cultura afim, foram o seu vigor e do seu alto nível. Supunha-se que a concepção do zero, problema muito complicado para a época, pertencia aos hindus que inventaram também a notação decimal. Admitia-se que da Índia o sistema decimal tinha ido para a Arábia e de lá para o Egito. Da África teria sido introduzido na Espanha e o seu uso geral na Europa verificou-se no século XV. Sabemos igualmente que a concepção do zero coube aos Maya, pelo menos 2.000 anos antes dos hindus. Inventaram eles também, o sistema vigesimal de origem vegetal na era da energia atômica? Que quer senão o deserto?

auto tem havido controvérsias. A Enciclopédia Britânica diz que não se conhecem bem suas verdadeiras causas. Há contudo, autores de grande renome que a atribuem à destruição de florestas.

Pierre Garrou é um délia. Sylvanus Morley (The Ancient Maya, California, 1947) discute as várias hipóteses apresentadas como causas: terremotos, modificações climáticas violentas, epidemias de malária e de febre amarela, guerras, exaustão intelectual e estética e destruição de florestas. Nega, autor a hipótese de terremoto, porque, em outras regiões mais atingidas por estes, não houve tal controvérsia. A hipótese das modificações climáticas e alterações dos ciclos e períodos pluviais fundamenta-se nas modificações que foram observadas nos andes e nos rios no norte e centro da Califórnia. Para o autor é inaceitável correlacionar as modificações verificadas nas árvores californianas com fenômenos ocorridos em regiões situadas a 25.000 milhas de distância. A hipótese da malária e febre amarela também é contestada porque, embora tais doenças ocorreram nas Américas com a chegada do homem branco. A primeira epidemia de febre amarela em Yucatan teve lugar em 1914, após a chegada dos primeiros escravos negros. A hipótese das guerras de conquista e guerras civis não foi confirmada nos dados arqueológicos. Na escultura do Velho Império, não há representação de guerras, batalhas e lutas violentas. A arquitetura e cerâmica também não revelam guerras. Os conflitos internos e as guerras civis não foram suficientes para determinarem o desmoronamento do Império Maya. A exaustão cultural e econômica foi antes uma consequência que uma causa. Depois de afastar todas essas hipóteses, Morley diz que a verdadeira causa da decadência da civilização Maya se desenvolveu nas regiões baixas de Peten, eram elas densas florestas. As destruições sucessivas das plantações e a perda das terras em savanas. Surgiu a necessidade do revezamento de terras para a agricultura como tem ocorrido no Brasil, especialmente no Nordeste. Em Pernambuco, na zona da cana de açúcar, antes da adubação, era prática corrente. Sobreveio então, a queda de produção e a redução do rendimento do custo de vida, e em seguida a desorganização econômico-social. Quando o solo empobrecido já não servia para a agricultura, os Maya foram obrigados a se transportar para outras regiões e assim sucessivamente, até ficarem reduzidos a um resíduo de civilização na península de Yucatan. O fenômeno semelhante de abandono sucessivo de terra, vem acontecendo no Nordeste e especialmente no sertão.

Robert Redfield (Civilização e Cultura de Folk, S. Paulo, 1949), num trabalho sobre Yucatan diz que os yucateques vivem segregados, falando uma só língua e mantendo a tradição de maneira muito diferente da de outros povos de regiões vizinhas da América Central, onde as línguas e culturas índias se fundiram com a espanhola. Cultivam o milho e o agave, e alguns cereais. Segundo o autor, partindo-se do pórtico de Progreso em direção a Sudeste, encontram-se quatro ou cinco zonas de ocupação humana: na primeira, numa estreita faixa costeira, vive uma população mala com agricultura reduzida e segunda, é de cultura do milho e do agave, possui grande comércio e população muito baixa; a terceira, caracterizada pela cultura do milho sem agave e nela existem muitas vilas e aldeias; a quarta, onde vivem os índios quase isolados, é muito chuvosa e pobre de água.

O exemplo dos Maya e as proporções dos problemas do Nordeste exigem uma classificação dentro dos tipos técnicos e culturais e um aproveitamento dos recursos técnicos.

É indispensável levar na devida conta a influência do clima, a situação atual das zonas do Nordeste e numerosos outros fatores para qualquer plano de recuperação econômica. Não é possível que continue o dia a dia. Compreende-se que, em outras eras, quando o homem vivia exclusivamente sob o jogo dos complexos da natureza, houvesse queda de produções. Mas na época atual, quando o homem dispõe de valiosos recursos científicos e elementos técnicos, não se justifica que o Nordeste continue em caminho do deserto.

intertropicais degeneraram depressa. A História do Brasil que não se alimenta de cinco secas, refere à navegação sistemática de rios onde hoje não há calado nem parábolas. Conhecemos a descrição de boscos no Paraíba, onde as frotas transportadoras de café até Resende; ou no Tietê, caminho para Oeste, ou em vários outros rios. Há pontos históricos que hoje não ficam no seco. A paulicéia fundou-se às margens de Anhangabaú e do Tamaquará. A Independência proclamou-se às margens do Ipiranga. Hoje três espécies:

Chama a atenção para a destruição de matas em todo o Brasil e cita São Paulo como se concentram 2/3 da energia elétrica do país e 62% das culturas consumidas, são de origem vegetal. Mais adiante acrescenta: "No decênio 1930/40, só em São Paulo se queimaram 120.000.000 de lenha, o que exigiu a devastação de 200.000 alqueires de matas. Todo o ano consumimos 30.000.000, correspondentes ao sacrifício de 150.000.000 de árvores. E andar excessivamente para o deserto. O nosso modo é já haveremos praticado matas, que sobreviverá à nossa Pátria, que não tem mais país de tal modo valioso, aqui, a obra destrutiva e de tal modo arraigada à mentalidade nacional, que aceita e consagra isto, sem nos permitir diferentes. Forçamos a evolução a inverter-se e a anulamos as leis dos séculos."

O Nordeste apresenta um quadro desolador. É impossível fugir às contingências dos solos tropicais. Tem sido eles muito estudados por autores estrangeiros e nacionais. Mas, bastará transcrever alguns dados do livro de Pierre Gorrois, Professor do Collège de France (Les Pays Tropicaux, 1948) Diz ele que os solos tropicais são mais pobres e mais frágeis que os das regiões temperadas, devendo haver grandes precauções para evitar seu empobrecimento e sua destruição. A luxúria de suas florestas é fatal. São pobres em húmus e em fósforo assimiláveis e em húmus. A fertilidade da Ilha da Trindade, segundo o autor, é uma lenda. O rendimento de arroz por hectare nos países temperados e tropicais revelou o seguinte:

TEMPERADOS

Espanha	6.300 k
Itália	4.600 k
Japão	3.600 k
E. Unidos	2.300 k
Coreia	1.900 k

TROPICAIS

Serra Leone	2.100 k
Sião Neo-Irlandesas	1.700 k
Braçal	1.800 k
Índia Britânica	1.400 k
Filipinas	1.200 k
Madagascar	1.200 k
Indochina Francesa	1.100 k

Com relação ao milho, o autor escreve:

Argentina	2.100 k por hectare
Manchúria	1.700 k
E. Unidos	1.600 k
Itália	1.600 k
Hungria	1.500 k
Espanha	1.500 k
Francia	1.300 k
România	1.100 k
Bulgária	1.100 k

NOS PAISES TROPICAIS

Braçal	1.000 k por hectare
Com. Belga	1.000 k
Índias Neo-Irlandesas	1.000 k
Índia Britânica	900 k
Índia	900 k
México	600 k

Os solos tropicais são pobres e se esgotam com muita facilidade. A destruição de florestas rouba-lhes o húmus e facilita a erosão, dando margem à formação de laterite que é um composto de hidróxido de ferro e alumínio. A laterite é uma expressão de solo esgotado, roubado pelas águas e não serve senão para a construção de monumentos.

O pH dos solos do Nordeste mais utilizados na agricultura e em Pernambuco, é da zona do litoral mata, é, de maneira geral, baixo e por isso são eles ácidos, impróprios para as diversas culturas e facilmente agotáveis. Por isso a cultura da cana tem sido feita grandemente sob o método de revezamento de áreas cultivadas.

Souza Barros, em seu trabalho "Faixas Tropicais do Nordeste", 1950, faz uma comparação das solos de Pernambuco com os de São Paulo.



## Cotonifício da Torre S. A.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 944

CAIXA POSTAL n.º 103

TELEFONE, 28-336

RECIFE — PERNAMBUCO

## IV CONGRESSO NACIONAL DE ESCRITORES, EM PORTO ALEGRE

A seção local da ABDE está se movimentando para enviar os seus delegados ao IV Congresso Nacional de Escritores, a se realizar no dia 25 de setembro em Porto Alegre.

O seu presidente, poeta Ceazário de Mello, secundado por figuras representativas das letras provincianas, pretende enviar ao conclave de Porto Alegre uma delegação de 25 intelectuais.

O Estado e a Prefeitura já liberaram as verbas pertencentes a ABDE, seção de Pernambuco, para que se tornasse possível a ida dos escritores pernambucanos ao Congresso do Rio Grande.

Em viagem de articulação com as seções estaduais da ABDE, esteve no Recife o romancista Dalcídio Jurandir que pronunciou uma palestra, na Associação da Imprensa de Pernambuco, sobre o certame.

Dentre os escolhidos para representarem Pernambuco, figuram os snrs. Mauro Mota, Nilo Ferreira, Aderbal Jurema, Carlos Moreira, Olívio Montenegro, Silvio Kabele, Perminio Asfora, Ceazário de Melo, Isnar Moura, Edson Regis, Laurentio Lima, Abelardo da Hora, Jordão Emericiano, Paulo Cavalcanti, Jonas Ferreira Lima, Andrade Lima Filho, Hermilio Borba, Yvonildo de Souza e outros.

## BANCO REAL DO CANADÁ

(Royal Bank of Canadá)

★

AV. MARQUEZ DE OLINDA, 85

RECIFE — PERNAMBUCO

# 3.ª Reunião Brasileira De Ciência Do Solo

NA Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, teve lugar, nos dias 16 a 13 de julho último, a III.ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo, patrocinada pelo governo do Estado, através da Secretaria de Agricultura de Pernambuco.

Entre os Estados e Instituições técnicas in-

cola, Serviços Complementares de Obras Contra as Secas, Instituto Augusto Trindade, Escola de Agronomia do Ceará, Instituto do Açúcar e do Alcool, Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, Secretaria da Agricultura de

Pela impressão colhida através da palavra de vários delegados, foi de grande aproveitamento para Pernambuco e para o país o resultado da III.ª Reunião de Ciência do Solo. Inúmeros problemas foram então ventilados, e, das 53 teses apresentadas no conclave, ficou registado um



Almôço na Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, com a presença do Exmo. sr. S. Governador Agamenon Magalhães

interessadas nos debates científicos e de alta significação para a economia nacional, contaram-se as seguintes: Instituto Agronômico do Sul, com sede em Pelotas, Instituto Agronômico de Campinas, Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, Secretarias de Agricultura de Santa Catarina, Minas Gerais, Estado do Rio, Bahia, Instituto Agronômico do Leste, com sede em Cruz das Almas, na Bahia, Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícola, Instituto de Química Agri-

Pernambuco e o Instituto Agronômico do Nordeste com as representações das suas Estações Experimentais de Curado, Itapirema, Surubim e outras.

Após a solenidade de instalação da Reunião, realizada no salão nobre da Escola Superior de Agricultura, as sessões plenárias e reuniões das Comissões passaram a se realizar na sede da Associação dos Engenheiros Agrônomo do Nordeste, à avenida Guararapes, edifício Sulacap, nesta capital.

alto interesse técnico-científico pela solução dos mesmos, sendo de notar a cooperação e o empenho dos poderes públicos em facilitar os meios, em proclamar conjuntamente medidas exequíveis.

A III.ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo, teve como presidente de honra o sr. Getúlio Vargas e como vice-presidentes, o governador Agamenon Magalhães e Ministro da Agricultura, sr. João Cleofas. A comissão organizadora foi presidida pelo titular da Secretaria de Agricultura



Os congressistas em visita às jazidas de calcário da Fábrica de Cimento Poti

do Estado, sr. Gomes Maranhão, e teve como seu vice-presidente o Prefeito da Capital, sr. Antônio Alves Pereira. Foi presidente da Comissão Executiva o prof. Renato Farias e da Mesa o prof. Barcelos Fagundes.

No decorrer da Reunião, foram realizadas as seguintes excursões: Visita à Estação Experimental de Curado, ao Instituto de Pesquisas Agronômicas e Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, com um almôço na Escola, oferecido pelo Secretário Gomes Maranhão, ao mesmo comparecendo o Exmo. Sr. Governador do Estado. Visita às jazidas de fosfatos do Forno da Cal e às de calcário da Fábrica de Cimento Poti. Visita à cidade de Pesqueira, sendo os excursionistas hospedados pela empresa proprietária das Fábricas Peixe. Ali tiveram eles oportunidade de observar um racional trabalho contra a erosão, nas grandes culturas de to-

mate dos snrs, Carlos de Brito & Cia. Visita à São Gonçalo e, no local, ao Instituto Agronômico Augusto Trindade. No dia do encerramento dos trabalhos o prefeito Antônio Pereira ofereceu um almôço aos congressistas no Horto Zoo-Botânico de Dois Irmãos.

Por iniciativa da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, SANBRA, realizou-se à noite, no Clube Internacional do Recife, uma original festa, cheia de atrações, encerrando-se, assim, o programa de festividades da III.ª Reunião Brasileira de Ciência do Solo.

### SUBVENÇÕES PARA O CONGRESSO DE ESCRITORES

A Câmara Estadual de Pernambuco, pela palavra do deputado Elpidio Branco, votou um crédito de Cr\$ 30.000,00 para custear as despesas da delegação pernambucana ao IV Congresso Nacional de Escritores, a se realizar em 25 de setembro deste ano, na cidade de Porto Alegre.

Em regime de urgência, o requerimento do deputado Elpidio Branco já foi aprovado. Também o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal puseram em dia as subvenções da ABDE, seção de Pernambuco, concorrendo de maneira auspiciosa para que a delegação dos escritores pernambucanos esteja presente no conclave do Rio Grande.

## J. VELOSO & CAVALCANTI

CAIXA POSTAL, 369  
INSCRIÇÃO 230

TELEGRAMAS  
TENOR E JOTAVELOSO  
Telefones: 9157 - 9289

COMISSÕES, REPRESENTAÇÕES E CONTA  
PRÓPRIA

Exportação de Algodão, Sub-Produtos, Estópas Linters,  
Resíduos de Fábricas

RUA DO BOM JESUS, 227 - 2.º — S/10

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

# UM CENTRO VIVO DE PESQUISA

Fala o escritor Jordão Emerenciano sobre o programa de atividades do Arquivo Público Estadual -- "Fonte de consulta inevitável e indispensável para o estudo de história pernambucana" -- Dois catálogos em organização, um dos quais analítico -- Reedição do "Castrito Lusitano", de "O Carapeço", etc. -- Curso de conferências -- Notas

JORGE ABRANTES

— O Arquivo Público não é uma simples repartição pública, não é um depósito de papéis velhos. Ele é um centro vivo de pesquisa histórica, aberto a todos os estudiosos. Aqui estamos para isto. Somos pagos para isto.

Estas expressões, não no seu rigor literal, mas na sua plena significação, foram ditas pelo escritor Jordão Emerenciano, por ocasião da conferência pronunciada no Arquivo Público pelo ensaísta Diegues Júnior e integrada na série que o seu diretor vem ali promovendo, a cargo de ilustres nomes das letras e da pesquisa histórica e sociológica. Foram elas, exatamente, o germe desta entrevista. Pareceu-me que seria não apenas interessante, mas principalmente útil mostrar — para conhecimento dos interessados — pela palavra do seu diretor, o que é por dentro o Arquivo Público, e o que nele se faz.

O dr. Jordão Emerenciano duplamente dispensa apresentações. Em primeiro lugar porque é uma das mais nítidas evidências da cultura pernambucana. Depois, porque realmente prefere que não falem dele. Sugeriu que o que eu tivesse a dizer nesta reportagem, dissesse do Arquivo e não de sua pessoa. Seja feita a sua vontade. Mas não quero deixar de fixar um ponto, que por sinal não se refere a ele só, nem ao Arquivo só, mas a ambos: o escritor Jordão Emerenciano, por uma feliz e pouco habitual circunstância, é um homem colocado no seu exato papel. Vocação de historiador, investigador penetrante do nosso passado, cuja função não lhe caberia melhor, em todo o funcionalismo público, onde desbotam melancolicamente tantas vocações perdidas. Deusa harmonia entre o homem e o cargo teria que decorrer o entusiasmo que o primeiro devota ao segundo e a orientação que vem imprimindo às atividades do Arquivo.

— O Arquivo Público Estadual — começou a dizer o dr. Jordão Emerenciano — tem uma dupla finalidade: a de arquivo histórico e a de arquivo administrativo. Em virtude do seu rico acervo histórico ele é, hoje, uma fonte de consulta inevitável e indispensável para o estudo da história pernambucana, sobretudo no século XIX. Como órgão administrativo sua tendência natural é converter-se numa espécie de grande Arquivo Central do Estado que reúna os arquivos vivos de todas as repartições públicas estaduais.

Para situar, convenientemente, o Arquivo Público, há dois ou três pontos que devem ser esclarecidos: trata-se de um órgão do serviço público estadual, subordinado à Secretaria do Interior e Justiça, com um quadro próprio incluído no orçamento geral do Estado. Seus recursos econômicos são, portanto, aquelas especificações na chamada lei de meios; sua documentação, na quase totalidade, é procedente de órgãos públicos: colônia, reino-unido, império, república, capitânicas, províncias ou estados; o período dessa documentação se estende desde o século XVIII aos dias atuais. Infelizmente não há no seu acervo nenhuma peça dos séculos XVI e XVII. Seus códices mais antigos são o "Livro de Bandos e Portarias — 1711" e o "Livro de Poense dos Governadores" que começa em 1718.

E' uma pena que não se possa a documentação dos séculos XVI e XVII e que

se tenha tão pouco material do XVIII. E' quasi inexplicável a ausência dessa documentação. E' certo que uma grande parte saiu daqui em forma de correspondência expedida para a Corte (Lisboa, Bahia ou Rio) e para as demais capitanias. Mas, devia haver senão a cópia pelo menos o registro dessa correspondência. E' de salientar que uma boa e rica parte existe, realmente, na secção de Mass. da Biblioteca Pública do Estado — confiada ao zelo e à competência do dr. Olimpio Costa Júnior.

### TODA ASSISTENCIA AO PESQUISADOR

A documentação existente no Arquivo Público, notadamente, na sua secção de Documentos Históricos é de uma enorme importância para o estudo da história pernambucana nos seus múltiplos aspectos administrativos, políticos, econômicos, sociais etc. Não é exagero adiantar que hoje nenhum historiador poderá escrever a história de Pernambuco sem um demorado estágio no Arquivo Público. Fato esse reconhecido e salientado por um investigador da autoridade moral e científica de José Antônio Gonçalves de Melo Neto.

Para que cada interessado possa realizar esse estágio, possa explorar proveitosamente as coleções do Arquivo, tudo se facilitará. Esta Diretoria sente-se no dever de dar ao pesquisador o máximo de assistência, facilidade e colaboração. Hoje o pesquisador precisa de ser ajudado no máximo. A massa da documentação — de várias naturezas — é tão grande que um pesquisador desajudado nunca poderá dominá-la sozinho. Os que trabalham em Arquivo vão, aos poucos, se impregnando desse nobilíssimo espírito de servir. Somos todos pagos pelo Estado para esse fim, esse é o nosso ofício. E servir sem predileções pessoais. Quem trabalha em Arquivo não deve servir só aos encargos da rotina burocrática ou aos amigos e às simpatias pessoais. Deve servir a todos, qualquer que seja a sua orientação ou a sua genealogia mental. E' claro que se exige um mínimo de requisitos regulamentares: zelo e cuidado com o manuseio dos códices, respeito à integridade do documento e a honestidade de mencionar a fonte. Mencionar a fonte menos pela validade de ver o Arquivo Público citado do que pelo espírito de informação para que outros saibam onde está o material referido.

Esse é o mínimo que se exige e não é muito. Se o pesquisador, por sua conta e risco, dá no documento uma interpretação pessoal ou menciona fatos não constantes do documento isso é com a sua hostilidade científica e o Arquivo Público nada tem com esse fato.

Dentro desse espírito de servir, o Arquivo Público tem procurado atender a todos com muito entusiasmo e desejo de cooperar. Só diz não quando infelizmente não é possível atender. Não raro, gastam-se meses numa busca demorada e minuciosa para evitar uma informação negativa.

O programa de realizações do Arquivo Público — programa que não é dêsse ou daquele diretor, mas da própria entidade — é grande, mas realista. Em primeiro lugar vem se esforçando por converter-se em um centro vivo e ativo de pesquisa, investigação e cultura histórica. Não se compreende hoje um Arquivo que seja, apenas, um depósito de papéis

velhos onde o estudioso, logo de início, se afoga na desordem e na confusão. Uma documentação, por mais rica e preciosa que seja, se torna inútil e infecunda se não tem acessibilidade e divulgação. Torna-se apenas um tabú de que se fala com respeito mas cujo real sentido se ignora ou do qual não se tira o rendimento que se podia conseguir.

### CATALOGOS

Em segundo lugar, o Arquivo precisa de inventariar e tombor toda essa imensa e rica documentação que anda dispersa e quasi ignorada pelos cartórios, pelos arquivos eclesiásticos, irmandades e ordens religio-

ra algumas dezenas de anos.

A tarefa, porém, a que o Arquivo Público vem dando o maior entusiasmo é a de catalogação. Há dois tipos de catálogo: um que descreve apenas os códices ou os maços e outro analítico. Do primeiro tipo já se encontram prontos diversos. Entre eles se mencionam o 1.º volume da secção histórica compreendendo 70 coleções com quasi 3.000 códices e muito mais de 300 mil documentos; os de diversos arquivos administrativos; e o da secção de revistas e de jornais antigos. Estão em andamento o das secretarias de Estado. Isso, como se sabe, é tarefa lenta, difícil e que exige uma paciência be-

na-se cada documento. A ficha de documento contém: abreviatura do código, natureza, data, procedência, sinalário e destinatário do documento e um resumo fiel e honesto do seu conteúdo. Isto dito assim não dá a medida da envergadura do serviço. Salienta-se, porém, que uma vez publicado o catálogo analítico o pesquisador pede o documento na certa porque já conhece o seu conteúdo. Não perde tempo em consultas inúteis. E' preciso salientar também que isso é tarefa para dezenas de anos. Mas alguém deve começar, outros continuarão porque é empresa não de um homem e sim de duas gerações.

Está em andamento o ca-

em que estiver pronta pelo menos essa coleção, ou seja, catalogados, fichados e microfilmados todos os seus documentos e publicado o seu catálogo, então o Arquivo terá vencido uma grande etapa. Creio em 1953 essa 1.ª etapa será vencida. Quem trabalha em Arquivo todavia não conta por meses e anos, mas por dezenas de anos. O arquivista é um homem com uma certa sensação da eternidade da história. Os funcionários atuais do Arquivo sabemos, por exemplo, que nenhum de nós viverá o bastante para ver pronto o último volume do catálogo analítico. Mas que importa isso? Outros virão continuar a obra.

### REEDIÇÕES

Entretanto, outras realizações estão programadas e em andamento: reedições do Castrito Lusitano (pelo texto princeps), de "O Carapeço" (inclusive a parte publicidade no "Diário de Pernambuco" em 1835-1836) e de diversos folhetos e muitas monografias raras, preciosas e esgotadas do mais alto interesse para a pesquisa histórica. Tão precioso é esse material que uma parte dele não existe nem na Biblioteca Nacional. O seu texto, comentado e prefaciado, será fornecido pelo historiador José Antônio Gonçalves de Melo Neto que o publicará, aos poucos, na Revista do Arquivo Público. Além disso continuam as publicações regulares do Arquivo: a Revista (está em impressão o 6.º número e pronta a matéria do 7.º) e a coleção "Documentos do Arquivo".

### CURSO DE CONFERÊNCIAS

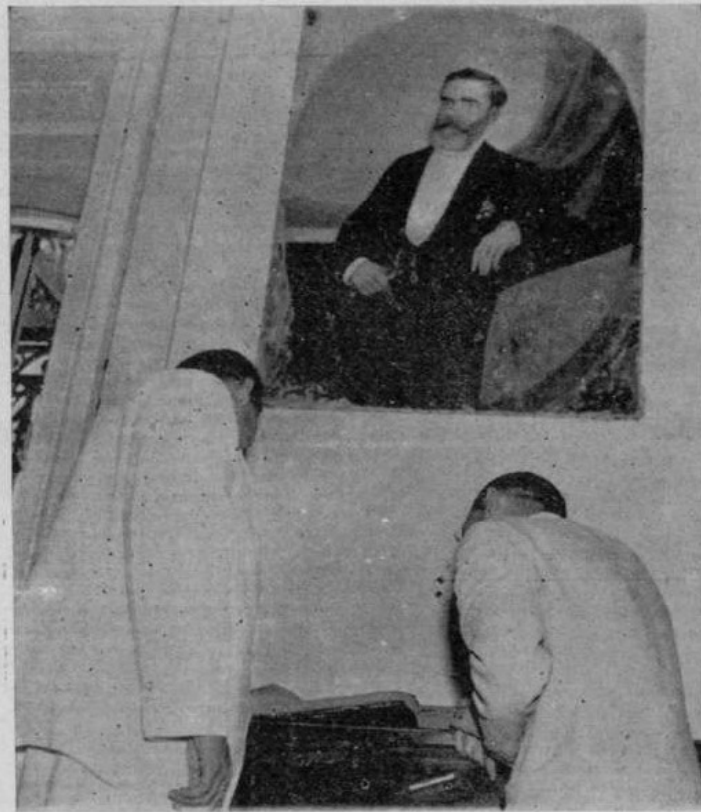
O curso de conferências promovido pelo Arquivo Público — inaugurado por Câmara Cascudo e continuado por Edson Neri e Diegues Júnior — tem uma alta finalidade: visa despertar o interesse do pesquisador pelo material do Arquivo e chamar a sua atenção para aspectos da história pernambucana ou organização científica da pesquisa histórica. Estão programadas conferências de estudiosos e intelectuais do mérito de José Antônio Gonçalves de Melo Neto, José Césio Regueira Costa, Nilo Pereira, Amaro Quintas, Sérgio Higinio, René Ribeiro, Haroldo Carneiro Leão etc., etc.

E' desejo do Arquivo que os conferencistas abordem aspectos cuja documentação se encontre nas suas coleções. E' uma maneira de despertar o interesse para esse material e de, ao mesmo tempo, divulgá-lo.

O Arquivo não se esquece também de promover exposições históricas, a exemplo da que fez com o "Documentário José Mariano".

Muito há a realizar. O Arquivo, porém, tem feito o possível: catálogos, inventários, exposições, conferências, publicação de cinco volumes da Revista e cinco da série "Documentos do Arquivo". Fez-se representar com muito êxito no "Coloquium Luso-Brasileiro" (Washington-outubro de 1950) e está em contato com Arquivos e Bibliotecas portuguesas e americanas para copiar documentação de interesse pernambucano. E' preciso trazer para o conhecimento do investigador pernambucano a imensa documentação existente em Arquivos estrangeiros ou no Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e Estados brasileiros. E' tarefa benemerita.

Recife, abril, 1951.



O escritor Jordão Emerenciano mostra ao repórter um dos alfarrábios do Arquivo

nas, associações piás, arquivos municipais, repartições públicas e até entidades particulares. Em cada um desses setores há uma abundante documentação. E' de avaliar o que significa o tombamento e o inventário disso tudo. Será um serviço benemerito para a história de Pernambuco. Evidentemente essa é uma tarefa pa-

neditina. O tipo mais importante é o analítico. Nesse catálogo dá-se, em primeiro lugar, um resumo da coleção mencionando-se o número de códices e o período. A seguir, é feito um resumo de cada código com a sua abreviatura, localização, datas, número de documentos, procedência etc. Isto posto, anali-

tário analítico da coleção "Presidentes de Província" que vai desde 1802 (Capitão General Governador) até o princípio da República (governadores de Estado) com mais de 70 códices. Cada código contém, em média, duzentos documentos. Alguns, porém, chegam quasi a quatrocentos. E', como se vê, tarefa gigantesca. No dia

### LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Literatura - Livros escolares, técnicos e científicos

LIVRARIA DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE, 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO



# CORNÉLIO PENA

OLIVIO MONTENEGRO

CORNÉLIO Pena é dos que mais têm exaltado no romance brasileiro os valores não somente de ordem psicológica como de ordem estética.

Em regra a tendência — tendência mecânica — é para sacrificar no romance a verdade humana à verdade lógica; sacrificar o que há de contraditório e vago e obscuro e imprevisível na natureza humana à continuidade de linha, à simetria de formas, ao dois e dois igual a quatro.

Cornélio Pena foi dos mais rebeldes, entre os modernos romancistas brasileiros, contra essa concepção euclidiana do romance. "Fronreira" foi o seu primeiro romance pluridimensional, publicado em 1935. Aliás, o título não explica suficientemente o livro. E o próprio autor o justifica mal quando diz: "A oposição entre o mundo real e o mundo interior resultante dessa retirada voluntária (refere-se à vida de uma reclusão voluntária do principal personagem) tornou-se uma luta angustiante de fronteira da loucura, e daí o título que resolvi dar ao meu livro". Se o personagem principal, Maria Santa, ou mesmo os que o acompanham não passassem, no seu modo de querer e de agir, dessa permanente indecisão entre o senso e a loucura, oscilando sempre entre a razão e a demência, o êxtase e o delírio, eles não teriam de certo a atração diabólica com que muitas vezes sugestionava o leitor. E o romance terminaria por perder muito do seu mistério, da sua deliciosa irregularidade, de tudo enfim que o faz um livro diferente dos outros. Profundo e amargo ao mesmo tempo. Vivido e doloroso.

"Fronreiras", de Cornélio Pena é desses romances onde os estados mais sutis ou mais indeterminados de consciência não se aprofundam, nos seus personagens, nem se decompõem pela idéia, pelo gesto refletido, muitas vezes sádico, da pura introspecção. Por nenhuma contemplação delirante deles mesmos — espécie de narcisismo às avessas.

Ao contrário do que é comum nos romances de vida interior, em "Fronreiras" é a ação que se subrepõe à idéia, que a desenvolve e intensifica. Não é de nenhuma auto-inspeção profunda, de nenhuma mórbida investigação interior, que vem o maior interesse do livro, o seu drama essencial. Vem da ação difusa, lenta, carregada de premonições terríveis, que envolve como um sortilégio as suas principais figuras.

O leitor não raro acaba insensivelmente por se saturar da atmosfera de mistério do livro, por viver esse mistério, e até sentir, por vezes, o mesmo deslumbramento dos personagens, o mesmo inconsciente dinâmico, em que desvaia a sua ação.

Não é fácil resumir "Fronreiras", dar uma síntese do seu enredo. Não é fácil imobilizar o que é por sua própria natureza de uma mobilidade vertiginosa. O autor não explica sequer as suas figuras, muitas delas de um mistério noturno; deixa que elas se expliquem por si mesmas, e se não se derem a compreender totalmente o leitor que as adivinhe, se for saaz. No romance como na vida, seria o lema do autor de "Fronreiras".

Na vida não é fácil definir um caráter, desvendar um temperamento, marcar a nenhum indivíduo as suas tendências únicas. Não é possível sequer chegarmos a uma certeza menos obscura do que somos, tantos os cruzamentos de desejos, e tantas as vacilações íntimas, as alternativas de vontade em que todos variamos frequentemente. Nascido por acaso ainda é o acaso que parece conduzir o homem.

Mas para tudo isto traduzir em arte, e sem que faça injúria à verdade da natureza é preciso ao lado de um grande poder de abstração uma sensibilidade estranhamente dotada. E que o autor possa ficar em face dos seus personagens, deante da sua criação como um desconhecido, em estrangeiro, sem querer se definir neles, nem fazê-los como de uma arte premeditada. Não há maior aventura para o romancista, nem volúpia mais penetrante do que a de cumprir na sua arte o que os evangelhos mandam que se cumpra na vida ela mesma — perder a sua vida para salvá-la.

O romance de Cornélio Pena com os

defeitos embora que nele se podem descobrir, representa uma das mais notáveis aventuras de espírito que se conhecem no domínio da ficção, entre nós.

De muitos dos personagens do livro o leitor sai sem lhes saber o nome, nem nada saber da sua genealogia, e até de como se introduzem em certas cenas; por outro lado de muitas das cenas tem-se a impressão de inacabadas, ou de meterem-se umas por dentro das outras, e fossem formar um redemoinho, uma massa heterogênea e confusa. Mas não: no fim a impressão dominante no romance é a de uma unidade mais inteligente do que a da própria história com toda a sua ordem cronológica e espacial de descrição, e todo o seu nexo indutivo e dedutivo. Esta ordem porém é que não quis o autor, e daí, através de um dos personagens, falar de uma "memória escritas por um juiz, que explicariam nitidamente todas as cenas, mas que escripturas de consciência não deixaram abrir. Foi uma maneira de reforçar com um novo mistério outro mistério.

Seja como for o romance de Cornélio Pena vem mostrar-nos que a vida, nas suas regiões menos superficiais prescinde perfeitamente de certos detalhes individuais e lógicos e que tantas vezes vemos formar a substância, ou o nervo sem nervo de muito romance com pretensões a um realismo superior.

Não sendo a vida de gestos, de palavras, de atitudes, a vida arrumada em quadros ou comprimida em velhas fórmulas, vida exterior e passiva, a que se pretende em "Fronreira", os seus personagens podiam vir como vieram, sem nenhuma apresentação, e sem estarem situados no ângulo que fosse mais visível ao leitor.

Há romances que não se fazem para a atividade da memória; que se dirigem diretamente ao espírito do leitor; são os romances para serem vividos e não decorados. Não constituem propriamente uma "história" no sentido narrativo e lógico da palavra. Eles se propõem a alguma coisa de novo e imediato, que é dar a vida humana no seu verdor original, nas suas germinações mais fluidas do instinto e da consciência. "Fronreira" tem muito dos romances desse gênero.

Os personagens desse romance acabam vivendo mais na nossa imaginação do que na nossa memória. Não interessam pelo seu exterior, por nada que é mais fisicamente sensível no indivíduo — a fealdade ou a beleza: o que neles atrai continuamente é o drama da vida interior, a parte de demônio que está na sua carne e no seu sangue.

O drama de Maria Santa, o personagem principal do livro, com uma vida crucificada entre o remorso e o desejo, honra os poderes de invenção do autor. E não só de invenção; seria impossível sem uma sensibilidade viril, e sem uma imaginação singularmente exaltada, representar no seu ambiente próprio as figuras enigmáticas que se agrupam em "Fronreira", e sem que o enigma, às vezes espesso em que elas se complicam, lhes altere a verossimilhança.

Maria Santa possui uma atração fatal: revela-se uma dessas naturezas místicas que o remorso do pecado sexual exalta mas não purifica; não a imuniza do desejo. O seu remorso não dá sinal de uma consciência humilhada, e antes de uma consciência ofendida, remorso com um não sei que de orgulhoso e secretamente ímpio, que mais às vezes exaspera do que sufoca o desejo do pecado. Que afirmasse mais da sua carne do que da sua consciência moral. Por isto a desatinada violência dos seus impulsos líbricos a dominar de repente todo o fervoroso élan das suas abstrações místicas.

Admirável é o esforço desse personagem, nos momentos de maior agonia moral, para uma completa desincarnação de si mesmo, atrás de uma forma sobrenatural de espiritualização, para que com a voz do remorso se calassem todas as vozes do desejo, e ficasse ela toda como o recolhimento apenas de um pensamento que se possui na sua pureza. Num estado anagógico. São os contrastes inesperados

desses conflitos que dão ao romance "Fronreira" um interesse novo.

Há certos diálogos no livro que parecem muitas vezes ir romper o véu de mistério desta e de outras figuras de uma fascinação mórbida, fechadas nelas mesmas como num poço. Diálogos que chegam a ameaçar o destino do romance como o que se trava entre o amante misterioso de Maria Santa e a não menos misteriosa "viajante", que surge no livro como uma aparição. Mas é um desfalecimento ligeiro, e o romance retoma logo a sua densidade dramática e a sua inspiração poética. Porque há uma poesia nas páginas desse romance de um desengano pessimismo.

Nota-se um ritmo profundo nos pensamentos dos seus personagens, o encantamento mágico de cada um deles com a sua pobre alma, e que parece excluir todo o desejo e toda a vontade de ação. E não estranha que em alguns deles "os pensamentos uniam-se espessos, pesados, como se tivessem preguiça de se desembaraçarem uns dos outros". Vinha isto de se olhar muito a si mesmos, de se escutarem profundamente, de fazerem da ação um exercício novo de introspecção. Não se confundia a ação deles com a de todo o mundo: era a ação dos que não fazem do mundo exterior senão uma ocasião de choque, ação com os vagares e quasi as mesmas abstrações da vida do pensamento, ou que fosse mesmo como um estado congelado do pensamento.

A ação espontânea, solta, desimpediada de todas as dúvidas da consciência, brotando do instinto com a força de um jato, se nunca aprofunda a humanidade no homem, em compensação não a suprime nunca. Nem envelhece ninguém. Com o pensamento porém já é diferente. Wilde não exagerou dizendo que "o pensamento envelhece, desfigura o homem". E em verdade: o pensamento se ele se compraz muito consigo mesmo até tomar uma forma fantástica, fica sem limites o seu poder de absorção. Haja vista o exemplo do personagem que primeiro surge no livro, e vem habitar a mesma casa de Maria Santa, um desses introspectivos insaciáveis que não alongam o seu contacto com a vida externa senão para refluir com mais violência e mais pessimismo para o silêncio cheio de amargura da sua vida íntima. A cogitação constante de si mesmo lhes esteriliza toda a piedade e toda a crença.

Não é jamais impunemente que se procura dissecar a própria alma, ou se sobrepõe à realidade do tempo pelo esforço da abstração. Como tantas vezes procurou Maria Santa. Nada pode existir de durável em si mesmo e por si mesmo. No tempo puro. No tempo puro tudo foge, perde os seus pontos de relação, desaparece. Evapora-se a própria consciência de ser.

Compreende-se por isto a vida fantástica de tantos dos personagens de "Fronreira"; compreende-se que esses personagens sofram tão amargamente da dor de não poderem ser "outros", de não se libertarem nunca de si mesmos. E quando vão à igreja para encontrarem a Deus, não se encontram ainda senão com a sua própria e aflitiva imagem. Daí a confissão de um deles: "Ajoelhei-me e passei longos momentos, de olhos cerrados, sentindo-me só, longe de toda a vida, de toda a inteligência, e sobretudo de toda a bondade. E o sópo mórdo da febre da solidão, essa quietude doentia, essa dor de tudo que vive, me embriagava lentamente, e não queria despertar mais nunca..."

Não se pode imaginar maior audácia desse autor do que não se preocupar ele com a identidade física dos seus personagens, procurando fixá-los apenas pelo lado das suas desordenadas atividades psíquicas. E poucos romancistas brasileiros com a facilidade que tem o autor de "Fronreira" para condensar num mínimo de gesto o máximo de alma, num mínimo de frase, ou num mínimo de imagem, o máximo de expressão. Por isto não há que estranhar quanto a certas figuras do livro, desenhadas em esfumado, e que surgindo ninguém sabe como no livro, nem por isto deixam uma impressão menos viva no lei-

tor. Como, por exemplo, a daquele devoto, vestido de preto, que de repente é descoberto no fundo de uma nave de igreja, onde se deixa ficar solitário e mudo como uma sombra. E que acaba enchendo a imaginação do leitor por tudo o que ele diz, ou melhor, por tudo o que não diz.

Outra figura que é do primeiro plano do romance, e que se fixa bem na memória do leitor, é a da tia Emiliana. Uma velha que só tinha a pele em cima do osso, mas de uma vivacidade de querer que lhe dava um domínio mágico sobre quantos a cercavam. Mesmo sobre Maria Santa que ela parecia adorar e explorar ao mesmo tempo. Ninguém pode saber ao certo, Trazer o indefinível de certos caracteres para o romance, exaltar a vida através dos valores possíveis e remotos do homem, é um dos melhores segredos da arte de Cornélio Pena, em "Fronreira".

A tia Emiliana é um dos bons personagens desse romance. O sombrio e inquieto da sua figura vindo menos do seu ar exterior do que da vida oculta que sugere; do que há de terrivelmente secreto na sua expressão e nos seus gestos; do que há de intenso e calculadamente fechado na sua alma. Seja a sua dedicação por Maria Santa um espontâneo da sua fé, ou seja uma esprezeta do seu interesse, nem por isto resalta um personagem menos curioso. Nada pode qualificar melhor um romancista do que o poder para criar figuras cuja vida se incorpore imediatamente à nossa imaginação.

Não compreendo são certas impropriedades de expressão que vez por outra desafinam a harmonia do livro: "Casarão enorme", "meta final", "senti que uma tristeza enorme e calma me habitava, sem que tivesse pressentido a sua vinda", "um sorriso brincava em meu espírito", para citar apenas as mais contundentes.

— II —

Cornélio Pena não é um autor abundante, com a facilidade torrencial dos romancistas muito derramados, e que só parecem trazer decorado o seu romance, sem nada inventar, quando escrevem. Por outro lado não é o romance subjetivista, que é o gênero de romance de Cornélio Pena, desses que cedam facilmente aos impulsos involuntários da inspiração.

O romance em que o "psicológico" tem a deanteira sobre o "social", em que se vai ao homem não pelo caminho já longamente batido do hábito e do costume, e antes pelos confusos atalhos do sub-consciente, em regra apresenta-se de uma gestação laboriosa e difícil.

Cornélio Pena é, até agora, autor de três romances, "Fronreira", "Nico Horta" e "Repouso". Em todos eles sente-se que o espírito de análise do autor o previne bem contra os acasos da inspiração, contra as facilidades do entusiasmo. Aliás o entusiasmo em arte é sempre um mau companheiro, pelo seu natural explosivo e o seu gênio improvisador.

A maneira de "Fronreira" é o último romance de Cornélio Pena, "Repouso" romance de constante e miúda interiorização, mas sem as situações de uma fantástica impressão que se encontram em "Fronreira"; sem o ar misticamente iluminado de muitas das cenas do seu primeiro romance.

Nem sempre no romance de análise a observação psicológica aprofunda a realidade humana; acrescenta novas dimensões ao homem. Há, ao contrário, um perigo permanente em romances dessa espécie, se um sentido dinâmico da vida não desenvolve no romancista uma visão total dos seus personagens; o perigo de cair o autor em sutilezas alambicadas, ou empastar com imagens de um falso patético situações, no fundo, sem nenhum valor psicológico, que nada descobrem de um homem novo, diferente. E o resultado é que o "homem absurdo" como quasi sempre parece o homem apresentado de dentro para fora, e nas manifestações mais obscuras do seu temperamento, acaba "absurdo" menos pela sua singularidade do

(Continua na página 12)

# UMA GENTILEZA DA LOTERIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

a minha, a sua, a nossa

LOTERIA

RUA DA PRAIA, 169

FONES:

7697-7698

End. Tel.: «LOTERIA»

TEM UMA  
FINALIDADE –  
ASSISTÊNCIA  
SOCIAL, FÍSICA  
E INTELLECTUAL  
DO POVO  
PERNAMBUCANO

que pela sua inverossimilhança. O torpor inexpressivo, a imobilidade sinistra que muitas vezes se descobre na sua fisionomia e nos seus gestos não significa nenhum movimento interior, nenhuma corrente íntima de paixão: é um nada profundo.

Por que não dizê-lo? Nas duas figuras principais do último romance de Cornélio Pena, em Dodô e em Urbano, bem que de vez em quando surpreendemos desses espaços vazios de vida e que as palavras não enchem. Depois, não é a observação microscópica e unilateral de um estado psicológico mórbido, de uma obsessão monstruosa que traduz profundidade de vida. Pelo contrário, quando essa análise imobiliza-se sobre um só ponto de observação, acaba corrompendo-se em dissecação senil, e debilitando o romance.

Em certos momentos não há efeitos verbais que dissimulem a contrafação do romance; antes a denunciam mais. Não compreendo em autor dos recursos de imaginação e de estilo de Cornélio Pena, escrever, referindo-se ao seu personagem, Dodô: "Monte-se imóvel, com os pensamentos a passarem por sua cabeça, em

vãos irregulares e rápidos; formavam palavras de um cântico nunca escrito, onde a dor surgia e se entrelaçava, à força, com a realidade".

Aqui não é somente a pobreza e infelicidade de imagens como "pensamentos a passarem por sua cabeça, em vãos irregulares e rápidos", o que nos aflige mais; é também dizer que os pensamentos "formavam palavras".

As cogitações de Urbano, outro personagem, quando vem da fazenda, e entra na cidade que conheceu em menino, são da mesma maneira de um intimismo equivoco. E' no capítulo XXI que o autor começa a transcrever o sofrimento do seu personagem, e falando então da sua alma sem comunicação com o mundo, diz: "No fundo dela (da alma), vegetação de manias e

encantamentos que se tinham depositado, talvez por outras sombras já desvanecidas, crescia e abria caminho, e era necessário um trabalho cheio de angústia para impedir que transbordasse, que, ao alcançar o exterior, se refletisse nos fatos de sua vida, e se infiltrasse em sua realidade".

Não, não é com palavras que se cria o sofrimento humano. O sofrimento de Urbano queríamos revelados em fatos, em situações morais que o leitor adivinhasse de longe, sem palavras enfáticas que o dissessem. Não o queríamos por meio de palavras assim: "Viu o sangue correr puro e tranquilo através da carne sem máculas, fora daquela ansiedade que o oprimia, longe da amargura que enchia a sua

boca, livre da esquisita e esteril agitação moral que sentia em seu cérebro, que nele viera pousar, como se um pássaro de mau agouro o despedaçasse".

Se há um gênero de romance em que o detalhe supérfluo, ou a impropriedade de linguagem são mais difíceis de esconder é o romance que visa o homem nas indeterminações da sua vida psíquica, que visa o homem quasi desencarnado, o homem feito sensação e idéia puramente. Esse trabalho, porém, de depuração verbal tão necessária à vitalidade do romance, não se encontra com o rigor que era de esperar no "Repouso", de Cornélio Pena.

O que salva o livro, e o impõe à consideração da crítica são aquelas cenas em que o autor não repisa os mesmos motivos de dor, não alarga em palavras inertes, mas em situações vivas o "eu" dos seus personagens: assim, por exemplo, a cena do casamento de Dodô, a da morte de Urbano, de um patético verdadeiro, como também as cenas que rematam o livro. E ainda certos descritivos, certas paisagens, certos ambientes domésticos que o autor soube recriar com uma imaginação de verdadeiro romancista.

CORNELIO PENA

(Continuação da pág. 11)



# A ESPECIALISTA

RUA 1.º DE MARÇO, 85

## RECIFE

Tem sempre o brim de linho, o tropical ou a casimira que V. S. precisa e sempre pelo melhor preço da praça

COOPERATIVA

## BANCO DO NORDESTE

LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Enderço Telegráfico: "BANORDESTE" - Telefone: 6260  
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM  
Presidente

WALDEMAR CARDOSO  
Gerente



Todos os Domingos, as 21,30

SOB A REGENCIA do Maestro "marca OLHO"  
TRANSMITIDO PELO

RADIO JORNAL DO COMMERCIO  
OFERTA DAS

Lojas Paulistas

OS TECIDOS MARCA OLHO NÃO DESBOTAM

QUANTO PESA 1 QUILO  
DE FIO DE COBRE ?



NO MEU ORÇAMENTO É 100%, MAIS  
PESADO DO QUE HÁ DEZ ANOS!...

— Como todos os materiais que minha Companhia emprega em seus serviços, o cobre não fugiu á regra. Seu peso é, evidentemente, o mesmo, mas, pelo que atualmente custa, faz aumentar de muito as despesas da minha Companhia! E, já imaginou quantos quilômetros desse fio temos extendidos nesta cidade? — pergunta "Seu" Kilowatt o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS AND POWER CO. LTD.

Grandes Moinhos do Brasil S. A.

MOINHO RECIFE

Farinha de Trigo

# OLINDA

\*

Farelo de Trigo

Rações Balanceadas

Avevita

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

RECIFE

PERNAMBUCO

# MARCEL PROUST ET LA MORALE

(Especial para «Nordeste»)

ANDRÉ FERRÉ

Quel beau monument de sottise, s'ajoutant à ses réquisitoires contre Baudelaire et Fraubert, aurait laissé à la postérité le procureur Pinard, si la *Recherche du Temps perdu* avait été publiée une soixantaine d'années plus tôt! Il est bien certain qu'on n'aurait pas attendu les trois volumes de *Sodomie et Gomorrne*, ni même la conjonction entre l'orchidée Jupien et le bourdon Charlus à la fin du second tome de *Guermantes*, pour traîner sur le banc d'infa mie un auteur aussi licencieux, pour vouer à l'exécration un livre aussi attentatoire à la pudeur bourgeoise. C'est dès le *Côté de chez Swann* que Proust aurait été passible de la cour d'assises: la scène de sadisme surprise par le narrateur à Montjouvain entre Mlle Vinteuil et son amie suffisait à déchaîner contre lui la police des mœurs. A côté de la hardiesse et de la précision de ce brutal épisode, combien anodin apparaît le passage de Mme Bovary où l'adultère en fiacre est présenté de façon purement allusive, et combien décentes sous leur voile poétique les strophes des *Fleurs du Mal* chantant les lesbiennes!

Les procès de Flaubert et de Baudelaire ont été révisés, ce qui n'a d'ailleurs aucune importance: dans les esprits tant soit peu préservés de béotisme, la sentence était caduque, mieux: insignifiante, avant même d'être rendue. Quant au procès Marcel Proust, c'est justement parce qu'il ne s'est pas déroulé sur le plan juridique qu'il y a lieu de le réinstaurer: car Proust demeure bel et bien condamné au point de vue de la morale, même dans l'esprit de beaucoup de ses admirateurs.

Certes, on ne lui fait pas reproche puéril et hypocrite d'avoir peint le vice sans en donner l'horreur; on ne le chicane sur l'immoralité qui se rencontre dans la matière de son récit, et qui reflète celle de la vie elle-même. On ne lui tient pas rigueur non plus de n'en avoir pas tiré de leçon explicite. Au fond, ce que l'on prétend constater dans son cas est beaucoup plus grave: il s'agit en effet non pas de tel ou tel manquement, mais bien d'un indifférence absolue à la morale en tant que point de vue sur les êtres et leur conduite, il s'agit d'une amoralité foncière. Proust ne nie pas la morale, ce qui serait encore une façon d'y être attentif: elle lui est étrangère, comme la lumière à un aveugle de naissance. Voilà du moins ce qui se dit et ce qui se pense couramment, jusque parmi de fervents proustiens.

Sans doute accorde-t-on les circonstances atténuantes, au premier rang desquelles figure celle du génie; ou bien on tente d'établir une équivalence, tout au moins une correspondance sinon une compensation, entre l'obligation morale tacitement niée par l'écrivain et l'obligation artistique à laquelle il s'est si exemplairement sacrifié; d'autres essaient de se rassurer par la considération de sa vie, qui, à défaut de son œuvre, témoigne tout de même de certaines exigences morales; les charitables le plaignent d'une infirmité déplorable qui prive son livre du couronnement qu'on souhaiterait y voir. Mais tous sont bien d'accord sur ce fait: l'absence de toute éthique dans la *Recherche du Temps perdu*. Que la situation apirituelle de Proust soit hors de toute considération morale, cela ne fait pas question.

\* \*

Tel est le jugement qu'il est grand temps de réviser, et de casser. Il n'est pas question de présenter une "réhabilitation" dont les mânes de Marcel Proust n'auraient que faire. Il s'agit de rétablir la vérité, et même de rendre ses droits à l'évidence. Au reste, si la sentence qui prétend reléguer Marcel Proust hors du domaine moral est injuste, c'est par manque de justesse plus encore que par manque de justice.

Le sort de toutes les grandes œuvres est de déconcerter leurs contemporains, de voir par eux leurs vrais caractères méconnus, leurs vrais mérites discutés. Elles doivent attendre la longue familiarisation de la postérité pour apparaître enfin telles

qu'elles sont. Le *Temps perdu* n'échappe pas à la règle. N'est-il pas stupéfiant que ses premiers lecteurs aient à peu près tous été frappés (les uns choqués, les autres séduits) par l'absence de composition de cette œuvre? M. Julien Benda, dont l'entêtement est la grande vertu, en est resté à cette opinion, mais il est bien le seul, et nul aujourd'hui ne peut lire Proust sans se rendre sensible à la rigueur des enchaînements qui, sur des plans divers, tous dominés par celui de la quête de l'œuvre à créer, conduisent de Swann au *Temps retrouvé*. De même en 1919 on trouvait la phrase proustienne amorphe, enchevêtrée, rebelle à l'émission orale, alors qu'aujourd'hui son rythme et sa musicalité charment, à travers l'esprit, toutes les oreilles. De même encore, il est probable que le contenu moral, la portée morale de la *Recherche*, qui pendant trop longtemps nous ont échappé, vont finir par faire reconnaître leur réalité avec leur importance.

Les générations futures estimeront que ces Français du XXème siècle commençant devaient être bien déformés par le goût du paradoxe pour dénier à Marcel Proust le sens et même la vocation des problèmes moraux. Car enfin, deux ou trois siècles plus tôt, dans quelle catégorie aurait-on rangé un tel écrivain, sinon dans celle des moralistes? Moraliste de la famille spirituelle de Montaigne, de la Rochefoucauld, de la Bruyère, de Montesquieu et de Diderot.

Attention! objecte l'amateur de sé-

mantique. Ne jouez pas sur ce mot: vous savez bien qu'il a changé de sens depuis deux cents ans. On appelait moraliste aux XVIIème et au XVIIIème siècles ceux qui se donnaient pour tâche la peinture des mœurs, collectives ou individuelles, de leurs semblables. Leur dessein était de décrire les manières d'être, les ridicules et les vices: de les décrire, non de les juger ou de les corriger. Si l'on peut dire que Marcel Proust fait œuvre de moraliste, c'est seulement en ce sens, et dans la mesure où le moraliste adopte à l'égard des hommes l'attitude du biologiste à l'égard des autres animaux: la conduite de Charles Morel, d'Albertine Simonet ou de Rachel, avec leurs turpitudes et leurs vices qui font pâlir ceux du marquis de Sade et de Messaline, c'est pour lui un objet de constatation: celle-ci n'affecte pas plus sa sérénité que le comportement de la maute religieuse devant son époux au cours de la parade n'altère l'objectivité de l'entomologiste qui l'observe.

Des moralistes au sens d'aujourd'hui, on attend tout de même un peu plus de parti-pris: ils ont une doctrine, leur siège est fait sur la hiérarchie des valeurs, la distinction entre le bien et le mal. Chez nos moralistes français des siècles classiques, cette doctrine, ce parti-pris, cette arrière-pensée éducative demeuraient souvent implicites; toutefois, un peu d'attention du lecteur suffisait à les faire transparaître sous le texte. Mais le texte de Marcel Proust, lui, demeure opaque. "Voilà,

dit-il en présentant ses tristes échantillons d'humanité, c'est ainsi"; il ne semble pas qu'il sous-entende jamais: "Cela serait mieux autrement", ni même: "Tâchez d'en prendre votre parti". Des écrivains de cette sorte, on se garde bien de les considérer comme moralistes; le terme d'immoraliste créé par André Gide ne leur conviendrait pas non plus. On les appelle des psychologues, et il y a entre eux et les moralistes plus qu'une divergence: une véritable opposition. C'est même parce que Marcel Proust est trop profondément, trop absolument psychologue, que la morale demeure pour lui *terra incognita*.

Dans cet argument tiré de l'incompatibilité entre la psychologie et la morale, il y a du vrai. Les deux points de vue sont quelque peu antagonistes, et il est contestable que c'est le point de vue psychologique que le *Temps perdu* propose explicitement et avec prédilection à ses lecteurs: point de vue du témoin qui observe lui-même et les autres, les autres au travers de lui-même, qui fait effort pour expliquer leurs paroles, leurs sentiments et leur conduite avec toutes leurs inconséquences, leurs intermittences et leurs contradictions, qui se donne pour but de comprendre, mais s'abstient d'apprécier. Or expliquer et comprendre, cela n'empêche-t-il pas de juger, surtout si c'est pour condamner? Le psychologue décrit et analyse la nature humaine, le moraliste entend la

(Continuação na página 15)





(Continuação da página 14)

diriger, la redresser, souvent il la combat et même la violente; il ne peut se résoudre à accepter ces tendances "mauvaises" que le psychologue, lui, s'abstient de qualifier, qu'il considère comme de simples données de fait, et dont il pénètre si bien la raison d'être qu'elles lui apparaissent comme inévitables, comme normales. Par exemple le moraliste connaît le mensonge que pour le blâmer, l'interdire; prétention qui doit sembler assez vaine au psychologue, lorsqu'il constate comme le fait Marcel Proust que "le mensonge est essentiel à l'humanité. Il y joue un aussi grand rôle que la recherche du plaisir et d'ailleurs est commandé par cette recherche. On ment pour protéger son plaisir ou son honneur si la divulgation du plaisir est contraire à l'honneur. On ment toute sa vie, même surtout, peut-être seulement, à ceux qui nous aiment. Ceux-là seuls en effet nous font craindre pour notre plaisir et désirer leur estime". (AD II, p. 88) Voilà le mensonge non pas justifié ni excusé formellement sans doute, mais non plus prohibé ni proscrié; le voilà regardé dans une froide et pénétrante lumière qui, semble-t-il, laisse encore moins place à la possibilité d'une prohibition qu'à celle de l'absolution. Il en va de même pour l'égoïsme, la débauche, l'inversion sexuelle, et à l'opposé pour le courage, la bonté, la générosité (vertus qui cohabitent d'ailleurs chez les créatures avec les pires vices); ce sont des faits sur lesquels Marcel Proust exerce sa puissance d'investigation psychologique; il en décrit les aspects, s'efforce de les rattacher à des lois générales, sans se soucier, suivant les cas, de les réprouver ou au contraire de les proposer en exemple.

Gardons-nous cependant d'aller trop loin dans cette opposition entre la psychologie et la morale. Que les deux points de vue ne coïncident pas, cela ne veut pas dire qu'ils s'excluent l'un l'autre. Bien plus: une morale qui se veut efficace doit s'appuyer sur une connaissance objective et sans illusion de cette nature humaine qu'elle entend corriger, améliorer, parfaire. Légiférer dans l'idéal ne serait qu'un jeu stérile de l'esprit. Pascal avait déjà remarqué: "Qui veut faire l'ange fait la bête"; c'est que l'ange et la bête coexistent en chacun de nous, en Swann, en Charlus, en Saint-Loup, en Mme Verdurin, sans parler du narrateur lui-même. La vertu et le vice ne sont pas des absolus: les psychanalystes nous ont appris, à peu près en même temps que Proust, à y voir des aspects apparemment contradictoires de tendances identiques dans leur fond; ils ont précisé les techniques thérapeutiques ou éducatives du transfert, de la sublimation, qui utilisent à des fins inoffensives ou bien-faisantes des tendances s'exerçant auparavant dans un sens nocif. Que Proust peigne plus volontiers les cas de dégradation et de déchéance que ceux d'ascension, cela n'empêche pas que cette peinture profite déjà indirectement à la morale, en donnant une connaissance plus approfondie des hommes, et par là une possibilité mieux assurée de prise sur eux. La psychologie est une condition de la morale, son premier moment, un peu comme la physiologie est un indispensable préambule à la médecine. Voilà pourquoi on n'avait pas tout à fait tort d'appeler moralistes les purs psychologues, et pourquoi il n'est pas interdit, malgré les objections de la sémantique, de faire sa place à Marcel Proust dans l'école des moralistes français.

Il n'est d'ailleurs pas moraliste seulement en ce sens, et par les lumières qu'il projette sur les données psychologiques de la vie morale. La matière morale de son livre est considérable, et ce sera, pour ceux qui liront et étudieront la Recherche du Temps perdu dans l'avenir, un sujet de stupéfaction qu'elle soit demeurée inaperçue des contemporains. Les attitudes morales, les sentiments moraux, les jugements moraux des personnages, interviennent à tout moment dans la trame du récit. Loin de se montrer indifférent à la morale et à ses problèmes, Marcel Proust s'y tient au contraire si attentif que les réalités morales constituent un élément essentiel et permanent de son livre.

Et il les considère bien avec le parti-pris du moraliste, en les rapportant à une échelle idéale de valeurs. La preuve, c'est qu'il emploie pour désigner ce vocabulaire moral dont chaque terme implique de la part de qui en use, une attitude de juge qui tour à tour désapprouve ou félicite.



O poeta Ascenso Ferreira gravando os seus poemas para a Discoteca do SIA, no Rio. Ao lado, o jornalista José Irineu Cabral, diretor daquele Departamento do M. A. e por traz de poeta, o sr. Souza Barros, do IBGE de Pernambuco. Ascenso foi ao Rio assistir ao lançamento de sua obra completa em edição de luxo

cite. Quand Marcel Proust parle des vices ou du vice par excellence, d'égoïsme, de cruauté de paresse, nul doute qu'il donne à ces mots la coloration morale qui normalement les revêt: il est écrivain trop scrupuleux, et trop averti des plus subtiles résonances du langage, pour agir autrement. S'il entendait purger les mots de leur acception dans l'ordre du bien et du mal, ou bien il procéderait à l'instar des psychologues qui forgent des vocabulaires nouveaux préservés de toute contamination morale, et substituent par exemple, quand ils traitent de l'altération de la vérité par l'enfant, au mot mensonge le mot fabulation, parce qu'à "mensonge" sont liées des idées de calcul, d'intentions mauvaises, et que si l'enfant ment, c'est dans une innocence spontanée; ou bien s'y prendrait comme Charles Swann, dont on sait qu'il avait acquis dans le milieu Guermantes l'habitude de ne jamais employer de "grands mots", des mots qui font sérieux, sans les affecter d'un accent d'ironie qui tendait à excuser ce manquement à la vertu de discrétion, et de les encadrer d'invisibles guillemets que traduisaient dans la conversation un bref silence comme hésitant, un sourire, un clin d'œil complice. Il arrive au narrateur d'éprouver le besoin de cette mise en garde, dans des circonstances particulières, explicatives ou démonstratives, et il le fait alors assez clairement pour que le lecteur ne s'y trompe pas. Ainsi écrit-il (SG I, p. 265-66): "Le vice (on parle ainsi pour la commodité du langage), le vice de chacun l'accompagne à la façon de ce génie invisible pour les hommes tant qu'ils ignoraient sa présence". Et il rouvre une parenthèse analogue dix pages plus loin: "Sans doute la vie de certains invertis paraît quelquefois changer, leur vice (comme on dit) n'apparaît plus dans leurs habitudes" (SG I, p. 276). De telles précautions autorisent à admettre que lorsqu'on rencontre un terme moral qui n'en est pas accompagné, ce qui est le cas le plus fréquent, l'auteur lui donne bien sa complète signification morale.

Il est évident par exemple que lorsqu'il montre comment le vice de Charlus trouve une sorte de compensation dans les dispositions artistiques qu'il engendre chez ce Guermantes dont la race en est dépourvue (SGII, p. 224), ou encore lorsqu'il constate que les vertus d'un père et d'une mère peuvent se combiner chez leur enfant pour faire apparaître un vice, Marcel Proust fait entrer le vice dans une catégorie du mal opposée à celle du bien. On risque encore moins de se tromper sur la valeur du mot vice dans cette phrase: "Il n'y a que dans les vies vraiment vicieuses que le problème moral peut se poser avec toute sa force d'anxiété" (JF I, p. 101). Comment a-t-on pu ne pas être alerté par le sens, et plus encore par l'accent de tels propos, qui se présentent sans cesse entre Swann et le Temps retrouvé?

Cessons donc de nous refuser à l'évidence, et ne laissons plus adhérer à la réalité, suivant la formule proustienne, cette propriété d'être invisible: A la Recherche du Temps perdu est une œuvre morale par son contenu, moralisatrice par ses tendances. Elle pourrait ne pas l'être, mais

c'est un fait qu'elle l'est. Elle pourrait ne pas l'être parce qu'une œuvre grande et forte porte sa morale dans son existence même, par sa manière d'attester la puissance spirituelle de l'homme, par sa vertu propre d'engendrer l'admiration et l'exaltation. Mais cette morale esthétique ou poétique (au sens valéryen qui est celui de l'étymologie) se superpose dans l'œuvre de Marcel Proust à une morale plus conforme à l'acceptation courante du terme: une morale de principes et d'idéal, une morale de jugements et de règles.

Ce qui a pu entraîner certains esprits à dénier à Marcel Proust tout souci moral, c'est l'absence chez lui de tout sentiment religieux. Sans doute le narrateur enfant va-t-il à la messe à Combray, mais il y est occupé de pensées purement (ou impurement) profanes; le goût qu'il manifeste pour les églises ne doit rien à la piété. L'idée de Dieu est détachée de lui, étrangère à sa nature; elle lui fournit tout des métaphores; encore fait-il appel de préférence, pour celles-ci, aux divinités païennes. Il n'est certes pas hanté par les problèmes de l'au-delà, lequel se ramène pour lui au néant, la vie terrestre étant "la seule vie qu'il y ait sans doute" (JF II, p. 156), et "personne ne croyant, au fond, à une vie future" (AD II, p. 99). Tout au plus émet-il, d'un accent plutôt réticent, l'hypothèse que la survivance de l'âme après la mort pourrait se concevoir comme un phénomène de mémoire (G I, p. 79).

Or la morale a été longtemps étroitement adhérente à la religion, dont elle constituait une sorte d'appendice; l'amour de Dieu et la crainte des châtements éternels sont encore, pour les croyants, parmi les plus puissants des sentiments moraux. Pour un Henri Ghéon, pour un Henri Massis, et à un moindre degré pour un François Mauriac, le postulat de la cécité morale de Proust est inclus dans la constatation de son absence de foi religieuse. Cette liaison organique entre l'obligation morale et la croyance à la vie future est accréditée (bien qu'en sens inverse) par Proust lui-même, lorsque, à propos de la mort de Bergotte qui préfigure la sienne propre, il remarque: "Tout se passe dans notre vie comme si nous entrions avec le faix d'obligations contractées dans une vie antérieure; il n'y a aucune raison dans nos conditions de vie sur cette terre pour que nous nous croyions obligés à faire le bien, à être délicats, même à être polis... Toutes ces obligations qui n'ont pas leur sanction dans la vie présente semblent appartenir à un monde différent, fondé sur la bonté, le scrupule, le sacrifice, un monde entièrement différent de celui-ci, et dont nous sortons pour naître à cette terre, avant peut-être d'y retourner revivre sous l'empire de ces loix inconnues auxquelles nous avons obéi parce que nous en portions l'enseignement en nous, sans savoir qui les y avait tracées..." (P I, p. 255-256).

La morale, cependant, a fini par se rendre indépendante de la religion, suivant en cela le mouvement de la icisation auquel ont obéi d'abord les sciences, puis la politique. La morale est devenue l'affaire des incroyants, dont le nombre n'a cessé de s'accroître, tout autant que celle des adeptes des diverses religions. Qu'on le veuille ou non, il existe maintenant une

morale laïque, parfaitement valable dans ses principes et efficace dans son action sur la conduite. C'est une telle morale que depuis 1887 on enseigne dans les écoles publiques de France, et dont, dès le XVIIIème siècle, Kant avait posé les fondements. La morale incluse dans l'œuvre de Proust appartient à cette famille de systèmes moraux qui n'ont plus besoin de s'étayer sur un dogme religieux, et pour qui l'humanité, considérée dans chaque individu qui la reflète ou dans les groupements sociaux qui la réalisent, porte sa propre fin en elle-même: c'est une morale toute laïque. Elle ne laisse espérer aucun paradis, ne menace d'aucun enfer. Elle propose à l'homme une conception du bien dont la conquête est d'autant plus méritoire que ce bien est plus éloigné de sa nature égoïste et perverse, et que cette conquête difficile est en somme toute gratuite. Kant estimait qu'un acte moral tel qu'il en définit le caractère, inspiré par le pur respect de la règle, n'a probablement jamais été accompli ici-bas; Proust invite de même à penser, par la galerie des personnages présentés dans son roman, que son idéal moral n'est réalisé par personne. Peut-être y a-t-il lieu cependant de faire exception pour la mère et la grand-mère du narrateur.

Quel est-il, cet idéal? Pour laïque que soit la morale proustienne, son principe directeur n'en pas moins assez différent de celui de la morale laïque la plus répandue, celle qui s'adresse aux enfants de nos écoles. On sait que cette dernière est fondée sur la dignité humaine, à la fois postulat moral, idéal moral et revendication morale. Marcel n'a sans doute pas une assez haute idée de la nature de l'homme pour fonder sur sa dignité, trop purement théorique, les raisons de ses appréciations morales et la justification de nos devoirs. Au reste, l'exigence morale de trouve pas de source naturelle bien profonde dans son tempérament: ne confesse-t-il pas que, en dépit d'une fierté acquise par l'éducation et des duels qu'il a livrés, l'absence d'amour propre est le milieu vital primitif dans lequel il baignait? (P II, p. 119).

En revanche, il a conscience agitée de l'état misérable de l'homme, de la solitude désolante de chaque être, solitude dont l'inverti, ce symbole, subit les plus féroces rigueurs. Cette misère et cette tristesse foncières de la condition humaine, que ne parviennent à conjurer ni les satisfactions faussement brillantes de la mondanité et du snobisme, ni l'évasion vers l'art ou les voyages, ni surtout l'amour qui aggrave encore l'isolement de ses victimes, elles ne peuvent être atténuées que par le don de soi, tant pour celui qui le consent que pour celui qui en bénéficie. C'est pourquoi Marcel Proust fait de la bonté la pierre de touche de la valeur morale, la grande vertu en même temps que le grand devoir. Si la dignité humaine est le substitut laïque du dogme selon lequel Dieu fit l'homme à son image, la bonté est pour Proust celui de la charité chrétienne, qui consiste à simer son prochain en Dieu.

Ce n'est pas par hasard que les deux seules figures moralement irréprochables et pures de la Recherche du Temps perdu sont aussi de constants exemples de "cette bonté, cette distinction morale que maman avait appris de ma grand-mère à tenir pour supérieures à tout dans la vie" (S I, p. 66). Pas par hasard non plus que Proust fait exception à la règle d'inventer tous ses personnages, pour citer "avec un enfantin plaisir et une profonde émotion" le seul nom véritable qui figure dans son livre, celui des Larivière: ils ont mérité cet hommage pour le dévouement dont ils ont fait preuve pendant la guerre à l'égard d'une nièce dont le mari avait été tué au front (TR I, p. 207). Pour cet homme qui s'est voué à son œuvre au point de se laisser dévorer par elle, la bonté n'est pas seulement la vertu majeure dans la vie, elle est aussi celle de l'art, et l'attribut fidèle du génie en dépit d'apparences parfois contraires: car le commerce des grandes œuvres apporte aux hommes un soulagement à leur solitude et à leur malheur.

On sait que l'homme que fut Proust a largement pratiqué cette vertu, qu'il devait ressentir en lui comme un besoin de nature autant que comme un devoir; quant à sa bonté d'écrivain et d'artiste, chaque lecture que nous faisons de ses pages nous la fait

(Continúa na página 18)

O Presidente do I. A. A. em Pernambuco

# VAI EXPOR AO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS OS PROBLEMAS DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

## Uma semana de contacto com os industriais e trabalhadores do açúcar do Nordeste - Impressões sobre as entidades de classe e as usinas - Em Água Preta, na «Santa Teresinha», com o industrial José Pessoa de Queiroz - A comitiva - Outras notas

Constituiu um marcante acontecimento para a vida económico-financeira do nordeste a recente visita que o dr. Sílvio de Bastos Tavares, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, fez a esta parte do país. Nessa excursão, o ilustre titular teve ensejo de visitar os principais centros da indústria açucareira deste lado na América, entrando em contacto com os seus mais credenciados representantes.

neiros de viagem, além de autoridades e industriais nordestinos, estiveram em visita ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar e do Alcool, sendo recebidos pela diretoria daquela entidade. O sr. Pedro Malta, presidente do Sindicato, saudou o dr. Bastos Tavares, dizendo do grande prazer com que ele era recebido na casa dos trabalhadores açucareiros. Referiu-se aos proble-

tando como Pernambuco e outra região como o Nordeste, onde o nível de vida é extremamente baixo. Prometeu que à frente do Instituto do Açúcar e do Alcool, jamais esquecerá os trabalhadores ao mesmo tempo que procurará defender a prosperidade da indústria e da lavoura canavieira. Nessa visita a Pernambuco e Alagoas, estudará os problemas da economia açucareira sob todos os seus

que pretendia dar à Cooperativa dos Bangueiros uma entidade de que lhe permita a continuação de seus esforços construtivos. Se isso conseguisse, estava certo de que os problemas dos bangueiros seriam resolvidos. Elogiou o homem nordestino, sua vontade firme, coragem e ânimo resolute com que enfrenta o trabalho. A classe dos bangueiros era constituída daqueles homens, e por isso fatalmente conseguiria encontrar a justa compensação de sua luta em benefício do engrandecimento do Brasil.

Encerrada a cerimônia, os visitantes rumaram à sede da Associação dos Fomecedores de Cana, Sociedade Auxiliadora da Agricultura e Cooperativa de Crédito dos Fomecedores de Cana no edifício Sulacap. No livro de honra da Cooperativa dos Fomecedores de Cana de Pernambuco, o dr. Bastos Ta-

cou quanto ao alcance de suas principais finalidades. **VISITA AO GOVERNADOR E CHURRASCO NA IPUTINGA** As 11,30, o presidente do I. A. A. e sua comitiva fizeram uma visita de cortesia ao governador do Estado. Foram recebidos pelos secretários Gomes Maranhão, Armando Monteiro Filho, Orlando Moraes, coronel Bezerra Amorim e sr. Agamenon Magalhães, com quem o dr. Bastos Tavares manteve prolongada palestra. As 12,30, no Hospital dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar, que está sendo construído na Iputinga, realizou-se o churrasco que a Cooperativa dos Usineiros ofereceu aos ilustres visitantes. Participaram do ágape cerca de 400 pessoas, entre as quais altas autoridades do Estado, representantes de todas as classes conservadoras, usineiros, bangueiros, fornecedores de ca-

o sr. José Pessoa de Queiroz. Foram debatidos, em reunião efetuada, os problemas com que se defronta a indústria do açúcar em Pernambuco. Encerrada essa parte do programa, o sr. e sra. Bastos Tavares, acompanhados de sua comitiva e dos industriais José Pessoa de Queiroz, José Adolfo Pessoa de Queiroz e esposa, do sr. Moreira Neto e do jornalista Esmaragdo Marroquim, seguiram via aérea a Usina Santa Teresinha, onde pernottaram. A excursão foi feita em 11 aviões cedidos pelas próprias usinas. Aéreo Clube de Pernambuco e governo do Estado, tendo assim os visitantes oportunidades de contemplar do alto grande extensão da zona canavieira de Pernambuco. A revoada decorreu em excelentes condições, chegando a caravana à «Usina Santa Teresinha» pouco antes das 15 horas.



Banquete no Iate Clube. O dr. Sílvio Bastos, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, quando agradecia as homenagens dos usineiros pernambucanos.

### O GRUPO VISITANTE

A comitiva do dr. Sílvio de Bastos Tavares foi composta das seguintes pessoas: Industrial Dudley Barros e esposa; Guilherme Pessoa de Queiroz; Artur Nogueira e Pedro Américo Correia, representando os lavradores de cana do Estado do Rio; Gil Maranhão e esposa; Moacyr Pereira e Julião Nogueira, usineiros em Campos; Nelson Coutinho; Licurgo Velloso e Francisco Dillícia e esposa, altos funcionários do I. A. A.; Saul Reis e José Feres, assistentes técnicos do presidente do I. A. A.; João Soares Palmeira; José Guerreiro, chefe do Pessoal do I. A. A.; Antônio Lima Neto,

mas dos operários da indústria do açúcar e mencionou os serviços que a instituição que dirige presta aos associados e famílias. Salientou ter sempre contado com o apoio das administrações anteriores, do I. A. A., especialmente, o sr. Fernando Pessoa de Queiroz. Formulou a esperança de continuar o órgão de classe mercendo do dr. Bastos Tavares essa mesma cooperação. Ao finalizar, declarou que o Sindicato deve muito do que realiza ao generoso espírito do sr. José Pessoa de Queiroz, que não poupa esforços quanto é preciso auxiliar a quantos trabalham na indústria do açúcar.

aspectos, para expô-los ao presidente Vargas a fim de conseguir uma justa solução. "Sou um produto do próprio esforço" — disse e acrescentou, "e creio sempre em todo aquele que tem vontade própria e personalidade definida. Isso não constitui privilégio de ninguém. Essas qualidades existem nos trabalhadores da indústria do açúcar de Pernambuco". Em seguida, acompanhado de sua esposa, sra. Raquel Bastos Tavares, e comitiva, o presidente do I. A. A. percorreu todas as dependências do Sindicato, instalações do hospital, serviço odontológico, colhendo de tudo a melhor impressão.



A turma de aviadores que, com absoluta pericia conduziram os aviões em que viajaram, de usina a usina, o dr. Bastos Tavares e comitiva.



Almôço oferecido aos caravangeiros, na Casa Grande de Cucatã.

Industrial em Minas Gerais; e Walter de Andrade, usineiro em São Paulo. Ao desembarcar da comitiva, no aeroporto Guararapes, compareceram autoridades, industriais do açúcar e amigos do dr. Bastos Tavares.

### O ROTEIRO

No dia seguinte ao da chegada, o ilustre visitante e seus compa-

Em seguida o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool agradeceu a homenagem. Disse, entre outras coisas, que tinha a nitida impressão do baixo nível de vida dos trabalhadores na indústria do açúcar. Relembrou sua vida de médico de usina no município fluminense de Campos. Foi assim que manteve contacto com aquela classe e compreendeu suas necessidades. Essas necessidades eram bem maior num Es-

### NA COOPERATIVA DOS BANGUEIROS

Na sede da Cooperativa dos Bangueiros, o dr. Bastos Tavares e comitiva foram recebidos às 9 horas. A cerimônia que se lhe prestou então teve o comparecimento de grande número de pessoas, inclusive autoridades, dirigentes da entidade e associados. Foi saudado por numerosas orações e, em resposta, assegurou



Banquete no Iate Clube, vendo-se os srs. José Pessoa de Queiroz e o dr. Sílvio Bastos Tavares.

### PERCORRENDO O GRANDE PARQUE INDUSTRIAL

O dr. Bastos Tavares foi recebido pelo sr. José Pessoa de Queiroz e esposa, sra. Teresinha Pessoa de Queiroz, dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz e esposa, sra. Lucilla Pessoa de Queiroz, e todos os administradores e técnicos do importante parque industrial de Água Preta. Achavam-se presentes também os industriais Manuel de Brito e Luiz Inácio Pessoa de Melo que, com o presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, acom-

(Continua na pag. 17)



Santa Teresinha, com capacidade para 400 hectolitros.

NA USINA CATENDE

Na manhã seguinte, após o café, seguiu o presidente do I. A. A. e sua comitiva, para a Usina Catende.

Acompanhavam-nos, também, os industriais José Adolfo Pessoa de Queiroz, Manuel de Brito e Luiz Inácio Pessoa de Melo.

No aeródromo de Catende, os visitantes foram recebidos pelos diretores da grande organização à frente os srs. Domingos Azevedo e Carlos Brito Pires e o engenheiro e dr. Antôgenes Chaves e o industrial Cid Feijó Sampaio, da Usina Rocadinho, em cuja companhia, he memora-

percorrendo os diversos estabelecimentos do ensino e de assistência hospitalar, criados e mantidos em moldes que fazem daquele importante centro fabril pernambucano um marco dos mais avançados, em matéria de assistência e amparo ao trabalhador e sua família, de todo o Brasil.

Ainda, estiveram os visitantes na sede dos esportistas de Catende, onde lhes foi dado ouvir alguns números de canto orfeônico que, como tudo o mais, atestaram o excelente preparo e a boa organização dos jovens ali reunidos.

Na sede do Centro Operário de Cultura Leão XIII, doado pelo inesquecível Tenente aos seus operários, o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool foi saudado, em nome dos trabalha-

A e comitiva chegaram à tardinha ao centro industrial que Manuel de Brito, grande criador de riqueza veio revitalizar com o seu dinamismo, poderosamente auxiliado ali, em sua tarefa, pela excepcional capacidade administrativa de Alvaro Azevedo. Barreiros constituiu para os visitantes mais uma visão empolgante do arrojo e dinamismo do industrial pernambucano. E sob outro mais uma demonstração também da hospitalidade fidalga e afável de nossa gente. Essa demonstração, deu-a srta. Alvaro Azevedo, que recebeu nos visitantes em sua bellissima vivenda, com requintes de gentileza que a todos cativaram.

NO IATE CLUBE

O banquete realizado no Iate Clube, foi sem dúvida uma das mais brilhantes homenagens prestadas pelas classes açucareiras pernambucanas ao dr. Sílvio Bastos Tavares, presidente do I. A. A. e comitiva, nestes dias de sua visita ao Recife.

A festa reuniu as figuras mais representativas de nossa sociedade. Autoridades do Estado, industriais, banqueiros, elementos do alto comércio e representantes de todas as classes ligadas a economia do açúcar, estiveram presentes.

A Rádio Jornal do Comércio retransmitiu os detalhes do elegante reunião, oferecendo no mesmo tempo um magnífico "show", no qual foram apresentados números de música regional.

Durante o banquete, falaram

Neto, Paulino de Albuquerque Malheiro, Franklin Faria Neves, Anjos, Mário Matos, Rui Matos, Alberto Carlos Pupo, Vinício dos Carlos Augusto Bandeira Vaz de Oliveira, Osvaldo Miranda, Antônio Jovino da Fonseca, Antônio Martins Furtado de Souza, Manuel Miranda, Aníbal Matos, Maurício Matos, José Pires, Alencar Barbosa e Manuel Firmino Pereira, além de todo o corpo de funcionários da Delegacia Regional do I. A. A. nesta capital.

Logo mais, também ali chegaram os industriais José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco e José Adolfo Pessoa de Queiroz.

VISITA AS INSTALAÇÕES

O presidente do I. A. A. e os seus companheiros de comitiva passaram, em seguida, a visitar todas as instalações daquele moderna Distilaria. Assim é que foram percorridos a Contadoria, o conjunto residencial, a secção de fermentação, onde estão colocadas vinte e quatro cubas com capacidade para oitenta e seis mil litros de melão. Na secção de cultura, que funciona no mesmo prédio, estão montadas seis outras cubas, capazes para um volume de vinte e quatro mil litros.



Na Casa Grande da Usina Santa Teresinha.

(Continuação da pg. 16)

panharam o dr. Bastos Tavares durante toda sua excursão. Os visitantes repousaram um pouco na lindíssima Casa Grande da "Santa Teresinha" dirigindo-se depois para o Grupo Escolar José Vicente de Queiroz, que a usina fundou e mantém. Percorreram todas as instalações do estabelecimento, as quais mereceram do presidente do I. A. A. os maiores elogios.

POR UMA CAUSA JUSTA E HUMANA

A professora Laura Soares, que dirige o Grupo, saudou o sr. e a srta. Bastos Tavares, dirigindo-lhes as seguintes palavras: "Grata é a missão que cabe ao nosso Grupo Escolar, a de ajudar, em nome da Usina Santa Teresinha, aqui representada pelas seus dirigentes, o exmo. sr. presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool e sua ilustre comitiva. É acontecimento que nos deixa sobremaneira lisonjeados, tão elevada é a significação desta homenagem. Sinto que me faltem os requisitos de eloquência e só vos possa falar senão através de uma linguagem simples, que o pensamento con-

bucos e dos demais Estados a percorrer, e tão bem quanto conheceis do Estado do Rio.

É um prazer assegurar-vos que os produtores do açúcar se sentem amparados por um presidente prestigiado pelo grande governador do Estado do Rio. Estamos certos de que seréis o paladino, junto a s. excia. e sr. presidente da República, no sentido de obterdes o reajustamento do preço do açúcar, e que atenderá também ao memorial já assinado por nove governadores, empenhados em demonstrar que a nossa causa é justa e humana, tendo-se em vista a vertiginosa alta de todos os gêneros e de tudo o que depende a fabricação do precioso e rico elemento. E assim vereis, sr. dr. Sílvio Bastos Tavares, que o problema em tela é o objetivo do momento. E enquanto esse problema fica sem solução, o alto padrão de vida nos leva a uma situação pouco recomendável. Urge então que se pague ao operariado um salário melhor para que o mesmo possa equilibrar o seu orçamento doméstico, em face do alto custo de todos os gêneros de primeira necessidade, à execução do açúcar. E que fazer

observar, ilustre presidente, nesta colônia de trabalho, podéis bem imaginar o que seria a Usina Santa Teresinha, se houvesse um justo preço para o açúcar. Agora, porém, criamos novo alento, criamos novas esperanças em dias melhores, pois que a presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool se acha um homem de ação, não se limita a fazer promessas: traz consigo um programa de realizações, que certamente dará solução ao nosso problema, a fim de que possamos escapar à afluxia que nos ameaça.

Meus senhores: E nos grato render nossas homenagens aos componentes da ilustre comitiva do sr. presidente do I. A. A. e aos industriais dos Estados do Sul, também presentes. Para saudá-los, foi que nos reunimos aqui. Sejam nossas últimas palavras em homenagem à ilustre dama campesina, srta. Sílvia Tavares Bastos. Aqui, senhora estão os nossos escolares. Os seus hinos, as suas poesias, serão a expressão de nossa alegria pela vossa presença nesta casa. Pertencem, senhora, bem o sabemos, ao magistério público, pois como nós operária da divina mes-



JC

Banquete no Iate Clube. Flagrante do dr. Murilo Guimarães quando discursava.

catenou, em face da realidade da vida e das circunstâncias do momento. Assim é que nos reunimos aqui e nos congratulamos, neste recinto, pela honra de recebermos em Santa Teresinha, parque de valiosas indústrias, ao genuíno defensor de uma causa pela qual nos empenhamos.

Pernambuco, este colossal Estado nordestino, está, desde o berço, fadado a ser um campo de cultura agrícola. Rico em tradições, berço de tantos filhos valerosos, continua a mesma terra dardosa, por cujo progresso tanto nos empenhamos, a fim de que o nosso grande Estado não se interrompa na sua missão de trabalhar pelo Brasil, para torná-lo mais forte e poderoso. A indústria açucareira, que tem seus alicerces plantados nos vastos campos do solo pernambucano, sendo, como se sabe, a principal fonte de riqueza de nossa terra, reclama, no momento, um demorado estudo, de que dimanem providências por que tanto se anseia. Felizmente, sabemos que essas providências serão tomadas pela Presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool, mesmo porque já estamos sentindo os oriundos efeitos de sua benéfica atuação.

O Estado do Rio, um dos grandes produtores da indústria açucareira, dá-nos o ensejo de recordar no Nordeste aquele que, na legislatura passada, defendeu na Câmara Federal, o justo preço do açúcar. A direção desta usina registrou-se ante a expectativa de que o ilustre presidente conheça "in loco" as necessidades de Pernam-

para atender a esse apelo tão lógico e humano? Haverá outro meio que não seja elevar a uma cifra equivalente o preço da mercadoria em questão? Uma coisa está a depender da outra. E sendo do ponto de vista do presidente Getúlio Vargas amparar a produção, a fim de que, com o justo preço, possam as indústrias oferecer melhor recompensa aos seus colaboradores e desenvolver uma obra de assistência social mais ampla e eficiente, é de mister reconhecer que o momento é o mais oportuno para agir em benefício de tão justo desideratum.

PERFEITA UNIAO ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO

Aqui temos a satisfação de afirmar-vos que trabalhosos perfeitamente irmanados, não havendo dissídios entre patrões e empregados. Congregamo-nos com um mesmo objetivo, na perfeita uniao entre o capital e o trabalho. Não visamos a um aumento para a riqueza das usinas, mas para que seja proporcionada a seus humildes colaboradores uma vida melhor e mais humana; mais escolas, mais pontos médicos, mais remédios, mais hospitais, mais saúde. O modelo estabelecimento de ensino que ora vos abriga é uma comprovação do esforço e da boa vontade do sr. José Pessoa de Queiroz, no sentido de beneficiar aos seus operários e colaboradores, educando-lhes os filhos, para que também possam servir a Pernambuco, pela grandeza do Brasil. Pelo que se vos foi dado

sa. Para vós, então, os nossos saudares. Para vós, estas flores, retratos naturais de nossas flores infantis".

Em seguida efetuou-se uma honra de arte, em que participaram escolares e algumas professoras, com números de música, declamação e canto.

O dr. Bastos Tavares disse depois algumas palavras de agradecimento. Visivelmente emocionado, referiu-se ao saudável ambiente que vira encontrar em Santa Teresinha, ambiente de verdadeira confraternização entre patrões e empregados, de perfeita paz social, o que se podia comprovar a cada passo na visita que estava realizando.

Elogiou a obra de assistência social empreendida, em Santa Teresinha, pelo industrial José Pessoa de Queiroz.

Terminou o seu agradecimento com uma dissertação sobre a tarefa dos professores escolares, na construção de um Brasil mais feliz e na estruturação de um mundo melhor.

O jantar na Casa Grande oferecido à caravana, reuniu também diretores e altos funcionários da Usina e famílias. Presente, o poeta Asencio Ferreira declamou alguns poemas de sua autoria, recebendo aplausos gerais.

Em seguida, teve lugar a visita à usina propriamente dita e à Distilaria, cujas modernas instalações foram demoradamente percorridas. Ao dr. Bastos Tavares, coube inaugurar oficialmente o novo e gigantesco Vácuo — o maior da América do Sul — recentemente instalado em



Jantar americano na Casa Grande da Usina Santa Teresinha, vendo-se as senhoras José Adolfo Pessoa de Queiroz e Dudley Barros Barreto.

dores da Usina, pelo sr. Severino Vidal da Silva.

Os visitantes foram ainda obsequiados com um lunch na Casa Grande da Usina, rumando em seguida, sempre de avião para Cucuá.

NA CASA GRANDE DE CUCUÁ

Alocaram o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool e demais visitantes na Casa Grande de Cucuá solar da família Queiroz Monteiro, cujo chefe sr. Armando de Queiroz Monteiro, srta. esposa, Maria José e filhos lhes proporcionaram o acolhimento fidalgo que lhes é tradicional.

A sobremaneira, o sr. Armando de Queiroz Monteiro levantou um brinde pela felicidade pessoal do sr. Sílvio Bastos Tavares, cujo atributo, inteligência e coração enalteceu em sobrias mas eloquentes palavras, e de sua consorte.

Respondeu o presidente do I. A. A. brindando à mulher pernambucana na pessoa de d. Maria José de Queiroz Monteiro.

BARREIROS

O último passeio programado para o interior do Estado, era a Barreiros. O presidente do I. A.

os srs. José Guimarães, em nome dos banqueiros; Murilo Guimarães, pela Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco; José Vinício de Melo, pelos fornecedores de cana; e Sílvio Bastos Tavares, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool.

NA DISTILARIA DO CABO

Com a visita do dr. Sílvio Bastos Tavares e comitiva à Distilaria Central "Presidente Vargas", no Cabo, foi encerrado o programa de homenagens ao presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, durante a sua permanência neste Estado.

Cerca das 12 horas, chegava à Distilaria o dr. Bastos Tavares, que se fazia acompanhar da comitiva de industriais do Sul. Receberam-no, ali, os srs. Leonardo de Moraes Schuller, delegado regional do Instituto do Açúcar e do Alcool; Artur Rui de Carvalho, gerente da Distilaria Central "Presidente Vargas"; Vicente Mendes, prefeito do município do Cabo; padre Antônio Alves, vigário da paróquia; Dalmiro de Almeida, Luiz Azevedo, Laerte de Araújo, Miguel Arrais, Valdemar de Mendonça Buarque, Tarcísio Soares Palmeira, Luiz Cavalcanti

No laboratório, os visitantes tiveram oportunidade de observar as diversas qualidades do melão, colocado, para estudos bromatológicos, em tubos de ensaio. Ao dr. Sílvio Bastos Tavares, foram expostos, com detalhes, pelos químicos do serviço, os diferentes processos que estão sendo empregados naqueles misteres.

Foram visitados, após, as oficinas e o Departamento Médico, dotado de todos os requisitos exigidos pela ciência.

A esta altura, foi interrompida a visita, a fim de ser servido o almoço aos presentes, na Escola "Barbosa Lima Sobrinho".

DISCURSO

No decorrer do após, falaram o padre Antônio Alves, vigário do Cabo, e o presidente do I. A. A. No dia seguinte, dr. Sílvio de Bastos Tavares, em companhia de sua comitiva, viajou para o Estado de Alagoas, levando a melhor das impressões pelo que se tem feito, em Pernambuco, no campo da indústria açucareira.



Em Cucuá — senhora Maria José de Queiroz Monteiro, em palestra com as senhoras Raquel Tavares e José Adolfo Pessoa de Queiroz.

# Marcel Proust et la morale

(Continuação da pág. 14)

éprouver. C'est encore sa bonté qui se répand sur les personnages de son roman, sous la forme d'une indulgence dont l'objectivité scientifique n'est après tout qu'un aspect.

Indulgent, Proust l'est pour les vices, dans la mesure où ils font souffrir ceux qui s'y adonnent, dans la mesure aussi où ils ne sont pas une source de souffrance pour autrui. C'est pourquoi, dans le couple Charlus-Morel, il réserve sa sévérité au violoniste, moins à cause de ses mauvaises mœurs qui sont aussi celles du baron, qu'à cause des tortures morales qu'il inflige à ce dernier. Car il n'est pas indulgent pour la méchanceté, qui occupe au bas de l'échelle du mal la position symétrique de celle de la bonté au sommet de l'échelle du bien.

La dissociation entre le vice et la méchanceté, que les conceptions morales courantes confondent dans le même anathème, est un trait original de la morale proustienne, où le sens de la relativité morale apparaît extrêmement aigu. Il est fréquent qu'un vice laisse subsister des possibilités de bonté, soit dans ses périodes de rémission (car on n'est pas vicieux à jet continu, et les vices pas plus que les vertus n'existent en chacun de nous à l'état de disponibilité, mais n'apparaissent que liés aux actions à l'occasion desquelles nous les exerçons (JF I, p. 8), soit même dans le cours de son accomplissement. C'est assez pour lui assurer, au regard de Marcel Proust, une rédemption au moins partielle. Si ses vices n'empêchent pas un homme d'être à l'occasion généreux, charitable, compatissant, ils pèsent d'un poids moins lourd dans la balance du mal et du bien que la bonté qui coexiste avec eux.

En revanche, Proust est un juge impitoyable de la méchanceté et de la cruauté sous toutes leurs formes, dont "la plus permanente et la plus terrible est l'indifférence aux souffrances qu'on cause" (S. I, p. 237). Quand il rend compte de la scène dérisoire et tragique (G II, p. 25 & seq) où Swan parle de sa mort prochaine à la duchesse et au duc de Guermantes qui, se préparant à aller dîner en ville, éconduisent leur "ami" d'une façon cyniquement cavalière, quand il retrace maints autres épisodes ou l'égoïsme triomphique sans combat du devoir de pitié ou d'assistance, ne senton pas, sous le ton que le narrateur s'applique à maintenir objectivement neutre, le frémissement d'une indignation contenue?

Cette morale plonge ses racines à la fois dans la sensibilité personnelle de Proust et dans sa philosophie générale. D'une part, son expérience de la souffrance, physique et morale, le fait sympathiser avec les victimes, le rend au fond de son cœur tout acquis à celui qui est le plus faible et le plus malheureux, et la pensée de la douleur lui est intolérable. D'autre part, il est pénétré d'une idée si pessimiste de la nature humaine qu'il déplore et réprouve tout ce qui est propre à accentuer ce malheur consubstantiel, et propose à l'inverse l'idéal, si difficilement réalisable, si rarement réalisé, d'une conduite à l'égard d'autrui capable d'adoucir la tristesse inhérente à la vie.

La morale proustienne apparaît donc comme une morale d'expérience, et non comme une morale déduite de postulats métaphysiques. Elle n'a rien d'abstrait; sa tendance serait plutôt à la fois sentimentale et utilitaire. C'est pourquoi elle met l'accent, par la promotion de la bonté, sur les devoirs sociaux ou inter-individuels, plutôt que sur les devoirs personnels, rattachés à une dignité humaine dont elle fait moins de cas. Le climat qui lui semble désirable comme l'est un paradis perdu, c'est celui d'une société familiale semblable à celle au sein de laquelle le narrateur a vécu son enfance. Rechercher le temps perdu, cela comporte, entre autres vains efforts, sur le plan moral, l'effort pour restituer dans sa réalité vivante cette atmosphère nostalgique faite d'affection reçue et donnée, de tendre confiance, de souci des autres passant avant celui de soi.

Cette esquisse de la position morale de Marcel Proust n'a voulu qu'attirer l'attention sur un aspect injustement méconnu de son œuvre; rectifier des sentences superficielles et hâtivement prononcées auxquelles il convient de refuser un crédit qu'on leur a trop longtemps consenti; au besoin récuser le témoignage de Proust

V CONGRESSO DE ESCRITORES INFANTE-JUVENIS

BAHIA

1951



W. Virgulino

Wellington Virgulino, pernambucano da novíssima geração dos vinte anos. Concluiu recentemente o curso ginasial no Colégio Estadual de Pernambuco. É o autor do desenho que publicamos, premiado pelo Congresso de Escritores Infante-Juvenis que se realizou em Salvador, este ano.

## LEMBRANÇA DE JOSÉ MINDELO

(Continuação da pág. 4)

me reaproximasse das confidências do velho e pobre amigo.

Assim também este outro soneto que vou copiar, leva-me pela imaginação à pequena casa da Bica dos Quatro Cantos, onde José Mindelo vivia a sonhar e escrever:

Noite fria de inverno... Lá por [fora, anda o vento a gemer pelo arvo- [redo. Que tristeza! Que tédio! Que de- [grêdo! Que ânsia de ver a que não vejo [agora

★ ★ ★ ★ ★

lui-mêmo, dans la mesure — qui apparaît de plus en plus discutable — où il se confond avec le narrateur du Temps perdu, quand il déclare: "Le sentiment de la justice m'était inconnu jusqu'à une complète absence de sens moral" (P II, p. 119). Son sens moral n'est sans doute pas celui des esprits vulgaires et simplistes, exigeant des distinctions tranchées entre le bien et le mal, et voulant que chaque être se présente à cet égard d'un seul bloc; il n'est pas non plus celui des faiseurs de systèmes. C'est le sens moral d'un homme sensible peut-être avec excès, doué d'une imagination qui lui fait éprouver toutes les joies et plus encore tous les tourments de la sympathie, mais aussi d'un esprit implacablement lucide, qui se refuse à toute complaisance pour les faiblesses humaines. On a pu prendre dans l'œuvre de Marcel Proust des leçons d'esthétique littéraire, de composition et de style, des leçons de sociologie et de psychologie. Il y a aussi à y prendre des leçons de morale, et ce ne sont pas les moins importantes de celles qu'enseigne son livre.

(Trecho do volume inédito — "La leçon de Marcel Proust.

E chove. A natureza inteira chora o pranto que eu chorar quizera, a [medo, neste silêncio atroz, neste segrêdo, assim de lábio mudo e alma sonora.

Minha mãe — tão velhinha! — lá [por dentro cochila docemente... E eu me con- [centro: que há de sonhar esse anjo sofre [dor? Sonha que o filho amado anda tris- [tonho, isolado, sonhando um grande so- [lho, faminto de esperança e êbrio de [amor..

Como se vê, não havia requintes

nem rebustecimentos na alma e na arte talvez ingênuas desse poeta. de de redigir com um jeito em que os críticos profissionais e rigorosos encontrariam falhas a registrar, mas que lhe conseguia versos correntes e claros. Seus sentimentos não se elevavam a fulgurações nem autênticas nem fictícias. Mindelo não viveu, aliás, numa época em que os autores de poemas fizessem questão de impenetrabilidades e subconsciências: faziam questão de ser sonoros e aplaudidos. Com isso e para isso, valiam-se das percepções fundamentais de todo homem, inclusive a percepção, tantas vezes inarticulada, de que a vida é incompleta.

Mindelo sentiu-o direta e como que organicamente. Não se embriagou como fazem tantos, fugindo da vida a pretexto de lutar por ela ou de vencê-la: ficou deante dela, torturado mas insistente e inflexível. Neste sentido, foi um grande poeta: deixou o coração exposto aos sois e às chuvas do destino mas não desistiu. Nada achou que o contentasse: nem o amor em que foi infeliz, nem a fé que não teve, nem a razão que não lhe mostrou o caminho verdadeiro e não o cansou e distraiu nos labirintos do estudo e da ciência. Até o fim, ele se limitou a encarar as esfinges.

Não pode ser a vida simplesmente, esta dor, esta luta sem razão: impossível desejo renascente... ânsia eterna... fatal desilusão... Certa finalidade se pressente na alma das coisas. Nosso esforço [é vão apenas quando quer negar, [mente quando foge à Verdade e à Per- [feição. Não há, não pode haver, em abso- [luto, alma descrente, coração enrruto, incapaz de sentir e compreender. Por mais revel que o espírito pa- [reça, há de ter um momento em que es- [tremeça ante o mistério do seu próprio ser.

Esse era, além do amor, o outro tema central de José Mindelo — essa necessidade de decifrar os segredos do ser e da vida ou, pelo menos, de não os esquecer nunca. Incontáveis sonetos seus revelam a insistente posição que ele assumiu e que chamava de "dúvida". Mas, que se poderia considerar uma dú- plíce dúvida: porquanto se ele às vezes, duvidava da existência de um mundo superior aos sentidos, — o de que du- dava, outras vezes, era da permanência e segurança do mundo que via e tocava. E é bem provável que tenha insistido mais sobre este aspecto do que sobre aquele.

No íntimo, como se lançasse um grito nas trevas, não descreu jamais. Se não creu, pelo menos esperou. Mesmo quando ignorava o Criador, afirmou sempre a grandeza da criação. E, auscultando-se a si mesmo, teve a lúcida coragem de perceber:

Quando, em nosso Caminho Je [ Ventura, encontramos, de súbito, a amar- [ gura. — a alma parece, então, ficar [ maior.

Isso lhe fôra comunicado acerbamente, durante os anos que viveu na terra, de 1898 a 1933.

FABRICAS DE LATAS PARA GAZOLINA, QUEROZENE, OLEOS E QUAISQUER OUTROS TIPOS.

FONE 3375 RUA DA AURORA, 1343

CARAMELOS, CHOCOLATES, BOMBONS,

MASSAS ALIMENTÍCIAS, COLORAU, CANELA, PIMENTA, CUMINHO E TEMPERO:

LITOGRAFIA — TIPOGRAFIA — ESTAMPARIA.

## RENDA PRIORI & CIA.

MATRIZ: RUA PE. MUNIZ, 127 A 139 FONES: ( ESCRITÓRIO 6025 ( SEC. GRAFICA 6977 RECIFE - PERNAMBUCO

END. TELEG.: RENDA

FILIAIS: BELEM - PARA CAIXA POSTAL, 650 SALVADOR - BAHIA CAIXA POSTAL, 238



*PAULO AFONSO avança a passos largos...*

*... com* **INTERNATIONAL HARVESTER**



PERSPECTIVAS das mais promissoras surgem para o nordeste, com o rápido desenvolvimento dos trabalhos de Paulo Afonso. Mais alguns anos o sonho acautelado por tantos brasileiros, será uma realidade, promovendo a eletrificação de uma das mais ricas regiões do Brasil.

Removendo terras, abrindo estradas, tratorando, transportando, criando novos rumos ao progresso, os produtos INTERNATIONAL HARVESTER são as "botas de sete léguas" para um futuro melhor, quando se deseja sempre o melhor.

A linha INTERNATIONAL HARVESTER oferece aos senhores consultores, proprietários, homens dos campos, etc. os mais modernos produtos para a indústria, comércio, transportes e agricultura.

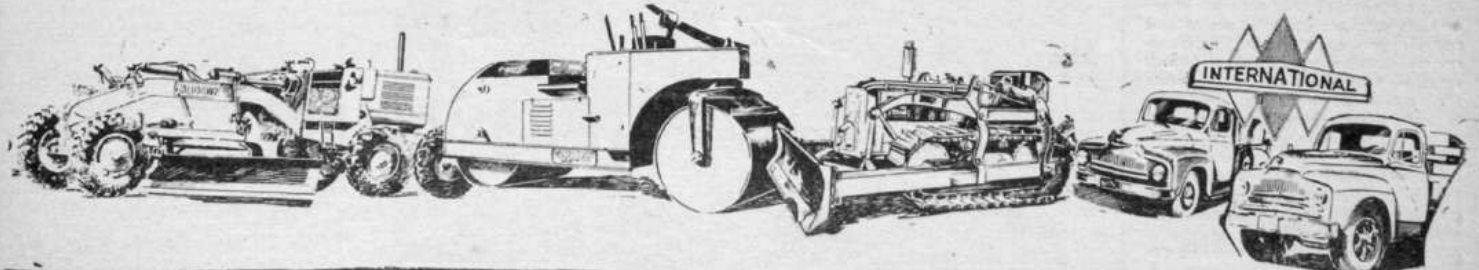
Visitem nosso departamento INTERNATIONAL HARVESTER, no Edifício Almare-Anexo.

SOLICITEM MELHORES INFORMES SOBRE OS PRODUTOS

- \* TRACTORES
- \* CAMINHÕES
- \* CAMINHONETES
- \* MOTORES
- \* MOTO-NIVELADORAS
- \* ROLOS COMPRESSORES
- \* GRUPOS GERADORES
- \* ETC.

**INTERNATIONAL HARVESTER**  
**Carvalho & Cia.**

Edifícios Almare e Almare-Anexo — RECIFE — PERNAMBUCO



**HA SEMPRE UM PRODUTO "INTERNACIONAL HARVESTER" QUANDO SE VISAM RAPIDES E ECONOMIA**

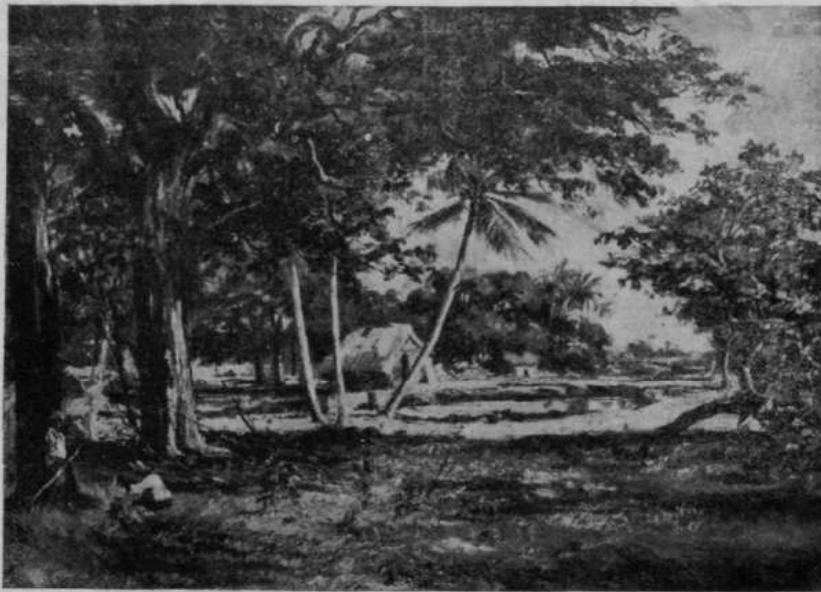
Exposição comemorativa no Museu do Estado — Conferência do professor Anibal Fernandes na Escola de Belas Artes.

Telles Junior é o grande paisagista pernambucano quase desconhecido do resto do país. Em 2 de agosto deste ano, no primeiro centenário de seu nascimento, realizou-se uma exposição de suas telas no Museu do Estado, sob o patrocínio da Secretaria da Educação e Cultura. José Maria de Albuquerque Melo, diretor do Museu, não mediu esforços para que a exposição comemorativa se revestisse de um brilho singular. Daí, além das telas de propriedade do Museu, o grande número de quadros de coleções particulares que lá figuraram de 2 a 20 de agosto corrente. Vale destacar também o material de trabalho de Teles Junior, doação recente da família do artista ao Museu, que figurou pela primeira vez numa exposição de quadros do paisagista pernambucano.

**OS QUADROS**

Foram expostos numa ampla sala do Museu do Estado 57 trabalhos de Telles Junior segundo relação seguinte: 3 retratos (óleo), 2 marinhas (óleo), 1 natureza morta (óleo), 5 paisagens (óleo), 1 trabalho em carvão (Corveta de Harley), 1 trabalho em nankim, pertencentes à família Telles Junior. 2 retratos (óleo), da Associação Comercial de Pernam-

# I CENTENARIO DO NASCIMENTO DO PINTOR TELLES JUNIOR



bucos, 2 paisagens (óleo), pertencentes ao Dr. Odilon Ribeiro Coutinho. 1 paisagem (óleo) e 1 trabalho em nankim, pertencentes ao sr. Clélio de Sá Leitão. 3 paisagens (óleo), pertencentes ao dr. Antiógenes

Chaves. 3 paisagens (óleo) e 1 aquarela pertencentes ao dr. João Peretti. 1 natureza morta (óleo) pertencente ao dr. Arsênio Tavares. 1 paisagem (óleo), pertencente ao Palácio do Governo. 1 retrato (óleo),

da coleção do Liceu de Artes e Ofícios. 4 paisagens (óleo) e 1 marinha (óleo), pertencentes ao sr. Luiz Seixas. 1 natureza morta (óleo) pertencente ao dr. Custódio de Oliveira. 4 marinhas, 1 composição e

17 paisagens (tódas a óleo), da coleção do Museu.

**O MATERIAL DE TRABALHO DE TELLES JUNIOR**

A família Telles Junior, num gesto de admirável compreensão e sensibilidade, doou ao Museu do Estado o seguinte material de trabalho de Telles:

Cavelete mecânico com uma tela inacabada. Tintas e pincéis. Espátulas. 1 colher de paleta. 1 raspadeira. 2 godets. 1 latinha de verniz contendo as pedrinhas que Telles Junior trouxe de Nazaré do Cabo, no ano de 1906, quando lá foi em excursão de estudo. Diversas fotografias do artista. A paleta de Telles.

Com as telas que possui e com esse material, pensa o diretor do Museu em organizar, em definitivo, uma sala TELLES JUNIOR.

**A CONFERÊNCIA DE ANIBAL FERNANDES**

A convite do Governo de Alagoas, o professor e jornalista Anibal Fernandes, pronunciou em Maceió uma conferência sobre Pedro Américo, Rosalvo Ribeiro e Telles Junior que repetiu aqui, na Escola de Belas Artes, por solicitação do Diretório Acadêmico daquela escola.

Nessa conferência, Anibal Fernandes estuda a obra artística de Telles e a sua projeção nacional. Salienta o seu talento em face do autodidatismo de sua formação artística e o valor plástico de seus quadros.



Ao lado: Óleo de Telles Junior (quadro inacabado, pertencente à família do artista.

Em baixo: Óleo de Telles Junior — VENTANIA — (da coleção do Museu do Estado)

Em cima: Óleo de Telles Junior — Coqueiro caído — (Praia de Venda Grande — Pernambuco) Coleção do Museu do Estado

**A PRIMEIRA MOSTRA DE PINTURA DO GRANDE POETA BRASILEIRO SERÁ REALIZADA EM SETEMBRO, NO RECIFE, SOB O PATROCÍNIO DESTA REVISTA**

Jorge de Lima, o poeta de "Nêga Fulô", o romancista do "Anjo", "Calunga" e "Guerra dentro do Bêco", o incomparável Jorge de Lima dos sonetos irá expor, pela primeira vez, os seus quadros por sugestão dos diretores da revista "Nordeste". Quando da sua recente estada entre nós, Jorge de Lima prometeu que mandaria os seus trabalhos para que "Nordeste" organizasse a sua primeira exposição de pintura. E agora, em telegrama a seu irmão, o poeta Mateos de Lima, Jorge avisa que já embarcaram 3 engradados contendo cerca de 40 telas do pintor.

Recife será a primeira cidade do Brasil a admirar esta outra face do artista que é Jorge de Lima, quer como poeta ou romancista e agora, para o público, como pintor.

A sua exposição marcará época na vida artística brasileira.



**SUMÁRIO**

Artigos de Olívio Montenegro, Luiz Delgado, Gláucio Veiga e Nilo Pereira.

Trecho inédito de um livro sobre Proust, enviado especialmente para esta revista, pelo sr. André Ferré.

Conferência do prof. Nelson Chaves.

Capítulo do livro inédito de Silvíno Lopes, "Memórias de um sargento de malícias".

Reportagem de Jorge Abrantes Tópicos — Reportagens — Noticiário cultural.

No I Centenário de Nascimento do Pintor Telles Júnior.